

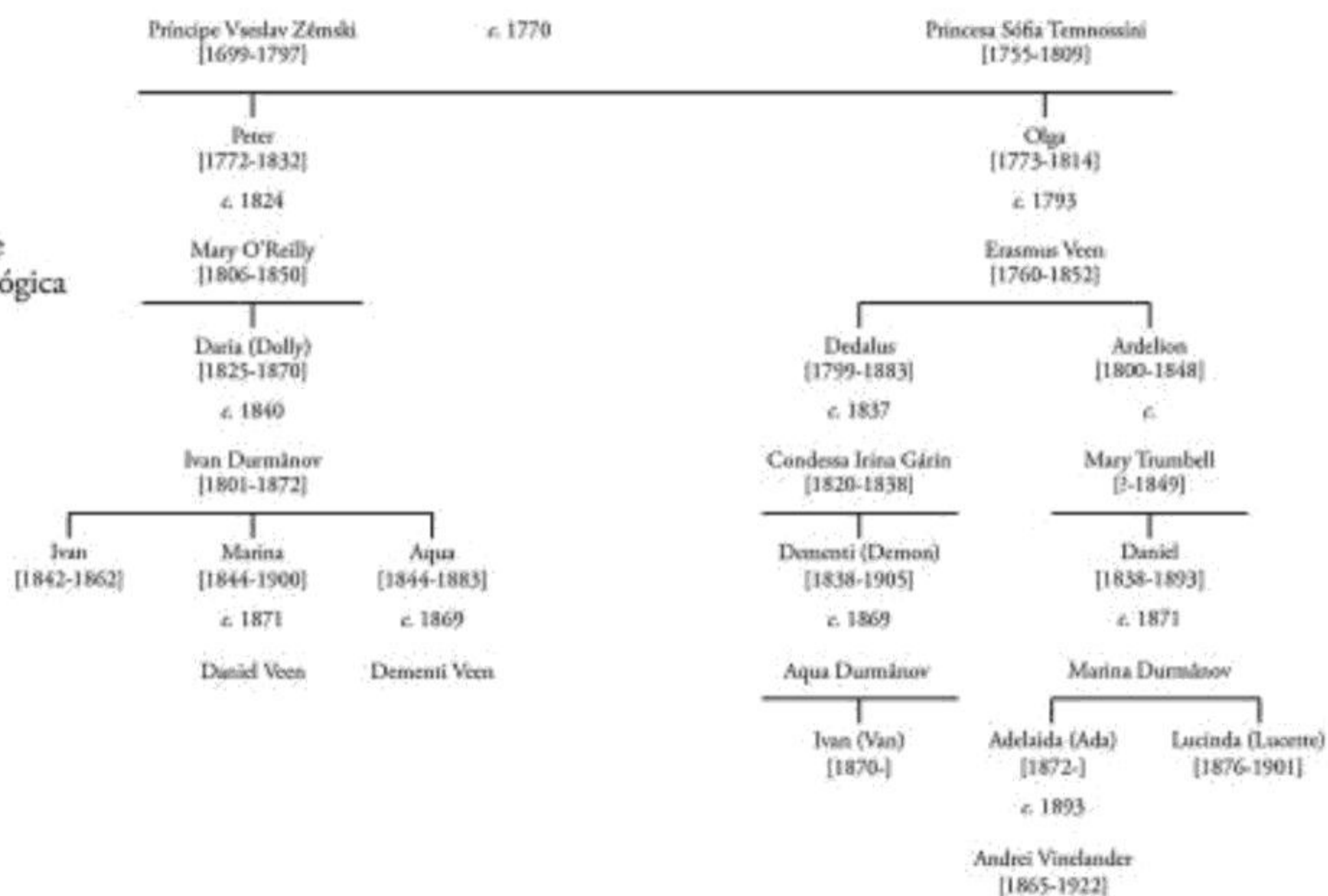
VLADIMIR NABOKOV

Ada ou ardor
Crônica de uma família

TRADUÇÃO
Jorio Dauster

ALFAGUARA


Árvore genealógica



Excetuados o sr. e a sra. Ronald Oranger, uns poucos personagens secundários e alguns cidadãos não americanos, todas as pessoas citadas pelo nome neste livro já estão mortas.

[Ed.]

PRIMEIRA PARTE

1

“Todas as famílias felizes são mais ou menos diferentes; todas as famílias infelizes são mais ou menos semelhantes”, disse um grande escritor russo no início do famoso romance *Anna Arkadievitch Kariênina* (transfigurado em inglês por R. G. Stonelower, Editora Mount Tabor, 1880). Essa afirmação tem pouca ou nenhuma relação com o que será relatado aqui, a crônica de uma família cuja primeira parte talvez esteja mais próxima de outra obra de Tolstói, *Diétstvo i Ótrotchestvo (Infância e pátria)*, Editora Pontius, 1858).

A avó materna de Van, Daria (“Dolly”) Durmânov, era filha do príncipe Peter Zemski, governador de Bras d’Or, uma província norte-americana no nordeste de nosso grande e variado país. O príncipe se casara em 1824 com Mary O’Reilly, uma socialite irlandesa. Dolly, filha única do casal e nascida em Bras, casou-se em 1840, no frescor indócil de seus quinze anos, com o general Ivan Durmânov, comandante do Forte de Yukon e pacífico proprietário rural. Ele possuía terras nos Severn Tories (*Siéviernia Territóri*), o protetorado composto de quadradinhos que muitos ainda chamam carinhosamente de Estócia “russa” e que se funde, orgânica e granoblasticamente, com a Canádia “russa”, também conhecida como Estócia “francesa”, onde colonos não apenas franceses, mas também macedônios e bávaros, desfrutam de um clima aprazível sob as estrelas e listras de nossa bandeira.

No entanto, a propriedade favorita dos Durmânov era Raduga, próxima do vilarejo de igual nome e já fora das fronteiras da Estócia, pois se situava na vertente atlântica do continente, entre a elegante Kaluga

(New Cheshire, Estados Unidos da América), e a não menos elegante Ladoga (Mayne). Lá ficava a residência citadina dos Durmânov, e nela haviam nascido seus três filhos: um homem, que morreu jovem e famoso, e duas gêmeas bem difíceis. Dolly herdara não só a beleza e o temperamento de sua mãe, mas também, graças a fortes traços ancestrais, um gosto excêntrico e não raro deplorável, de que eram exemplo os nomes que deu a suas filhas: Aqua e Marina. (“Por que não Tofana?”, havia perguntado o bom e regiamente corneado general com um risinho contido, seguido da falsa tosse que significava ter sido encerrada de vez a gracinha pois ele morria de medo dos acessos de ira da esposa.)

Em 23 de abril de 1869, enquanto uma chuvinha quente parecia encobrir com um véu diáfano a verdejante Kaluga, Aqua, com vinte e cinco anos e sofrendo de sua habitual enxaqueca primaveril, casou-se com o descendente de uma velha família anglo-irlandesa, Walter D. Veen, um banqueiro de Manhattan que por longo tempo mantivera, e em breve voltaria a manter (ainda que de forma intermitente), uma tórrida relação amorosa com Marina. A própria Marina, em algum dia do ano de 1871, se casou com o primo em primeiro grau de seu primeiro amante, também chamado Walter D. Veen, tão rico quanto o outro, porém bem mais enfadonho.

O “D” no nome do marido de Aqua substituía a palavra Demon (uma forma de Demian ou Dementius), e assim o chamavam seus familiares. Em sociedade, era geralmente conhecido como Veen Preto ou simplesmente Walter Moreno, para distingui-lo do marido de Marina, Walter Durák ou simplesmente Veen Vermelho. O duplo passatempo de Demon consistia em colecionar velhos mestres e jovens amantes. Ele também apreciava trocadilhos de idade intermediária.

A mãe de Daniel Veen pertencia à família dos Trumbell, e ele estava sempre pronto a explicar detalhadamente — a menos que um especialista em chatos conseguisse desviá-lo do assunto — como, no curso da história norte-americana, um “*bull*” (touro) inglês se

transformara num “*bell*” (sino) da Nova Inglaterra. Sabe-se lá como, aos vinte e poucos anos Daniel se interessara pelos negócios e, com uma desenvoltura que não lhe era nem um pouco característica, havia se transformado num marchand de arte em Manhattan. Não tinha — ao menos no início — nenhum gosto pela pintura, nenhuma aptidão pelo comércio e nenhuma necessidade de submeter aos azares de um “emprego” a sólida fortuna que herdara de uma série de Veens bem mais competentes e ousados do que ele. Confessando-se não muito chegado à vida no campo, passava apenas alguns fins de semana de verão (e assim mesmo cuidadosamente protegido do sol) na sua magnífica mansão em Ardis, perto de Ladore. Desde a infância, somente algumas vezes revisitara outra propriedade rural que possuía ao norte, no lago Kitej, perto de Luga. Na verdade, quase toda a área da propriedade era tomada por uma imensa massa d’água estranhamente retangular, embora seu formato fosse obra exclusiva da natureza. Certa feita, uma perca cronometrada por Daniel havia levado meia hora para cruzar na diagonal o lago, cuja propriedade era compartilhada com seu primo, grande pescador na juventude.

A vida erótica do pobre Dan não era nem bela nem complicada, mas, de alguma forma (bem cedo se esquecera das circunstâncias precisas, assim como a gente se esquece das medidas e do preço de um sobretudo feito com todo o capricho e usado vez por outra durante ao menos uns dois invernos), ele havia se apaixonado comodamente por Marina, cuja família conhecia desde quando os Durmânov ainda possuíam a mansão de Raduga, vendida mais tarde para o sr. Eliot, um comerciante judeu. Certa tarde, na primavera de 1871, ele propôs casamento a Marina enquanto subiam no elevador do primeiro edifício de dez andares construído em Manhattan; como sua proposta foi rejeitada com indignação no sétimo andar (Brinquedos), ele desceu sozinho e, para esfriar a cabeça, iniciou um périplo triplo em volta do mundo na direção contrária à de Fogg, retomando a cada vez, como se fosse um paralelo

vivo, o mesmo itinerário. Em novembro de 1871, enquanto fazia planos para a noite com o mesmo cicerone que já contratara duas vezes (um sujeitinho meio fedorento mas simpático, vestindo um terno cor de café com leite) no mesmo hotel de Gênova, recebeu um aerograma de Marina (retransmitido por seu escritório de Manhattan com uma semana de atraso devido ao engano de uma secretária novata, que o havia posto no escaninho identificado pelo rótulo AMOR). A mensagem, entregue numa salva de prata, dizia que Marina se casaria com ele tão logo retornasse à América.

Dentre outros velhos papéis que haviam sobrevivido no sótão da Mansão de Ardis, um jornal (que recentemente começara a publicar na seção de histórias em quadrinhos o há muito extinto “Boa Noite, Crianças”, com o adorável casal de irmãos Nicky e Pimpernella que dividia uma cama bem estreita) informava em seu suplemento dominical que o matrimônio que unira as famílias Veen e Durmânov tinha sido celebrado no dia de Santa Adelaide, em 1871. Doze anos e uns oito meses depois, duas crianças nuas — um menino moreno queimado de sol, uma menina de cabelos negros e pele muito clara —, inclinando-se sobre caixas empoeiradas no feixe de sol quente que varava a lucarna da água-furtada, cotejaram essa data (16 de dezembro de 1871) com outra (16 de agosto do mesmo ano) anacronicamente garatujada na letra de Marina no canto de uma fotografia tirada por algum profissional. Enquadrada numa moldura de pelúcia cor de framboesa e exposta sobre a escrivaninha na biblioteca de seu marido, essa fotografia era idêntica à reprodução estampada no jornal em todos os detalhes — inclusive no indefectível movimento do véu ectoplásmico da noiva, parcialmente enfunado por uma brisa que vinha do adro da igreja e soprava obliquamente através das calças do noivo. Uma menina nasceu no dia 21 de julho de 1872 em Ardis, residência de seu suposto pai no condado de Ladore, e por alguma obscura razão mnemônica foi registrada com o

nome de Adelaida. Outra filha, dessa vez realmente de Dan, nasceu em 3 de janeiro de 1876.

Além desse velho recorte ilustrado da *Kaluga Gazette* (ainda presente nas bancas, mas bastante gagá), nossos travessos Pimpernel e Nicolette encontraram no mesmo sótão um baú de metal que continha (segundo Kim, o ajudante de cozinha de quem se falará mais tarde) um volume enorme de microfilmes trazidos de suas viagens pelo *globetrotter*, com curiosos bazares, querubins exageradamente pintados e garotos no ato de urinar reaparecendo três vezes em lugares diferentes e em diferentes tons heliocrômicos. Naturalmente, no momento em que seu dono estava constituindo uma família, não ficava bem exhibir certas tomadas de interior (tais como as cenas grupais em Damasco, em que ele aparecia no papel principal ao lado do arqueólogo de Arkansas, que não largava o charuto e revelava uma cicatriz fascinante na região do fígado, assim como as três prostitutas gordas e a ejaculação precoce do velho Archie, saudada com palmas brincalhonas pelo terceiro membro masculino da *troupe*, um simpático inglês). No entanto, a maior parte dos filmes, acompanhados de notas puramente factuais (nem sempre fáceis de achar devido à colocação errônea ou aleatória dos marcadores enfiados nos numerosos guias de viagem espalhados por toda parte), foi mostrada diversas vezes por Dan a sua jovem esposa durante a instrutiva lua de mel que passaram em Manhattan.

A melhor descoberta das duas crianças, entretanto, surgiu numa caixa pertencente a uma camada ainda mais remota do passado. Tratava-se de um pequeno álbum verde em que Marina havia colado com cuidado as flores que colhera ou ganhara em Ex, uma estação de férias nas montanhas perto de Brig, na Suíça, onde ela passara algum tempo antes de se casar, a maior parte num chalé alugado. As primeiras vinte páginas eram enfeitadas com diversas plantinhas colhidas ao acaso, em agosto de 1869, nas colinas relvadas acima do chalé, no parque do Hotel Florey, ou no jardim do sanatório vizinho (“minha *nusshaus*”, como o chamava a

pobre Aqua fazendo um jogo de palavras com “*nut house*” — hospício —, enquanto Marina, mais recatadamente, o identificava em suas anotações da localidade como “*the Home*” — a Casa). Essas páginas iniciais não apresentam grande interesse botânico ou psicológico, e as últimas cinquenta permaneceram em branco; mas a parte do meio, com uma notável redução no número de espécimes, revelou-se um verdadeiro melodrama interpretado pelos fantasmas das flores mortas. Os espécimes estavam colados na página do lado esquerdo do álbum, com as notas de Marina Dourmanoff (*sic*) do lado direito.

Aquilégia azul dos Alpes, Ex-en-Valais, 1.ix.69. De um inglês hospedado no hotel. “Columbina alpina, a cor de seus olhos.”

Pilosela (*Hieracium auricula*), 25.x.69, Ex, *ex* do jardim alpino murado do dr. Lapiner.

Folha dourada (ginkgo): caída de um livro, *A verdade sobre a Terra*, que Aqua me deu antes de voltar para a Casa. 14.xii.69.

Edelvais artificial trazida por minha nova enfermeira com um bilhete de Aqua dizendo que a flor havia sido retirada da árvore de Natal “*mizerno* e estranha” da Casa. 25.xii.69.

Pétala de orquídea, uma das 99 orquídeas (imagine!) enviadas ontem para mim, por entrega especial, *c’est bien le cas de le dire*, da Villa Armina, Alpes Marítimos. Separei dez para serem levadas a Aqua na Casa. Ex-en-Valais, Suíça. “Está chovendo na bola de cristal do Destino”, como ele costumava dizer. (Data apagada.)

Genciana-dos-jardins, rara, trazida pelo *lápotchka* (querido) Lapiner de seu “*gentiarium* mudo”. 5.i.1870.

[mancha de tinta azul com o formato acidental de uma flor, ou tentativa de cobrir alguma palavra embelezando o borrão com uma caneta hidrográfica] *Compliquaria compliquata* var. *aquamarina*. Ex, 15.i.70.

Vistosa flor de papel, encontrada na bolsa de Aqua, Ex, 16.ii.1870, feita por um paciente da Casa, à qual ela não mais pertence.

Genciana vernal (*printanière*). Ex, 28.iii.1870, no gramado do chalé de minha enfermeira. Último dia aqui.

Os dois jovens descobridores desse estranho e repugnante tesouro assim o comentaram:

“Deduzo”, disse o garoto, “três fatos principais: que Marina, ainda solteira, e sua irmã Aqua, já casada, passaram o inverno no meu *lieu de naissance*; que Marina tinha, *pour ainsi dire*, seu próprio doutor Krolik; e que as orquídeas foram mandadas por Demon, que preferia ficar perto do mar, sua bisavó azul-escura.”

“Posso acrescentar”, disse a garota, “que a pétala pertence à bem conhecida orquídea-borboleta, que minha mãe era ainda mais louca que sua irmã e que a flor de papel, desprezada de forma tão arrogante, é uma reprodução perfeitamente reconhecível das sanículas que brotam no princípio da primavera e que eu vi em profusão nas colinas da costa da Califórnia em fevereiro do ano passado. O dr. Krolik, nosso naturalista local a quem você, Van, se referiu, tal como Jane Austen poderia fazê-lo, para tornar o relato mais rápido (você se lembra de Brown, não é, Smith?), identificou o exemplar que eu trouxe de Sacramento para Ardis como um *Bear-Foot* (Sanícula pé-de-urso), B, E, A, R, meu querido, e não *bare foot* (pé nu), como o meu, o seu ou o da *Semeadora de flores estabiana* — uma alusão que teu pai (que segundo Blanche também é meu pai) entenderia assim” (estalando os dedos no estilo norte-americano). “Você vai me agradecer”, ela continuou, abraçando-o, “por eu não ter mencionado o nome científico da flor. Aliás, o outro pé — o pé-de-leão (edelvais) proveniente do triste pinheirinho de Natal — foi feito pela mesma pessoa, possivelmente um jovem chinês muito doente que saiu da Universidade de Barkley direto para a Casa.”

“Muito bem, Pompeianella! A que *você* viu semeando flores num dos livros de arte do tio Dan, *eu* tive a oportunidade de apreciar diretamente num museu de Nápoles no último verão. E agora, garota, você não acha que devemos vestir nossos calções e camisas e descer para enterrar ou queimar este álbum imediatamente? Vamos?”

“Vamos”, respondeu Ada. “Destruir e esquecer. Mas ainda temos uma hora antes do chá.”

Voltemos à referência à “avó azul-escura”, que ficou lá atrás sem explicação. Um antigo vice-rei da Estócia, o príncipe Ivan Temnossíni, pai da trisavó das crianças, a princesa Sófía Zêmski (1755-1809), e descendente direto dos soberanos de Iároslav dos tempos pré-tártaros, tinha um sobrenome milenar que significa em russo “azul-escuro”. Van era imune às fortes emoções que muitos sentem com relação a suas origens ancestrais, além de indiferente ao fato de que os tolos atribuem ao esnobismo tanto o desinteresse quanto o fervor provocados por esses laços; todavia, não podia deixar de sentir um certo prazer estético ao entrever o pano de fundo aveludado que, como um céu de verão confortador e onipresente, se estendia por trás dos ramos negros de sua árvore genealógica. Entrado em anos, ele nunca mais pôde reler Proust (como nunca mais foi capaz de degustar a goma perfumada de um doce turco) sem que lhe subisse do estômago uma onda de náusea, um travo cortante de azia. E, apesar disso, sua passagem favorita continuava a ser aquela relativa ao nome “Guermantes”, cujo tom purpúreo se mesclava em seu prisma mental com o vizinho tom ultramarino, espicaçando agradavelmente a vaidade artística de Van.

Palavras coloridas, prisma mental? Mais um ataque de sinestesia? (nota feita à margem na caligrafia de Ada Veen em anos recentes).

2

A relação amorosa entre Marina e Demon Veen teve início no dia do aniversário dele, dela e de Daniel Veen, 5 de janeiro de 1868, quando ela tinha vinte e quatro anos e os dois Veen, trinta.

Como atriz, Marina nada tinha daquela qualidade fulgurante que faz o ofício do mímico, ao menos enquanto dura o espetáculo, algo mais valioso do que o preço que se tem de pagar por certas características teatrais como a insônia, a excentricidade dos dramaturgos ou a arrogância artística. Naquela noite, entretanto, com uma neve fofa caindo docemente mais além dos veludos e dos vitrais, *la Durmanska* (que pagava ao grande Scott, seu empresário, sete mil dólares de ouro por semana apenas para fins publicitários, além de um belo bônus por cada contrato) havia se revelado, desde o início da ridícula apresentação (uma peça norte-americana retalhada por um escriba pretensioso de um célebre romance russo), tão sublime, tão adorável, tão excitante que Demon (jamais um *gentleman* em questões amorosas) fez uma aposta com o príncipe N., seu vizinho na primeira fila de poltronas, distribuiu gorjetas entre todos os empregados que tomavam conta das dependências dos artistas e, por fim, num *cabinet reculé* (como um escritor francês de outrora poderia ter misteriosamente chamado aquele quatinho em que terminaram por se amontoar um trompete quebrado, as argolas do poodle acrobata de algum palhaço esquecido e muitos potinhos empoeirados de artigos de maquiagem), a possuiu entre duas cenas (capítulos três e quatro do romance martirizado). No primeiro desses capítulos, ela havia se despido, graciosa silhueta por trás de um biombo

translúcido, e reaparecido envolta numa camisola vaporosa e provocadora, dedicando o resto da medíocre cena a falar sobre um fidalguete local, o barão d'O, com uma velha babá que calçava botas de esquimó. Louvando-se na infinita sabedoria da camponesa, ela se sentou na borda da cama e, empunhando uma pena de ganso, usou a mesinha de cabeceira com pés de cabra para redigir uma carta de amor. Gastou os cinco minutos seguintes para lê-la numa voz langorosa apesar de bastante alta, embora não se saiba em benefício de quem, pois a babá, sentada num baú de marinheiro, caíra no sono, enquanto os espectadores estavam muito mais interessados no brilho do luar artificial sobre os braços nus e os seios palpitantes da moçoila apaixonada.

Antes mesmo que, arrastando os pés, a velha esquimó se retirasse com a mensagem, Demon Veen havia deixado a poltrona de veludo cor-de-rosa e iniciara as providências para ganhar a aposta, cujo resultado parecia assegurado pelo fato de que, embora virgem, Marina era muito fogosa e estava apaixonada por ele desde que tinham bailado na véspera do Ano-Novo. Além disso, o luar tropical que a banhara havia pouco, o reconhecimento penetrante de sua própria beleza, os impulsos ardentes da moçoila fictícia e os aplausos galanteadores de uma casa quase cheia a tornavam particularmente vulnerável às fricções do bigode de Demon. Ela também dispunha de todo o tempo do mundo para se vestir antes de entrar novamente em cena, graças ao longo entreato executado por uma companhia russa de balé contratada por Scott, a qual havia ocupado dois vagões-leitos no trem que a trouxe de Bielokonsk, na Estócia Ocidental. Em esplêndido pomar, numerosos jardineiros jovens e alegres, vestindo por alguma estranha razão roupas típicas das tribos georgianas, se empanturravam de framboesas, enquanto numerosas criadas, igualmente implausíveis nos seus *charovars* (alguém tinha cometido um erro — a palavra “*samovars*” deve ter saído truncada no aerograma do empresário), colhiam com grande afã *marshmallows* e amendoins dos ramos das árvores frutíferas. A um sinal invisível de origem dionisíaca, todos se

lançaram numa dança frenética chamada *kurva*, ou “pança das fitas” no hilariante programa, cujos erros clamorosos fizeram com que Veen (ainda sentindo a pele formigar, mas com as entranhas mais leves e a nota de dinheiro avermelhada do príncipe N. no bolso) quase caísse da poltrona.

Seu coração parou de bater por alguns segundos (perda que jamais lastimou) quando ela, num vestido cor-de-rosa, entrou correndo no pomar, o rosto em brasa, gestos elétricos, e recebeu uma calorosa salva de palmas — conquanto superada, e de longe, pela ovação com que a plateia, sentada, comemorou o instantâneo desaparecimento da trupe de transfigurantes tão idiotas quanto dinâmicos procedente de Liasca — ou da Ivéria. Seu encontro com o barão d’O, que surgiu em passos lentos de uma aleia lateral usando esporas e vestindo um paletó com longas abas verdes, por algum motivo deixou de ser registrado pela mente de Demon, tão maravilhado estava ele com o breve abismo de absoluta realidade entre duas falsas fulgurações de vida fictícia. Sem esperar pelo fim da cena, saiu às pressas do teatro para a noite cristalina, os flocos de neve enfeitando com pequenas estrelas sua cartola enquanto ele caminhava para casa, no quarteirão vizinho ao do teatro, a fim de preparar uma ceia magnífica. Quando foi buscar sua nova amante no trenó chocalhante, chegara abruptamente ao fim o balé de generais caucasianos e cinderelas metamorfoseadas que tinha ocupado uma parte do último ato, e o barão d’O, agora de fraque e luvas brancas, estava ajoelhado no meio do palco vazio segurando a sapatilha de vidro que a inconstante senhorita lhe deixara ao escapar de sua investida tardia. A claque já estava cansada e de olho nos relógios quando Marina, envolta num manto negro, deixou-se cair nos braços de Demon no trenó em forma de cisne.

Divertiram-se loucamente, viajaram, brigaram e voltaram a viver juntos. No inverno seguinte, ele começou a suspeitar de que Marina o estava traindo, embora fosse incapaz de determinar quem era seu rival.

Em meados de março, num almoço de negócios com um especialista em arte — um sujeito magro e simpático, de jeitão descontraído, vestindo uma casaca de corte antigo —, Demon ajeitou o monóculo, abriu a fechadura de um estojo especial, de lá retirou um pequeno desenho a bico de pena e disse que pensava (de fato não tinha nenhuma dúvida, mas desejava que sua avaliação fosse admirada) se tratar de um exemplar desconhecido da terna arte de Parmigianino. Representava uma jovem nua, sentada de lado num banco emoldurado por uma guirlanda de convólculos e trazendo na mão semierguida uma maçã que mais parecia um pêssgo. O desenho inspirava em seu descobridor uma atração adicional ao lembrar Marina no momento em que, tendo saído de um banheiro de hotel para atender o telefone, se empoleirou no braço de uma poltrona e cobriu com a mão o receptor a fim de lhe perguntar algo que ele não conseguia entender porque o rugir da água caindo na banheira abafava o sussurro de sua amante. Ao barão d’Onsky, bastou um olhar sobre aquele ombro alteado e certos efeitos vermiculares da delicada vegetação para confirmar a suspeita de Demon. D’Onsky tinha a reputação de não mostrar o menor sinal de emoção estética diante da mais bela obra-prima; dessa vez, contudo, pôs de banda sua lupa como o faria com uma máscara e, permitindo-se um sorriso em que se mesclavam a surpresa e o prazer, deixou que sua vista desimpedida acariciasse tanto a maçã aveludada quanto as covinhas e reentrâncias musgosas do corpo nu. Será que o sr. Veen estaria disposto a lhe vender o desenho naquela mesma hora? O sr. Veen não estava. Skonky (como Demon o chamava num jogo de palavras com “*skunk*”, a malcheirosa jaritataca) teria de contentar-se com o glorioso pensamento de que, até aquele dia, ele e seu afortunado proprietário eram as únicas pessoas que haviam admirado a obra *en connaissance de cause*. O desenho voltou para o tegumento feito sob medida. Porém, após terminar seu quarto copo de conhaque, d’O suplicou por uma derradeira olhadela. Os dois estavam meio bêbados, e Demon pensou com seus botões que a semelhança

bastante banal entre aquela moça edênica e uma jovem atriz, que seu visitante sem dúvida teria visto nas encenações de *Eugene e Lara* ou *Lenore Corvo* (ambas maldosamente malhadas por um jovem crítico “revoltantemente incorruptível”), deveria ser, ou poderia ser, objeto de algum comentário. Não foi. Ninfas daquele tipo de fato se parecem muito devido a sua limpidez precípua, uma vez que as similaridades entre corpos de natureza aquática e de tão tenra idade não passam de murmúrios de uma inocência natural e espelhos enganosos, este é o meu chapéu, o dele é mais velho, porém somos fregueses do mesmo chapeleiro em Londres.

No dia seguinte, Demon tomava chá em seu hotel predileto com uma senhora da Boêmia que nunca havia visto e jamais voltaria a ver (a qual desejava que ele a recomendasse para um emprego no departamento de Peixes e Flores de Vidro de certo museu de Boston), quando, de repente, ela interrompeu seu prolixo solilóquio para apontar Marina e Aqua, que cruzavam furtivamente o saguão com as peles azuladas e os olhares de enfado então na moda, acompanhadas de Dan Veen e seguidas por um cachorrinho.

“É curioso”, disse a senhora, “como essa atriz insuportável lembra a *Eva no clepsidrofone* no famoso desenho de Parmigianino.”

“Ele não tem nada de famoso”, disse Demon com tranquilidade, “e a senhora não poderia tê-lo visto. Não a invejo”, continuou. “O estranho que pisa sem saber na lama da vida de outra pessoa deve ter uma sensação muito nojenta. A senhora ouviu esse mexerico diretamente de um sujeito chamado d’Onsky ou do amigo de um amigo dele?”

“De um amigo dele”, respondeu a desafortunada senhora da Boêmia.

Interrogada nos calabouços de Demon, Marina, em meio a risadas estridentes, teceu uma fascinante teia de mentiras; depois se entregou, confessando o romance. Jurou que estava tudo acabado; que o barão, uma ruína física e um samurai espiritual, tinha ido de vez para o Japão. De fonte mais confiável, Demon soube que o verdadeiro destino do

samurai era o elegante Vaticano, uma estação de águas próxima a Roma, de onde ele pensava retornar a Aardvark, Massa, dentro de uma ou duas semanas. Preferindo por prudência matar seu desafeto na Europa (dizia-se que o decrépito mas indestrutível Gamaliel estava fazendo de tudo para proibir os duelos no hemisfério Ocidental — um boato falso ou o capricho passageiro de um presidente idealista, pois nada aconteceu), Demon alugou o mais veloz petrolplano disponível, alcançou em Nice o barão (que parecia gozar de excelente forma física), viu-o entrar na Livraria Gunter, entrou atrás dele e, na presença de um vendedor inglês imperturbável e com cara de quem está profundamente entediado, esbofeteou o perplexo barão, num movimento da esquerda para a direita, com uma luva cor de lavanda. O desafio foi aceito; duas testemunhas locais foram escolhidas; o barão decidiu-se por espadas; e, depois que certo volume de sangue de boa qualidade (polonês e irlandês — um tipo de “*Gory Mary*” na linguagem dos bares norte-americanos) salpicou dois torsos cabeludos, as lajotas caídas do terraço, os degraus que conduziam ao jardim cercado e formavam um cenário divertidamente digno de Douglas d’Artagnan, o avental de uma vendedora de leite que nada tinha a ver com a história e as mangas da camisa de ambas as testemunhas, o encantador *M. de Pastrouil* e o coronel *St. Alin*, um patife, apartaram os combatentes resfolegantes. Skonky morreu, não “de seus ferimentos” (como andaram dizendo as más-línguas), porém da desforra gangrenosa do menor deles, provavelmente infligido por ele próprio, uma picadinha na virilha que provocou problemas circulatórios apesar das várias intervenções cirúrgicas a que ele foi submetido no curso de dois ou três anos de longas internações no Hospital Aardvark de Boston, onde, aliás, se casou em 1869 com nossa amiga, a senhora da Boêmia, por essa época conservadora da Biota de Vidro do museu local.

Marina chegou a Nice alguns dias após o duelo e descobriu que Demon se recuperava na *Villa Armina*. No êxtase da reconciliação, nenhum dos dois lembrou-se de ludibriar a procriação, com o que teve

início o *intierésnoie polojênie* (“estado interessante”), sem o qual, na verdade, estas angustiadas notas jamais teriam visto a luz do dia.

(Van, confio no teu bom gosto e no teu talento, mas será que temos mesmo a *certeza* de que queremos retornar *com tamanho entusiasmo* àquele mundo cruel que, afinal de contas, talvez só tenha existido oniricamente? Anotação na margem feita por Ada na sua caligrafia de 1965; riscada muitos anos depois com um traço fino e trêmulo.)

Essa fase estouvada não foi a última, porém a mais breve — coisa de quatro a cinco dias. Ele a perdoou. Adorou-a. Queria muito casar com ela desde que abandonasse a “carreira” teatral imediatamente. Denunciou a mediocridade de seu talento e a vulgaridade dos que a cercavam, ouvindo em resposta, aos berros, que ele era uma pessoa vil, um monstro de crueldade. A partir de 10 de abril, a tarefa de cuidar dele passou a ser exercida por Aqua, pois Marina já havia voado de volta para retomar os ensaios de *Lucile*, outro drama execrável destinado a transformar-se em novo fracasso no teatro de Ladore.

“*Adieu*. Talvez seja melhor assim”, escreveu Demon para Marina em meados de abril de 1869 (a carta pode ser uma cópia feita à mão ou o original nunca enviado), “pois, por mais feliz que fosse nossa vida de casados, por mais que durasse essa felicidade, há uma imagem que nunca esquecerei e nunca perdoarei. Deixe que ela penetre fundo, minha querida. Vou memorá-la em termos capazes de serem apreciados por gente de teatro. Você tinha ido a Boston visitar uma velha tia — um lugar-comum, mas a mais pura verdade neste caso — e eu tinha ido para a fazenda de *minha* tia nas proximidades de Lolita, Texas. Certa manhã de fevereiro (por volta do meio-dia *chez vous*), telefonei para seu hotel de uma cabine de beira de estrada em cuja porta de vidro, tão límpida como se feita do mais puro cristal, ainda corriam as lágrimas de uma tremenda tempestade que acabara de passar. Queria pedir que você tomasse um avião imediatamente e fosse ao meu encontro, porque eu, Demon, agitando com estrépito minhas asas amassadas e maldizendo o dorofone

automático, não podia viver sem você e porque queria que, aninhada em meus braços, visse o estonteante mar de flores do deserto que a chuva fizera eclodir. Sua voz soou remota porém doce; você disse que estava com a indumentária de Eva, espere um pouquinho, vou vestir um *peniuar*. Em vez disso, bloqueando o receptor, tapando meu ouvido, você certamente falou alguma coisa para o homem com quem tinha passado a noite (e que eu teria matado, se não tivesse uma vontade ainda maior de castrá-lo). Pois *este* é o desenho feito por um jovem artista de Parma, no século XVI, num transe profético em que anteviu o afresco de *nosso* destino e que coincide, exceto pela maçã da funesta sabedoria, com uma imagem repetida nas mentes de dois homens. Aliás, aquela tua empregada que fugiu foi encontrada pela polícia num bordel daqui e será mandada de volta para você tão logo esteja suficientemente entupida de mercúrio.”

3

Os pormenores do desastre L (nada a ver com a trombada de carros em alguma esquina) — que correu no *beau millieu* do século passado e teve o efeito singular de, ao mesmo tempo, originar e tornar maldita a noção de “Terra” — são muito bem conhecidos do ponto de vista histórico, e por demais obscenos do ponto de vista espiritual, para serem tratados em profundidade num livro dirigido a jovens amadores e amantes — e não a adultos sisudos e mal-amados.

Hoje, naturalmente — depois que vivemos (mais ou menos!) grandes anos de ilusão reacionária anti-L e nossas elegantes máquinas, graças ao bendito Faradeus, de certa forma voltaram a ronronar como o faziam na primeira metade do século XIX —, o mero aspecto geográfico do fenômeno tem um lado cômico que o redime, tal como ocorre com aqueles exemplares de marchetaria de latão, com os *bric-à-brac* e com os horrores de ouropel que eram vistos como “arte” por nossos macambúzios antepassados. Isso porque, na verdade, ninguém pode negar a presença de algo altamente ridículo nas próprias configurações que, com toda a solenidade, foram difundidas como representando um mapa multicolorido da Terra. É simplesmente risível imaginar que a “Rússia”, em vez de ser um sinônimo antiquado de Estócia, a província norte-americana que se estende do Círculo (não mais vicioso) Ártico aos Estados Unidos propriamente ditos, pudesse se tornar no planeta Terra o nome de um país, transferido mediante algum *troque* de mágica por cima do fosso de dois oceanos para o hemisfério oposto, onde se teria espalhado por todo o território da atual Tartária, da Curlândia às

Curilas! Todavia (coisa ainda mais absurda), se em termos espaciais da Terra a Amerrússia de Abraham Milton fosse cindida em seus dois componentes, já que extensões tangíveis de água e gelo separam as noções políticas (e não poéticas) de “América” e “Rússia”, uma discrepância ainda mais complicada e ilógica surgiria em termos temporais — não apenas porque a história de cada parte do amálgama não coincidia inteiramente com a história da outra parte em isolamento, mas porque uma lacuna de cerca de cem anos (num ou noutro sentido) existia entre as duas terras. Essa lacuna era caracterizada por uma curiosa confusão dos sinais de direção na encruzilhada dos tempos em curso, pois nem todos os “nunca mais” de determinado mundo correspondiam a todos os “ainda não” do outro. Entre outras razões, foi por causa dessa confluência de divergências “cientificamente inconciliáveis” que as cabeças pensantes mais privilegiadas, incapazes de reabrir a caixa de Pandora, rejeitaram a Terra como sendo uma moda passageira ou uma manifestação fantasmagórica, enquanto as mentes perturbadas (prontas a mergulhar em qualquer abismo) a aceitaram como símbolo e sustentáculo de sua própria irracionalidade.

Como o próprio Van Veen veio a descobrir ao longo de sua apaixonada pesquisa no terreno da terrologia (à época um ramo da psiquiatria), até mesmo os pensadores mais profundos, os mais puros filósofos, Paar de Chose e Zapater de Aardvark, estavam emocionalmente divididos em sua atitude para com a possibilidade de que existisse “um espelho capaz de deformar nossa já deformada orbe”, segundo afirmou com discutível senso eufônico um intelectual que prefere se manter anônimo. (Hum! Prrrecisa melhorarr, prrrecisa melhorarr, como dizia a pobre srta. L. A. Gavronsky. Na letra de Ada.)

Houve quem sustentasse que as discrepâncias e “falsas sobreposições” entre os dois mundos eram tão numerosas, além de tão entrelaçadas na trama dos eventos históricos, que a Teoria da Igualdade Essencial se transformava em mera fantasia. Outros retrucavam que as

dissimilaridades apenas confirmavam a pulsante realidade orgânica do outro mundo; que uma similitude perfeita sugeriria antes um fenômeno especular e, conseqüentemente, especulativo; e que duas partidas de xadrez com abertura idêntica e final idêntico podem conter, em qualquer ponto intermediário de sua progressão inelutavelmente convergente, um número infinito de variações em *um só* tabuleiro e *dois* cérebros.

O modesto narrador sente-se obrigado a lembrar tudo isso ao leitor porque em abril (meu mês favorito) de 1869 (de forma alguma um *annus mirabilis*), no dia de São Jorge (segundo as memórias merencórias da sra. Larivière), Demon Veen casou-se com Aqua Durmânov — por pena e por vingança, uma mistura não muito incomum.

Teria havido algum outro condimento? Marina, com perversa vanglória, costumava dizer na cama que as emoções de Demon deveriam ter se deixado influenciar por uma estranha espécie de prazer (no sentido do termo francês “*plaisir*”, que contém uma grande carga suplementar de *vibrato* nas entranhas) “incestuoso” (o que quer que isso signifique) quando ele acariciava, saboreava e delicadamente abria, violando de mil maneiras fascinantes porém não mencionáveis, uma carne (*une chair*) que era ao mesmo tempo a de sua mulher e a de sua amante, os encantos combinados e realçados de embriões dizigóticos, uma água-marinha singular e dupla, miragem num emirado, gema geminada, uma orgia de aliterações epiteliais.

Na realidade, Aqua era menos bonita e bem mais tantã do que Marina. Seus catorze miseráveis anos de casamento foram pontilhados de internações cada vez mais longas em um sem-número de sanatórios. Um pequeno mapa que representasse a parte europeia da *Commonwealth* britânica, da Escoto-Escandinávia à Riviera, Altar e Palermontóvia, assim como a maior parte dos Estados Unidos, da Estócia e da Canadáia até a Argentina, poderia ser virtualmente coberto de alfinetes com uma bandeirinha esmaltada da Cruz Vermelha para marcar os acampamentos de Aqua em sua Guerra dos Mundos. Ela chegou a acalentar a ideia de

readquirir um pouquinho de sua sanidade mental (“só uma réstia cinzenta, por favor, em vez desse negrume compacto”) em algum desses protetorados anglo-americanos, tais como os Bálcãs ou as Índias, e poderia ter até mesmo tentado os dois continentes austrais que prosperam sob nosso domínio conjunto. Naturalmente, a Tartária, um inferno independente que naquela época se estendia dos mares Báltico e Negro até o oceano Pacífico, não se mostrava acolhedora para os turistas, embora Ialta e Altyn Tagh tivessem uma sonoridade estranhamente atraente... Todavia, o verdadeiro destino de Aqua era Terra a Bela, onde tinha certeza de que, após sua morte, chegaria voando com as longas asas de uma libélula. As tristes cartinhas a seu marido enviadas dos vários lares da demência às vezes traziam a assinatura: *madame Schemiáschikh-Zvíkov* (“Gritos Dilacerantes”).

Depois de sua primeira refrega com a loucura em Ex-en-Valais, Aqua voltou para a América e sofreu uma séria derrota. Van estava sendo amamentado por uma mãe solteira muito jovem, quase uma criança, Rubi Black, mas a negra ama de leite também enlouqueceu. A verdade é que todas as pessoas boas e frágeis que tinham relações íntimas com ele (como aconteceu depois com Lucette, por exemplo) estavam fadadas a conhecer a angústia e o infortúnio, a menos que fortalecidas pelo sangue demoníaco de seu pai.

Aqua não tinha nem vinte anos quando seu temperamento, exaltado por natureza, começou a revelar certas tendências mórbidas. Do ponto de vista cronológico, o estágio inicial de sua doença mental coincidiu com a primeira década da Grande Revelação e, embora ela sem dúvida pudesse ter encontrado facilmente outro tema para suas fantasias, as estatísticas mostram que a Grande, e para muitos Intolerável, Revelação causou mais insanidade no mundo até mesmo do que a preocupação excessiva com a religião na Idade Média.

Uma Revelação pode ser mais perigosa do que uma Revolução. As mentes doentias identificaram a noção de um planeta Terra com a de

outro mundo, e este “Outro Mundo” foi confundido não apenas com o “Mundo após a Morte”, mas com o Mundo Real que existe em nós e além de nós. *Nossos* bruxos, *nossos* demônios, são criaturas nobres e multicores, com garras translúcidas e asas poderosíssimas; mas, na década de 60 do século XVIII, os Novos Crentes nos incitavam a imaginar uma esfera onde nossos esplêndidos amigos haviam sido totalmente degradados, transformados em meros monstros malévolos, odiosos diabos com presas de serpente e bolsas escrotais negras como as plantas carnívoras, desejosos apenas de conspurcar e atormentar as almas femininas; enquanto, do outro lado da aleia cósmica, uma nuvem iridescente de espíritos angelicais, habitantes da doce Terra, restaurava os mitos mais cediços, embora ainda potentes, dos velhos credos, com novos arranjos para acordeão das cacofonias de todos os deuses e de seus sacerdotes até hoje desovadas nos pântanos deste mundo mais do que suficiente.

Suficiente para teus fins, Van, *entendons-nous*. (Nota na margem.)

A pobre Aqua, cuja imaginação se deixava atrair por todas as fabulações de fanáticos e cristãos, sonhava vividamente com um paraíso bastante trivial, uma futura América coberta de edifícios de alabastro de cem andares, semelhante a uma bonita loja de móveis cheia de altos armários brancos e geladeiras mais baixas; ela via nos céus gigantescos tubarões com olhos nas laterais que levavam menos de uma noite para conduzir os peregrinos, através do negro éter, de uma costa às escuras do continente para a outra, reluzente, retornando depois como um corisco rumo a Seattle ou Wark. Ela ouvia mágicos alto-falantes que conversavam e cantavam, afogando em som o terror dos pensamentos, levantando o moral da ascensorista, descendo junto com o operário da mina, louvando a beleza e a bondade, Virgem e Vênus, nas casas dos pobres e dos solitários. O inominável poder magnético denunciado por legisladores velhacos neste nosso triste país — ah, em toda parte, na Estócia e na Canádia, na Mark Kennensie “alemã” e na Manitobogá

“sueca”, na oficina dos yukonetas de camisa vermelha e na cozinha da liascanense de lenço vermelho na cabeça, na Estócia “francesa” do Bras d’Or a Ladore, e logo depois em ambas as Américas e em todos os outros continentes apalermados — era usado na Terra de forma tão comum quanto a água e o ar, as bíblias e as bilhas. Dois ou três séculos antes ela poderia ter sido apenas mais uma bruxa a caminho da fogueira.

Nos seus anos de estudos erráticos, Aqua deixara a bem reputada universidade de Brown Hill, fundada por um de seus menos reputados ancestrais, para participar (como estava na moda) de um projeto qualquer de ação social nos *Siéviernia Territóri*. Com a ajuda inestimável de Milton Abraham, organizou uma Pharmácia Philantrópica em Bielokonsk, lá se apaixonando dolorosamente por um homem casado que, após lhe oferecer um ano de paixão forasteira em sua *garçonnière* ambulante (uma caminhonete Ford, modelo Camping), preferiu abandoná-la a correr o risco de comprometer sua situação social numa cidadezinha de gente convencional, onde os homens de negócio tinham de jogar golfe aos domingos e pertencer a confrarias. Sua cruel doença, como a de outras infortunadas criaturas, foi diagnosticada como sendo “uma forma extrema de mania mística combinada com traços de alienação existencial” (em outras palavras, a velha e boa loucura), e dela se apossou aos poucos, com intervalos de arrebatada paz — ilhotas de precária sanidade, sonhos repentinos de eternidade e certeza — que foram se tornando cada vez mais raros e breves.

Após a morte de Aqua, em 1883, Van calculou que, ao longo de treze anos, incluindo todos os momentos de presumida presença, sem deixar de fora nem as lúgubres visitas aos diversos hospícios nem suas aparições repentinas e tempestuosas no meio da noite (lutando escada acima com o marido ou com a preceptora inglesa tão frágil quanto ágil, sendo recebida com arrebatada alegria pelo velho cão e chegando por fim ao quarto do filho, sem a peruca, sem os chinelos, as unhas ensanguentadas), ele de

fato a tinha visto, ou estado perto dela, por um período de tempo não muito superior ao de uma gestação humana.

Nevoeiros soturnos em breve impediram que ela apreciasse os contornos róseos da longínqua Terra. Em sua desintegração, parecia mergulhar num poço sem fim, cada fase mais insuportável que a anterior — e isto porque a mente humana pode transformar-se na melhor câmara de tortura de todas que ela própria inventou, instalou e utilizou no curso de milhões de anos, em milhões de terras, para fazer milhões de vítimas ululantes.

Aqua desenvolveu uma sensibilidade mórbida à linguagem das torneiras — que às vezes reproduz (tal como o fluxo sanguíneo nos momentos que antecedem o sono) um fragmento de fala humana que subsiste em nossos ouvidos enquanto lavamos as mãos após ter tomado alguns drinques com um grupo de desconhecidos. Ao notar pela primeira vez a reprodução dessa ou daquela fala — uma reprodução imediata, consistente e, no caso dela, agressiva e zombeteira, embora na verdade bastante inofensiva —, ela se deliciou com o pensamento de que, pobre Aqua, havia descoberto por acidente um método simples de registrar e transmitir as palavras, quando em todo o mundo os tecnólogos (supostamente uns sabichões) tentavam tornar acessíveis ao público e rentáveis para seus fabricantes as miseráveis engenhocas extremamente complexas e ainda muitíssimo caras, tais como os telefones hidrodinâmicos, capazes de substituir os aparelhos que tinham ido *k tchortiam sobátchim* (“pro diabo”) depois da proibição daquela coisa ambárica que não se pode mencionar. Bem cedo, contudo, a volubilidade das torneiras — perfeita do ponto de vista rítmico, porém pouco clara em termos verbais — passou a adquirir um sentido por demais pertinente. A pureza da enunciação da água correndo cresceu de modo proporcional à arrogância com que veio a se expressar. As torneiras se manifestavam tão logo Aqua ouvia alguém falar (não necessariamente se dirigindo a ela) em tom autoritário e incisivo, as palavras saindo

velozes, uma pessoa com entonações muito peculiares ou com sotaque marcadamente estrangeiro, o blá-blá-blá compulsivo de um falastrão em alguma festa pavorosa ou o solilóquio líquido numa peça teatral tediosa, ou a adorável voz de Van, ou um trecho de poesia ouvido numa palestra — meu menino lindo, meu amor, tenha pena de mim —, mas em especial os versos italianos, mais fluidos, mais *flou*, por exemplo aquele poemeto recitado com entrechoques de joelhos e piscadelas emocionais por um velho doutor meio-russo e meio-doido, doído, dodói, *ballatetta*, *deboletta... tu, voce sbigottita... bicalitta e diavoletta... de lo cor dolente... con ballatetta va... va... della struta, destruttamente... mente... mente...* faz parar esse disco, senão o guia vai continuar a declarar, como o fez hoje mesmo de manhã em Florença, que esse pilar idiota foi posto ali para comemorar, ele jura, o “elmo” que se cobriu de folhas ao passar diante dele o corpo já petrificado de São Zeus enquanto as sombras se avolumavam; ou a megera de Arlington falando sem cessar com seu marido silente enquanto os vinhedos desfilavam nas laterais do carro e até mesmo no túnel (eles não podem fazer isso com você, diz isso pra eles, Jack Black, só tem que dizer isso pra eles...). A bica da banheira ou o chuveiro eram calibanescas demais para falar de forma inteligível — ou talvez tão brutalmente ansiosos para expelir a quente torrente e se livrar daquele ardor infernal que não tinham tempo para conversinhas fiadas. No entanto, dia após dia os borbulhantes fios d’água se tornavam mais e mais ambiciosos e execrandos, a tal ponto que, quando em seu primeiro “*home*” ela ouviu um dos mais asquerosos doutores que a visitavam diariamente (o que vivia citando Cavalcanti) despejar suas instruções odiosas numa mistura de russo e alemão em seu repugnante bidê, Aqua decidiu parar de uma vez por todas de usar água encanada.

Mas também isso passou. Outras torturas ocuparam tão definitivamente o lugar da loquacidade imperiosa de seu homônimo que, quando durante um intervalo de lucidez suas mãos débeis conseguiram abrir a torneira de um lavabo para beber um gole d’água, a linfa tépida

retrucou em seu próprio dialeto, sem um pingo de malícia ou arremedo: *Finito!* O que então a atormentava de forma atroz era a multiplicação em sua mente de fossas sombrias, sem bordas definidas (*iâmi, iâmischi*), que criavam espaços entre as esculturas cada vez menos nítidas dos pensamentos e das memórias: a angústia mental e a dor física se davam as mãos de rubi negro, uma fazendo-a rezar pela sanidade, a outra fazendo-a implorar pela morte. Os objetos feitos pelo homem perderam seu significado ou ganharam conotações monstruosas: cabides de roupa eram na realidade ombros de seres telurianos decapitados; as dobras do cobertor que ela empurrara com os pés para fora da cama lhe lançavam um olhar tristonho, com um tersol numa pálpebra caída e um quê de melancólica recriminação no ricto flácido de um lábio lívido. O esforço para compreender as informações que os ponteiros de um relógio transmitem às pessoas de superior intelecto se tornou tão inócuo quanto as tentativas de compreender a linguagem de sinais de uma sociedade secreta ou a canção chinesa daquele jovem estudante com o violão não chinês que conhecera na época em que ela ou sua irmã havia dado à luz um bebê rosa-arroxeadado. Mas sua demência, a majestade de sua demência, ainda guardava a faceirice patética de uma rainha louca: “O senhor sabe, doutor, acho que vou precisar usar óculos daqui a pouco. Sei lá por quê” (riso altivo), “mas não consigo entender o que diz este meu relógio de pulso... Por favor, o que é que ele? Ah! Quatro e meia... metade de quê? Não faz mal, não faz mal, ‘não’ e ‘mal’ são irmãos gêmeos, eu tenho uma irmã gêmea e um filho gêmeo. Eu sei que o senhor quer examinar meu pudendo (a rosa alpina hirsuta), que está também no álbum *dela*, colhida há dez anos” (mostrando alegremente os dez dedos, com orgulho: dez é dez!).

Mais tarde, o sofrimento atingiu um grau insuportável, as dimensões de um pesadelo, fazendo-a urrar e vomitar. Ela pediu (e foi autorizada, bendito seja o barbeiro do hospício, Bob Bean) que seus cachos pretos fossem cortados rente (dando a sua cabeça uma coloração de água-

marinha), porque eles cresciam para dentro de seu crânio poroso e lá ficavam ainda mais encaracolados. As peças do quebra-cabeça do céu ou das paredes se misturavam, por mais cuidado que ela tivesse tido ao montá-las, pois um sacolejo acidental ou o cotovelo de uma enfermeira podiam desarrumar com grande facilidade esses frágeis fragmentos, que se transformavam em representações incompreensíveis de objetos anônimos ou nas superfícies posteriores das peças de *Scrabble*, que Aqua não podia colocar no lado certo porque suas mãos haviam sido amarradas por um enfermeiro que tinha olhos tão negros quanto os de Demon. Logo depois, porém, o pânico e a dor, como duas crianças numa brincadeira turbulenta, soltaram uma última gargalhada e fugiram para se bolinar mutuamente atrás de um arbusto, como no romance *Anna Kariênina* do conde Tolstói — e mais uma vez, por algum tempo, pouco tempo, a tranquilidade voltou à casa, e a mãe deles tinha o mesmo nome da mãe dela.

Em certo momento, Aqua acreditou que um bebê natimorto do sexo masculino de seis meses — um pequeno feto surpreso, um peixe de borracha que ela, após bater num toco de lariço esquiando a toda velocidade montanha abaixo, produzira ao tomar banho de banheira num *lieu de naissance* marcado simplesmente com um X em seus sonhos — tinha sido salvo e trazido para sua *Nusshaus*, com os cumprimentos de Marina, envolto em bandagens ensanguentadas porém vivo e saudável, para ser registrado como filho dela, Aqua, com o nome de Ivan Veen. Outras vezes, tinha certeza de que Marina era a mãe solteira daquela criança, nascida durante uma exaustiva porém muitíssimo romântica tempestade de neve num refúgio de montanha na área de Sex (Scex) Vermelho, onde um certo dr. Alpiner, clínico geral e grande admirador das gencianas, por sorte esperava que suas botas secassem sentado junto a um rústico fogão vermelho. Daí resultou uma certa confusão menos de dois anos depois (setembro de 1871, seu cérebro orgulhoso ainda guardava dezenas de datas), quando, tendo escapado de

seu refúgio seguinte e sabe-se lá como chegado à inesquecível mansão rural do marido (imitar uma estrangeira: “*Signor konduktor, ay vant go Lago di Luga, hier geld*”), ela se aproveitou de que ele estava sendo massageado no solário, entrou na ponta dos pés no antigo quarto do casal... e teve um choque delicioso: o talco *dela*, num vidro cheio pela metade e com o nome curioso de *Quelques Fleurs*, continuava sobre a mesinha de cabeceira *dela*; sua camisola predileta cor de chama, embora amassada, estava caída sobre o tapete ao pé da cama. No seu entender, isso significava que apenas um breve pesadelo, uma sombra negra, havia obliterado o fato radioso de que ela vinha dormindo com seu marido todo aquele tempo — desde o aniversário de Shakespeare num dia verde e chuvoso. Infelizmente, porém, para outras pessoas significava que Marina, abandonada pelo cineasta G. A. Vronsky por causa de outra *Khristosik* de cílios longos (como ele costumava chamar todas as belezocas que aspiravam ao estrelato), havia concebido, *c’est bien le cas de le dire*, a brilhante ideia de fazer com que Demon se divorciasse da louca Aqua e casasse com ela, que imaginava (com grande alegria e correção) estar grávida de novo. Marina e Demon haviam passado um mês *rukuliruiuschi* em Kitej como dois pombinhos, mas, quando ela presunçosamente lhe comunicara suas intenções (pouco antes da chegada de Aqua), tinha sido posta para fora de casa. Mais tarde, na última e curta etapa de uma existência gorada, Aqua se desfez de todas aquelas recordações ambíguas e se viu lendo e relendo — zelosa, amorosa — as cartas de seu filho num luxuoso sanatório em Centaur, Arizona. Ele escrevia sempre em francês, chamando-a de *petite maman* e descrevendo a engraçada escola onde iria estudar em regime de internato ao fazer treze anos. Em meio ao zumbido noturno de suas novas insônias habitadas por mil planos, de suas derradeiras insônias, Aqua ouvia a voz dele, e isso a consolava. Em geral ele a chamava de *mummy* ou *mama*, acentuando a última sílaba em inglês e a primeira em russo. Alguém já disse que trigêmeos e filhotes de dragões heráldicos ocorrem com frequência em

famílias trilíngues; contudo, o certo mesmo é que não havia então a menor sombra de dúvida (exceto, talvez, na mente infernal da desprezível Marina, morta havia muito) de que Van era o filho amado *dela*, Aqua, *dela* e de mais ninguém.

Recusando-se a sofrer outra recaída após aquela abençoada fase de perfeita serenidade mental, mas sabendo que isso não duraria para sempre, ela fez o que outra paciente havia feito na distante França, num “lar” muito menos esplêndido e indulgente. Um certo dr. Froid — um dos centauros da equipe, talvez o irmão emigrado do dr. Froit de Signy-Mondieu-Mondieu nas Ardenas cujo nome fora grafado erradamente no passaporte ou, o que é mais provável, a mesma pessoa, pois ambos vinham de Vienne, Isère, e eram filhos únicos (como também era o filho dela) — desenvolveu, ou antes ressuscitou, o recurso terapêutico destinado a estabelecer um sentimento de “grupo” que consistia em fazer com que os pacientes em melhor estado ajudassem os funcionários da instituição “se assim o desejassem”. Aqua, ao chegar sua vez, repetiu com exatidão o truque da astuciosa Eleonore Bonvard, optando por fazer as camas e limpar as prateleiras de vidro. O *astorium* em São Tauro, ou como quer que fosse chamado (não importa — a gente esquece essas coisinhas bem depressa quando se está flutuando no nada infinito), era talvez mais moderno, com uma vista do deserto mais refinada, do que o hospício dickensiano de Mondefroid, embora em ambos os lugares um paciente louco pudesse tapear com a maior facilidade um pedante imbecil.

Em menos de uma semana Aqua havia acumulado mais de duzentos tabletes de potência variada. Conhecia a maioria deles — os sedativos banais e os que colocam o paciente fora do ar do fim da tarde até a meia-noite; os vários tipos de supersoporíferos que fazem os braços e as pernas virarem trapos e a cabeça ficar cheia de chumbo após oito horas de não existência; a droga bastante simpática que, todavia, se torna um pouquinho letal quando combinada com um gole do líquido de limpeza

comercialmente chamado de Morona; e a gorda pílula roxa que a fazia lembrar (ela tinha de rir) aquelas com que a feiticeirinha cigana na história espanhola (adorada pelas jovens de Ladore) punha para dormir todos os cavaleiros e seus cães na abertura da temporada de caça. A fim de evitar que algum intrometido a ressuscitasse em meio ao processo de decolagem, Aqua calculou que deveria garantir um período máximo de estupor ininterrupto em algum lugar que não fosse uma casa de vidro. A execução dessa segunda parte do plano foi simplificada e encorajada pelo dr. Sig Heiler, outro representante ou alter ego do professor de Isère, venerado por todos como um sujeito muito legal e um “verdadeiro gênio”, daqueles que se encontram às dúzias por aí. Os pacientes que, sob o controle de estudantes de medicina, comprovavam mediante certas contrações das pálpebras e de outras partes semipudendas que Sig (um homem de meia-idade algo deformado mas ainda bonitão) estava se transformando em seus sonhos no “papai Fig”, especialista em dar palmadas nos traseiros das mocinhas e impetuoso usuário de escarradeiras, eram considerados a meio caminho da cura, podendo, ao acordar, participar de atividades externas normais, como por exemplo os piqueniques. A ardilosa Aqua contraiu as pálpebras, simulou um bocejo, abriu os olhos azul-claros (que contrastavam violentamente com as pupilas negras como azeviche herdadas de sua mãe, Dolly), vestiu calças amarelas e um bolero preto, atravessou um pequeno bosque de pinheiros, pegou carona num caminhão mexicano, encontrou uma ravina adequada no chaparral e lá, após escrever uma breve nota, começou a engolir placidamente, colhendo na mão em concha o conteúdo multicolorido de sua bolsa, como qualquer camponesa russa *lákomiaschaiasia iágodam* (se empanturrando das frutinhas) que acabou de apanhar no mato. Sorriu, deleitando-se sonhadoramente com a ideia (de tom bastante kareniniano) de que sua extinção teria tanto efeito sobre as pessoas quanto a suspensão abrupta e misteriosa, pois jamais explicada, de uma história em quadrinhos de algum suplemento

dominical que a gente vinha seguindo havia anos. Foi seu último sorriso. Descobriram-na muito antes do que previra, embora também houvesse morrido muito mais rápido do que imaginara, e o arguto Siggy, vestindo ainda os shorts largos de cor cáqui, reportou que a Irmã Aqua (sabe-se lá por quê, era assim que todo mundo se referia a ela) tinha sido achada, como nas sepulturas pré-históricas, em posição *fetus-in-utero*, comentário que foi julgado pertinente pelos alunos dele, assim como poderá sê-lo por meus próprios alunos.

Sua última nota, encontrada junto ao corpo e dirigida ao marido e ao filho, poderia ter sido redigida pela pessoa mais mentalmente sadia deste ou de qualquer outro planeta.

Aujourd'hui (heute, today), eu, esta bonequinha de olhos que se movem, recebi a permissão psi-kitsch de participar de um passeio com o Herr Doktor Sig, nossa enfermeira Joana a Terrível e vários "pacientes" no bor (bosque de pinheiros) vizinho. Lá, Van, vi exatamente os mesmos esquilos parecidos com jaritatacas que seu ancestral Azul-Escuro importou para o parque da Mansão de Ardis, onde você sem dúvida passeará algum dia. Os ponteiros de um relógio, até mesmo de um relógio estragado, devem saber onde estão — e fazê-lo saber ao mais idiota dos aparelhos —, pois de outra forma não compõem nem mesmo um mostrador, e sim apenas uma cara branca com um bigode postiço. Do mesmo modo, um tcheloviék (ser humano) deve saber onde está e fazer com que os outros também o saibam, pois de outra forma não é nem mesmo um klok (pedaço) de tcheloviék, nem um ele nem uma ela, mas "uma coisinha de nada", como dizia a pobre Rubi — tua ama de leite, meu querido Van — referindo-se a seu improdutivo seio direito. Eu, pobre Princesse Lointaine, a essa altura já bem lointaine, não sei onde estou. Por isso devo ir-me. Adieu, meu querido, meu amado filho, e adeus, pobre Demon. Não sei que dia é hoje ou em que estação estamos, mas faz um tempo razoavelmente bom, sem dúvida normal para esta época do ano, e um

batalhão de formiguinhas simpáticas está se organizando em fila para comer minhas belas pílulas.

[Assinado] *A irmã de minha irmã que tiepier iz áda (“agora está livre do inferno”)*

“Se queremos que o relógio de sol da vida nos mostre a hora”, comentou Van, dando sequência à metáfora no roseiral da Mansão de Ardis em fins de agosto de 1884, “devemos sempre lembrar que a força, a dignidade, a delícia do homem está em odiar e desprezar as sombras e os astros que escondem seus segredos de nós. Somente o poder ridículo da dor fez com que ela se rendesse. E penso com frequência que teria sido muitíssimo mais plausível — do ponto de vista estético, extático, estócio — que ela fosse de fato minha mãe.”

4

Quando, em meados do século XX, Van começou a reconstruir seu passado mais remoto, logo viu que a melhor maneira, muitas vezes a *única*, de tratar os pormenores da infância que eram de fato importantes para os fins específicos da reconstrução em curso — e que reapareciam em vários estágios ulteriores de sua meninice e juventude — consistia em apresentá-los como repentinas justaposições que reviviam a parte enquanto vivificavam o todo. É por isso que seu primeiro amor tem precedência aqui sobre sua primeira mágoa profunda ou seu primeiro pesadelo.

Acabara de fazer treze anos. Nunca se afastara dos confortos do teto paterno. Na verdade, até então nunca se dera conta de que tais “confortos” não podem ser tomados como algo garantido para toda a vida, só existindo de fato como uma metáfora introdutória e já muito batida nos livros sobre meninos que vão para um colégio interno. A alguns quarteirões da escola, uma viúva francesa que falava inglês com sotaque russo, a sra. Tapirov, tinha uma loja de objetos de arte e móveis mais ou menos antigos. Van entrou na loja num dia luminoso de inverno. Na parte da frente estavam espalhados alguns vasos de cristal com rosas carmesim e ásteres de um marrom acobreado — aqui sobre um consolo de madeira com toques dourados, ali sobre uma arca envernizada, na estante de um armário ou simplesmente ladeando os degraus atapetados que conduziam ao andar de cima, onde grandes guarda-roupas e cômodas espalhafatosas formavam um semicírculo em torno de um grupo bizarro de harpas. Verificando que as flores eram

artificiais, ele pensou como era estranho que essas imitações sempre tentassem enganar apenas os olhos, em vez de copiar também a sensação úmida e carnuda das pétalas e folhas vivas. Quando no dia seguinte foi buscar o objeto que desejava ver consertado ou reproduzido (hoje esquecido, oitenta anos depois), a encomenda não estava pronta ou o pedido não podia ser satisfeito. De passagem, tocou numa rosa semiaberta e se surpreendeu ao não sentir a textura estéril que as pontas de seus dedos haviam esperado, e sim um beijo de vida nos lábios frescos da flor. “Minha filha”, disse a sra. Tapirov ao notar a surpresa de Van, “sempre põe algumas rosas verdadeiras entre as falsas *pour attraper le client*. O senhor tirou o coringa.” Ela entrou quando ele saía: uma estudante de ginásio vestindo um casaco cinza, o cabelo caindo em cachos até o ombro, o rosto bonito. Em outra ocasião (pois alguma parte da coisa — talvez uma moldura — levou um tempão para se recuperar, ou simplesmente não foi possível obter o objeto desejado), ele a viu, com seus livros escolares, toda enroscada num sofá — uma peça doméstica em meio aos artigos à venda. Nunca falou com ela. Amou-a perdidamente. Deve ter durado ao menos um período letivo.

Era o amor, normal e misterioso. Menos misteriosas e muito mais grotescas eram as paixões que diversas gerações de professores não haviam conseguido erradicar e que, por volta de 1883, ainda estavam em plena moda no colégio Riverlane. Todo dormitório tinha seu catamito. Um garoto histérico de Upsala — vesgo, de lábio caído, com membros tão desengonçados que pareciam anormais, mas com uma textura de pele maravilhosamente tenra e os encantos curvilíneos e cremosos do Cupido de Bronzino (o grande, aquele que um sátiro deliciado descobre no quarto de uma senhora) — era muito requisitado e torturado por um grupo de alunos estrangeiros, na maioria gregos e ingleses, liderados por Cheshire, nosso melhor jogador de rúgbi. E, em parte por bravata, em parte por curiosidade, Van superava seu nojo e friamente assistia às rudes

orgias dos colegas. Bem cedo, contudo, abandonou esse sucedâneo por um divertimento mais natural, porém igualmente despido de paixão.

A velha que vendia balas de açúcar de cevada e revistas em quadrinhos na loja da esquina, a qual por tradição podia ser frequentada pelos alunos, contratou uma jovem vendedora, e Cheshire, filho de um lorde bastante avarento, logo, logo descobriu que a moça gordota podia ser possuída por um verde dólar russo. Van foi um dos primeiros a desfrutar de seus favores, concedidos quase às escuras entre sacos e caixotes no fundo da loja depois que se fechavam as portas. O fato de Van lhe dizer que tinha dezesseis anos e era muito tarimbado, em vez de catorze e virgem, provou ser uma fonte de embaraço para nosso libertino: quando ele tentou disfarçar sua inexperiência acelerando a ação, conseguiu apenas verter nos contrafortes do monte Vênus aquilo que a rapariga teria todo o prazer em ajudá-lo a depor em caverna hospitaleira. As coisas correram melhor seis minutos mais tarde, depois que Cheshire e Zographos haviam acabado; mas foi somente no segundo encontro que ele de fato começou a apreciar os modos carinhosos da moçoila, sua fenda deliciosamente estreita, seus movimentos vigorosos. Van bem sabia que ela não passava de uma putinha rechonchuda, chegando mesmo a afastar-lhe o rosto com o ombro quando ela tentava beijá-lo depois de terem terminado (e enquanto com uma das mãos ele verificava, como vira Cheshire fazer, se a carteira de notas continuava no bolso traseiro da calça); entretanto, seja lá como for, quando o tempo em seu curso implacável já deixara para trás a última das quarenta convulsões, ele se surpreendeu, no trem que cruzava célere os campos negros e verdes rumo a Ardis, conferindo insuspeitada poesia à pobre imagem dela, ao cheiro de cozinha de seus braços, aos cílios úmidos na repentina luz do isqueiro de Cheshire, até mesmo aos passos rangentes da velha e surda sra. Gimber no quarto do andar de cima.

Instalado em elegante compartimento de primeira classe, a mão enluvada segurando confortavelmente a alça lateral de veludo, qualquer

um se sente um homem do mundo enquanto examina com ar inteligente o desenrolar da bem cuidada paisagem. Mas vez por outra os olhos inquietos do passageiro se imobilizavam por um segundo e toda a sua atenção se concentrava numa coceirinha nas partes inferiores — que ele supôs (graças a Deus corretamente) fosse apenas uma ligeira irritação do epitélio.

5

Nas primeiras horas da tarde, Van desembarcou com suas duas malas na paz ensolarada da pequena estação campestre. Uma estrada sinuosa o levaria à Mansão de Ardis pela primeira vez na vida. Em imaginação ele vira, como numa pequena gravura, um cavalo com belos arreios, mas nem mesmo um cabriolé o aguardava. O chefe da estação, um homenzarrão gordo e queimado de sol que vestia um uniforme marrom, estava certo de que ele era esperado no trem da noite, que, apesar de mais lento, tinha um vagão-restaurant. Telefonaria para a mansão num segundo, acrescentou, enquanto sinalizava para o maquinista impaciente. De repente, uma carruagem de aluguel parou junto à plataforma e uma senhora ruiva, levando na mão o chapéu de palha e rindo de sua própria pressa, conseguiu subir no trem um momento antes que ele partisse. E assim, concordando em utilizar o meio de transporte que lhe era oferecido por uma dobra fortuita no tecido do tempo, Van se sentou na velha caleche. O trajeto de meia hora não foi nada desagradável. Atravessaram bosques de pinheiros e ravinas pedregosas enquanto pássaros e outros bichinhos cantavam e brincavam entre os arbustos em flor. Manchas de sol e sombras rendadas deslizavam sobre suas pernas e emprestavam um brilho esverdeado ao botão de cobre (privado de seu irmão gêmeo) nas costas do casaco do cocheiro. Passaram por Torfianka, um vilarejo de sonho com três ou quatro isbás feitas com troncos de pinheiro, uma oficina onde se consertavam baldes de leite e uma loja de ferreiro encoberta de jasmims. O cocheiro fez sinal com a mão para um amigo invisível, e o veículo, leve e ágil, desviou-se ligeiramente para

acompanhar seu gesto. Seguiam agora por uma estradinha empoeirada entre campos cultivados. Como a estrada acompanhava o relevo das colinas, a cada subida o velho táxi perdia velocidade, como se a ponto de cair no sono, e só com grande relutância vencida a fadiga.

Sacolejaram ao cruzar os paralelepípedos de Gamlet, uma aldeia meio russa, e o cocheiro mais uma vez acenou, dessa feita para um garoto trepado numa cerejeira. As bétulas abriram espaço para que eles atravessassem uma velha ponte. E enfim surgiram as ruínas negras do castelo de Ladore, encravado num penhasco, e, mais a jusante do rio, os alegres tetos multicoloridos da cidade que ele reveria tantas e tantas vezes ao longo da vida.

Pouco depois, quando a estrada começou a contornar o parque de Ardis, a vegetação ganhou um aspecto mais meridional. Na curva seguinte o romântico solar apareceu sobre uma pequena elevação, como é de praxe em todos os antigos romances. Era uma residência rural esplêndida, com três andares, fachada de tijolos pálidos e pedras vermelho-escuras, os dois materiais parecendo intercambiar tons e texturas ao sabor da luz. Apesar da variedade, extensão e vibração das grandes árvores que havia muito tinham substituído os dois renques regulares e estilizados (ali implantados segundo o rigor mental do arquiteto e não o olhar percuciente de um pintor), Van de imediato reconheceu a Mansão de Ardis tal como representada na aquarela de duzentos anos que decorava o quarto de vestir de seu pai: erguida sobre uma baixa colina, a construção dominava um vale abstrato onde duas pessoas minúsculas, com chapéus tricornes, conversavam não longe de uma vaca de aparência bastante artificial.

Ninguém da família estava em casa quando ele chegou. Um empregado levou seu cavalo. Van cruzou a arcada gótica e entrou no grande saguão, onde foi recebido com gestos de alegria por Bouteillan, o mordomo velho e calvo que no passado havia sido *valet de chambre* do pai de Van e que agora, de forma pouco profissional, dera de usar bigode

(ainda por cima pintando-o de um marrom só visto em molhos de carne). “*Je parie*”, disse ele, “*que Monsieur ne me reconnaît pas*”, passando a lembrá-lo do que ele já se recordara sem nenhuma ajuda: o “farmanequim” (um tipo especial de pipa em forma de caixa e sem cauda, impossível de ser encontrada atualmente mesmo nos maiores museus que exibem brinquedos antigos) que Bouteillan certo dia o ajudara a empinar num campo pontilhado de botões-de-ouro. Ambos olharam para cima: por um momento o pequeno retângulo vermelho se recortou de viés contra o azul do céu primaveril. O saguão era famoso pelas pinturas no teto. Era cedo demais para o chá. Será que Van gostaria que ele ou uma criada desfizesse suas malas? Ah, sim, uma das criadas, respondeu Van, perguntando-se por um instante que artigo na bagagem de um estudante de ginásio poderia chocar uma doméstica. A fotografia nua da modelo Ivory Revery? E daí, se agora ele era um homem?

Acatando a sugestão do mordomo, foi fazer um *tour du jardin*. Seguiu por uma aleia sinuosa sem fazer nenhum ruído, pois o caminho era coberto de uma fofa areia rosada e seus sapatos escolares de lona tinham sola de borracha, até deparar com alguém que reconheceu, com desagrado, ser sua antiga preceptora e professora de francês (o lugar estava apinhado de fantasmas!). Sentada num banco verde sob um caramanchão de lilases persas, ela segurava numa das mãos um para-sol e na outra o livro que lia em voz alta para uma menina, cuja atenção estava concentrada no ato de enfiar o dedo no nariz e o examinar com sonhadora satisfação antes de limpá-lo na beirada do banco. Van concluiu que aquela devia ser “Ardélia”, a mais velha das duas priminhas que ele iria por fim conhecer. Na verdade era Lucette, a mais moça, uma criança neutra, de oito anos, com uma franja de cabelos muito brilhantes de um louro-avermelhado e um botãozinho sardento à guisa de nariz. Ela havia contraído uma pneumonia na primavera e ainda exibia aquele ar de distanciamento que as crianças, em especial as mais endiabradas, conservam por algum tempo após escapar por pouco da morte. *Mlle.*

Larivière de repente olhou na direção de Van por cima dos óculos verdes — e ele teve de aturar novas efusões de alegria. Ao contrário de Albert, ela não mudara nada desde a época em que ia três vezes por semana à casa de cidade de Demon Veen com uma sacola de livros e um poodle minúsculo e tremelicante (já falecido), que não podia ser deixado sozinho. Os olhos dele reluziam como duas melancólicas azeitonas pretas.

Pouco depois, voltaram caminhando sem pressa. A preceptora, quem sabe remoendo alguma reminiscência amarga, ia balançando a cabeça — queixo grande, nariz grande — sob o para-sol de tecido *moiré*, enquanto Lucette, com um ruído áspero, puxava atrás de si uma enxada de jardim que havia encontrado, e o jovem Van, em seu elegante terno cinza com a gravata esvoaçante, as mãos atrás das costas, olhava seus próprios pés bailarinos movendo-se em silêncio — tentando fazer, sem nenhuma razão especial, com que seguissem uma linha reta.

Uma vitória acabara de parar diante do alpendre. Dela estavam saindo uma senhora parecida com a mãe de Van e uma menina de cabelos negros de onze ou doze anos, precedidas por um *dachshund* coleante. Ada trazia na mão um buquê desarrumado de flores-do-campo. O vestido branco contrastava com o casaquinho preto, os cabelos longos estavam presos por um laço branco. Ele nunca mais viu aquele vestido e, sempre que o mencionava em evocação retrospectiva, ela insistia em que Van devia ter sonhado com aquilo, nunca tivera nada semelhante e jamais usaria um casaco preto numa tarde tão quente. Mas foi essa primeira imagem de Ada que ele guardou até o fim de seus dias.

Uns dez anos antes, por volta do aniversário de quatro anos de Van e ao final de uma das longas internações de Aqua, “tia” Marina o tinha agarrado de repente num parque público onde havia uma grande gaiola cheia de faisões. Dizendo à babá que fosse dar uma volta, Marina o levou a uma barraquinha perto do coreto da banda, comprou para ele um pirulito de hortelã cor de esmeralda e lhe disse que, se seu pai quisesse,

ela substituiria a mãe dele e que era proibido alimentar as aves sem a permissão de *Lady Amherst* — ou pelo menos foi isso que ele entendeu.

Agora tomavam chá em torno de uma bela mesa, sentados em cadeiras forradas de seda, no único cantinho simpático do austero saguão principal, de onde subia uma imponente escadaria. Sobre um tamborete de carvalho estavam o casaquinho preto de Ada e um ramalhete em tons de rosa, amarelo e azul que ela fizera com anêmonas, quelidônias e aquilégias. O cachorro ganhou mais pedaços de bolo que de costume. Price, o velho e taciturno lacaio que trouxe o creme para os morangos, se parecia com “Jeejee” Jones, o professor de história de Van.

“Ele se parece com meu professor de história”, disse Van depois que o criado tinha ido embora.

“Eu amava história”, disse Marina. “Adorava me identificar com mulheres famosas. Ivan, há uma joaninha no seu prato. Sobretudo com as grandes beldades — a segunda mulher de Lincoln ou a rainha Josefina.”

“É, eu tinha notado, o desenho está muito bem-feito. Temos um serviço de porcelana igual a esse lá em casa.”

“*Slivok* (um pouco de creme)? Você fala russo, não fala?”, perguntou Marina, servindo-lhe o chá.

“*Nieokhôtno no sovierchenno svobódno* (com relutância mas com fluência)”, respondeu Van, *slegka ulibnúvchis* (com um sorrisinho). “É, com muito creme e três cubos de açúcar.”

“Ada e eu compartilhamos de seus gostos extravagantes. Dostoiévski preferia o chá com xarope de framboesa.”

“Ugh”, fez Ada.

Acima de Marina estava pendurado seu belo retrato a óleo pintado por Tresham. Mostrava-a com o chapéu teatral que usara dez anos antes no ensaio de uma Cena de Caça — abas romanticamente largas, uma asa iridescente e enorme pluma prateada, com bordas pretas, que tombava de forma graciosa. Van, recordando-se da gaiola no parque e de que sua

mãe estaria também em algum lugar numa espécie de gaiola, teve uma sensação estranha de mistério, como se os responsáveis por seu destino tivessem decidido fazer uma reunião de emergência. A maquiagem permitia que Marina imitasse a beleza de outrora, mas as modas haviam mudado, ela usava agora um vestido de algodão com um estampado rústico, seus cachos castanho-avermelhados tinham sido descolorados e não cascadeavam até as têmporas — nada em suas roupas e enfeites ecoava a arrogância do chicote no quadro ou o padrão tegular da plumagem reluzente que Tresham soubera reproduzir com tamanha perícia ornitológica.

Não ficaram grandes lembranças desse primeiro chá. Ele reparou no truque de Ada para esconder as unhas, mantendo a mão fechada ou a estendendo com a palma para cima ao pegar um biscoito. Tudo que sua mãe dizia a irritava ou a deixava sem jeito e, quando Marina começou a falar sobre o Tarn, como era chamado o Novo Reservatório, ele notou que Ada já não estava sentada ao lado dele, mas de pé, um pouco distante e de costas para a mesa de chá, diante de uma janela aberta; o cachorro de cintura fina estava sobre uma cadeira e também olhava o jardim por sobre as patas dianteiras escarrapachadas, enquanto ela lhe perguntava num sussurro íntimo o que é que ele havia farejado.

“Dá para se ver o Tarn da janela da biblioteca”, disse Marina. “Daqui a pouco Ada vai te mostrar todos os quartos da casa. Ada?” (Pronunciou o nome à maneira russa, com dois “a” profundos e graves, fazendo-o soar como a pronúncia inglesa da palavra “ardor”.)

“Dá para ver um pedacinho daqui também”, disse Ada, virando a cabeça para trás e, *pollice verso*, oferecendo a vista para Van, que descansou sua xícara na mesa, secou os lábios com um pequeno guardanapo bordado, enfiou o guardanapo no bolso da calça e chegou perto da menina de cabelos negros e braços muito brancos. Ao se curvar em sua direção (era oito centímetros mais alto que ela e o dobro disso quando Ada se casou com um cristão ortodoxo e a sombra de Van,

erguendo-se atrás dela, manteve a coroa nupcial acima de sua cabeça), ela afastou o corpo para fazê-lo ocupar o ângulo exigido, e seus cabelos roçaram o pescoço dele. Nas primeiras vezes em que sonhou com ela, a reprodução desse contato tão leve e breve se mostrou mais forte do que a resistência do sonhador e, como se uma espada houvesse sido brandida sobre sua cabeça, sempre provocou uma liberação explosiva.

“Acabe teu chá, minha querida”, disse Marina.

Pouco depois, como Marina prometera, os dois subiram. “Por que os degraus rangem tão desesperadamente quando duas crianças sobem a escada?”, ela se perguntou, olhando para a balaustrada onde duas mãos esquerdas saltavam e deslizavam de modo estranhamente similar, como dois irmãos que tomassem sua primeira aula de dança. “Afim de contas, nós éramos irmãs gêmeas, todo mundo sabe disso.” Obedecendo à mesma força motriz, ela na frente, ele atrás, venceram sem pressa os dois últimos degraus, e a escada voltou a ficar em silêncio. “Escrúpulos antiquados”, disse Marina.

6

Ada mostrou ao tímido convidado a grande biblioteca no segundo andar, orgulho de Ardis e “pasto” favorito dela, na qual sua mãe jamais entrava (tendo no seu budoar uma coleção das *Mil e uma melhores peças teatrais*); Daniel Veen, sentimental e covarde, a evitava com receio de se encontrar com o fantasma do pai, que ali morrera de derrame cerebral, além de achar que não havia nada mais deprimente do que as obras completas de autores que haviam soçobrado no completo olvido, embora ficasse satisfeito quando um visitante ocasional admirava as altas estantes e os armários baixos, os quadros sombrios e os bustos pálidos, as dez cadeiras de noqueira esculpida e duas mesas grandiosas incrustadas de marfim. Iluminado pela réstia de um sol estudioso, o atlas botânico, colocado sobre uma estante para leitura, estava aberto numa estampa com orquídeas multicores. Uma espécie de divã, coberto de veludo negro e acompanhado de duas almofadas amarelas, ocupava uma reentrância sob a grande janela que oferecia uma vista generosa do parque bastante corriqueiro e do lago artificial. Um par de castiçais, meros fantasmas de metal e cera, descansava — ou parecia descansar — sobre o largo peitoril da janela.

O corredor que saía da biblioteca teria levado nossos exploradores silenciosos aos aposentos do sr. e da sra. Veen na ala oeste caso houvessem prosseguido suas investigações naquela direção. Em vez disso, uma escadinha semisecreta, que se ocultava atrás de uma estante rotatória, os levou em espiral até o último andar — ela, as coxas muito brancas, andando mais rápido, três passos à frente dele.

Os quartos de dormir e as acomodações adjacentes eram mais do que modestas, e Van não pôde deixar de lamentar o fato de que, aparentemente, era jovem demais para ocupar um dos dois quartos de hóspedes junto à biblioteca. Lembrou com saudade o luxo de sua própria casa ao deparar com os objetos repugnantes que o sufocariam na solidude das noites de verão. Tudo parecia ter sido feito para um cretino sem eira nem beira: a cama, digna de um asilo de pobres, com sua cabeceira medieval de madeira desbotada; o armário que rangia sem nem ser tocado; a cômoda atarracada, de falso mogno, com puxadores presos a uma corrente (faltava um); uma arca para a roupa de cama (fugitiva envergonhada da lavanderia); e a velha escrivaninha cujo tampo curvo estava trancado ou emperrado. Ele descobriu o puxador num dos inúteis compartimentos externos da escrivaninha e o entregou a Ada, que o atirou pela janela. Van até então nunca encontrara um cavalete para toalhas e nunca vira um lavatório feito especialmente para quem não costuma se banhar. O espelho redondo que ficava acima do lavatório era ornamentado com uvas douradas de gesso; uma serpente satânica envolvia a bacia de porcelana (gêmea da que ficava no banheiro das meninas, do outro lado do corredor). Uma poltrona de braço com espaldar alto e, junto à cama, um tamborete que sustentava o castiçal de latão com coletor de cera e alça (cujo par ele entrevira num espelho havia pouco — onde?) completavam a principal e maior parte do humilde mobiliário.

Voltaram ao corredor, ela sacudindo os cabelos, ele limpando a garganta. Mais adiante, a porta entreaberta de um quarto de jogos ou de crianças se moveu, para a frente e para trás, enquanto Lucette dava uma espiadela, deixando à mostra um joelho avermelhado. Depois, a porta se abriu de todo, mas ela fugiu para dentro do quarto. Veleiros de cobalto enfeitavam os ladrilhos brancos de um grande aquecedor, e quando sua irmã e ele passaram diante da porta, um órgão de brinquedo entrou convidativamente em ação, tocando um pequeno e hesitante minueto.

Ada e Van retornaram ao andar térreo — dessa vez descendo pela suntuosa escadaria. Entre os muitos ancestrais ao longo das paredes, ela apontou seu favorito, o velho príncipe Vseslav Zêmski (1699-1797), amigo de Linnaeus e autor do *Flora Ladorica*, retratado num quadro a óleo de cores reverberantes onde aparecia sentado, vestindo um casaco de cetim e tendo no colo a jovem esposa recém-entrada na puberdade, ela própria segurando uma boneca loura. Ao lado desse amante dos botões de rosa e dos casacos bordados, estava pendurada (de modo bastante incongruente, na opinião de Van) uma fotografia ampliada e emoldurada com grande sobriedade. O falecido Súmerietchnikov, precursor americano dos irmãos Lumière, havia captado o tio materno de Ada de perfil, violino contra o queixo, um jovem de triste sina após seu concerto de despedida.

No andar térreo, abria-se para o jardim uma sala de estar amarela, com paredes forradas de damasco e móveis no estilo que os franceses em certa época chamaram de Império; naquele fim de tarde, ela tinha sido invadida, através da soleira, pelas sombras das grandes folhas de uma paulownia (que recebeu esse nome de um linguista negligente, explicou Ada, com base no patronímico, confundido por ele com um segundo nome ou sobrenome, de uma senhora inofensiva, Anna Pavlovna Románov, filha de Pavel, que — por razões que ela desconhecia — ganhara a alcunha de Paulo-menos-Pedro e era primo do grande botânico Zêmski e professor do linguista descuidado, não, pare por favor se não vou gritar, pensou Van). Uma cristaleira que continha todo um zoológico de pequenos animais, inclusive um órix e um ocapí, acompanhados dos respectivos nomes científicos, foi recomendada com grande ênfase por sua encantadora mas extraordinariamente pretensiosa companheira. Igualmente fascinante era um biombo de cinco folhas, com pinturas brilhantes sobre fundo preto que reproduziam os primeiros mapas dos quatro continentes e meio. Passaram então à sala de música, com seu piano pouco usado, e a um aposento de esquina, chamado de

Sala das Armas, onde imperava um pônei de Shetland empalhado que tinha pertencido a uma tia de Dan Veen, cujo nome de solteira — graças a Deus — Ada não recordava. Do outro lado, sabe-se lá onde, em algum lado da casa ficava o salão de baile, um deserto reluzente com cadeiras alinhadas contra as paredes. “Leitor, passe, passe” (“*mimo, tchitátiel*”, como escreveu Turguêniev). As “cavaliças”, como eram erroneamente chamadas no condado de Ladore, tinham uma disposição arquitetônica bastante confusa no caso da Mansão de Ardis. Uma galeria ladeada de treliças olhava para o jardim por cima de seu ombro coberto de flores, mas de repente fazia um ângulo de noventa graus em direção à aleia por onde chegavam as viaturas. Mais adiante, uma elegante *loggia*, iluminada por longas janelas, levou Ada, agora calada, e Van, morto de tédio, até um abrigo feito com pedras, uma falsa gruta com samambaias de verdade, que se agarravam despudoradamente a suas paredes, e uma cachoeira artificial tomada emprestada de algum regato ou relato, ou da bexiga em fogo de Van (depois de todo aquele maldito chá).

Os aposentos dos empregados (exceto as duas raparigas de rosto bem maquiado que tinham quartos no último andar) davam para o quintal; Ada disse tê-los visitado uma única vez, na fase exploratória de sua infância, mas tudo de que se lembrava era um canário e uma antiga máquina de moer café, com o que se deu por encerrado o assunto.

Dispararam de novo para cima. Van deu um pulinho até um banheiro — e saiu de lá com um humor muito melhor. Um anãozinho que tentava se passar por Haydn tocou outra vez algumas notas enquanto eles prosseguiam sem lhe dar a menor atenção.

O sótão. Eis aqui o sótão. Bem-vindo ao sótão. Lá havia sido deixado um sem-número de baús, malas e caixas de papelão, além de dois canapés marrons colocados um em cima do outro, como besouros copulando, e uma porção de quadros amontoados nos cantos ou em prateleiras, com as faces voltadas para a parede tais quais crianças de castigo. Enrolado em seu grande invólucro, havia ainda um velho

“*jikker*”, ou miniplanador, um tapete mágico azul com desenhos arábicos, desbotados porém ainda encantadores, que o pai do tio Daniel utilizara na mocidade e só voltara a pilotar, depois de adulto, quando estava bêbado. Devido às muitas colisões, colapsos e outros acidentes, particularmente numerosos nos céus crepusculares sobre campos idílicos, a polícia aérea havia proibido o uso de *jikkers*. Todavia, quatro anos depois, Van, que adorava voar, subornou um mecânico local para que limpasse o aparelho, recarregasse os tubos-falcões e o pusesse de novo em condições mágicas de uso. E quantos dias de verão eles iriam passar, ele e sua Ada, planando sobre bosques e rios, numa altitude segura de três metros acima das estradas ou dos tetos! Como era cômico ver o ciclista perder o equilíbrio e, ziguezagueando, ir parar numa vala, ou o limpachaminés, movendo os braços como um moinho, começar a escorregar no telhado!

Vagamente impelidos pelo sentimento de que ao menos estavam fazendo *alguma coisa*, continuaram a inspecionar a casa — sustentando assim uma aparência de ação consecutiva sem a qual, malgrado serem ambos bem versados na arte da conversação, poderiam cair num vácuo desesperado de jogos de palavras em que cada qual buscaria ser mais espirituoso do que o outro, terminando por fim num silêncio retumbante. Por isso, Ada não o poupou nem mesmo do porão, onde pulsava um robô barrigudo, aquecendo corajosamente os canos que partiam em meandros rumo à imensa cozinha e aos dois feios banheiros, além de fazer o possível e o impossível para manter o castelo habitável para os visitantes nos dias festivos de inverno.

“Você ainda não viu nada!”, exclamou Ada. “Ainda falta o telhado!”

“Mas essa vai ser nossa última subida hoje”, disse Van para si mesmo com grande firmeza.

Devido a uma sobreposição de estilos e telhas (não explicável facilmente em termos leigos para pessoas que não amam telhados), bem como a um *continuum* aleatório, se é que se pode utilizar tal expressão,

de renovações, a cobertura da Mansão de Ardis apresentava uma confusão indescritível de ângulos e níveis, de tons de verde e cinza, de cumeeiras com vistas imponentes e nichos à prova de vento. Dava para se abraçar e beijar, e ainda observar, nos intervalos, o reservatório, o arvoredo, os vales e até mesmo a linha finíssima de lariços que marcava o limite da propriedade vizinha muitos quilômetros adiante, sem falar nas feias e diminutas silhuetas de vacas sem pernas numa colina distante. E não era difícil se esconder atrás de algum ressalto para evitar os pilotos de planadores indiscretos ou os balonistas munidos de máquinas fotográficas.

Um gongo ribronzebombou num terraço.

Por alguma estranha razão, ambas as crianças se sentiram aliviadas ao saber que alguém de fora era esperado para o jantar. Tratava-se de um arquiteto andaluz a quem tio Dan queria encomendar o projeto de uma piscina “artística” para a Mansão de Ardis. Tio Dan também tencionava vir, acompanhado de um intérprete, mas pegara um “*khrip*” russo (gripe espanhola) e telefonara a Marina pedindo que ela fosse muito simpática com o velho Alonso.

“Vocês têm de me ajudar!”, disse ela às crianças, a testa franzida de preocupação.

“Quem sabe”, disse Ada voltando-se na direção de Van, “eu mostro para ele a cópia de uma *nature morte* absolutamente fantástica feita por Juan de Labrador, da Extremadura — uvas douradas e uma estranha rosa sobre fundo preto. Dan a vendeu para Demon, mas ele prometeu que vai me dar o quadro quando eu fizer quinze anos.”

“Também temos algumas frutas de Zurbarán”, comentou Van, não querendo ficar para trás. “Tangerinas, se não me engano, e um tipo de figo com uma vespa pousada nele. Ah, vamos impressionar o sujeito com nossa conversa sobre arte!”

Mas não impressionaram. Alonso, um homenzinho mirrado com um smoking trespasado na frente, só falava espanhol, enquanto não ia

muito além de meia dúzia a soma das palavras que seus anfitriões conheciam em castelhano. Van dominava *canastilla* (cestinha) e *nubarrones* (nuvens de tempestade), ambas colhidas da tradução de um belo poema espanhol num de seus livros escolares. Ada, é óbvio, se recordava de *mariposa* (borboleta) e dos nomes de duas ou três aves mencionadas em guias ornitológicos, tais como *paloma* (pombo) e *grevol* (galinha-do-mato). Marina conhecia *aroma* e *hombre*, bem como um termo anatômico que tem um “j” pendurado no meio. Em consequência, a conversação na mesa consistiu em longas e ásperas frases em espanhol, pronunciadas em voz muito alta pelo loquaz arquiteto, que imaginou estar lidando com pessoas bastante surdas, e um punhado de palavras em francês a que suas vítimas tentaram em vão emprestar uma entonação italiana. Terminado o difícil jantar, Alonso, sob a luz de três archotes carregados por dois lacaios, investigou uma possível localização para a caríssima piscina, repôs o mapa da propriedade em sua pasta e, após beijar por engano a mão de Ada no escuro, saiu às pressas a fim de pegar o último trem que rumava para o sul.

Com os olhos pesados de sono, Van tinha ido dormir pouco após o “chá da noite”, a ceia de verão (em que o chá era a coisa menos importante) servida umas duas horas depois do jantar e considerada por Marina algo tão natural e inevitável quanto a ocorrência do pôr do sol ao anoitecer. Na Mansão de Ardis, o prato principal dessa tradicional festança russa era uma *prostokvacha* — palavra traduzida pelas professoras inglesas como *curds-and-whey* (coalhada e soro de leite) e por *Mlle. Larivière* como *lait caillé* (leite coalhado) —, cuja camada superior, fina e cremosa, a srta. Ada, usando a colher de prata especial com o monograma \forall , retirava e lambia delicada e avidamente (ah, Ada, quantas ações suas mereceriam esses advérbios!) antes de atacar as profundezas mais amorfas e pastosas da iguaria; junto com isso vinha o pão preto e rude do campo, além dos morangos *klubnika* (*Fragaria elatior*), quase negros, e outros colhidos no jardim, grandes e de um vermelho brilhante, resultantes do cruzamento de duas espécies diferentes de *Fragaria*. Van mal havia pousado o rosto no travesseiro fino e fresco quando foi violentamente despertado por um chilrear clamoroso — trinados radiosos, doces gorjeios, cricris estridulantes, chilrados, trilos, roucos crocitos e ternos redobres. Com certa apreensão leiga, imaginou que Ada poderia — e iria — atribuir um pássaro a cada uma daquelas vozes. Enfiou os pés nos chinelos, muniu-se de sabonete, pente e toalha e, envolvendo sua nudez num roupão de algodão, saiu do quarto com o intuito de dar um mergulho no riacho que vira no dia anterior. O relógio de pêndulo do corredor tiquetaqueava em meio ao silêncio auroral, só rompido, dentro

da casa, pelos rancos vindos do quarto da preceptora. Após um momento de hesitação, visitou o banheiro do quarto de brinquedos. Lá, através de uma estreita janela, foi assaltado pelos sons do aviário enlouquecido e pelo brilho de um sol poderoso. Isso queria dizer que ele estava bem, muito bem! Ao descer a grande escadaria, o pai do general Durmânov cumprimentou-o com um olhar sério e o recomendou ao velho príncipe Zêmski e outros ancestrais, todos tão discretamente atentos quanto aqueles guardas de museu que não perdem de vista o turista solitário no velho e sombrio palácio.

A porta da frente estava fechada com chave e corrente. Van tentou a porta lateral envidraçada de uma galeria guarnecida de flores azuis. Nada feito também. Sem saber ainda que, debaixo da escadaria, um nicho pouco visível abrigava um sortimento de chaves sobressalentes (algumas muito antigas e anônimas, penduradas em ganchos de latão) e se comunicava, por um depósito de ferramentas, com uma parte pouco frequentada do jardim, Van atravessou vários salões em busca de uma janela benevolente. Num aposento de canto, descobriu, de pé junto a uma alta porta-janela, a jovem camareira que entrevira na véspera e que se prometera conhecer melhor. Ela vestia uma blusa com aquilo que seu pai, sem reprimir uma expressão semilibidinoso, chamaria de um “aventuzinho preto e um frisson de babados brancos”; um pente de tartaruga enfiado nos cabelos castanhos refletia a luz de âmbar; a porta-janela estava aberta e ela se apoiava bem alto na ombreira com uma das mãos, onde reluzia minúscula água-marinha, enquanto acompanhava com a vista um pardal que saltitava na aleia pavimentada rumo ao pedacinho de biscoito que ela havia lhe jogado. Seu perfil de camafeu, a bonita narina rosada, o pescoço longo, francês, branco como um lírio, os contornos ao mesmo tempo generosos e frágeis de seu corpo (a lascívia masculina não prima pelas virtudes descritivas!) e, em particular, o senso selvagem de oportunidade mobilizaram Van de modo tão incisivo que ele não pôde resistir à tentação de agarrar pelo pulso o braço envolto na

manga apertada. Liberando o braço, e confirmando por sua atitude controlada que pressentira a aproximação, a moça virou para ele o rosto atraente, embora praticamente sem sobrancelhas, e lhe perguntou se queria uma xícara de chá antes do café da manhã. Não. Qual era seu nome? Blanche, mas *Mlle.* Larivière a chamava de “Cendrillon” (Cinderela) porque suas meias estavam sempre caindo pelas pernas, o senhor entende?, porque quebrava e perdia as coisas, e porque confundia os nomes das flores. O roupão folgado de Van revelava seu desejo, coisa que até mesmo uma rapariga daltônica não poderia deixar de reparar. Quando se aproximou ainda mais, olhando por cima da cabeça dela à procura de um sofá adequado em algum canto daquela mansão mágica — onde *qualquer* lugar, como nas memórias de Casanova, podia ser transformado, pela força do sonho, no recesso indevassável de um harém —, Blanche escapuliu de vez e se lançou num pequeno solilóquio em seu francês ladoriano:

“Monsieur a quinze ans, je crois, et moi, je sais, j’en ai dix-neuf. Monsieur é um nobre, eu sou a filha de um pobre carvoeiro. Monsieur a tâté, sans doute, des filles de la ville; quant à moi, je suis vierge, ou peu s’en faut. De plus, se eu me apaixonasse pelo senhor — realmente me apaixonasse, o que infelizmente seria possível se o senhor me possuísse rien qu’une petite fois —, isso só traria para mim muito sofrimento, as chamas do inferno, desespero e até a morte, Monsieur. Finalement, devo acrescentar que estou com um corrimento vaginal e vou ter de fazer uma consulta com o Docteur Chronique, quer dizer, Crolique, no meu primeiro dia de folga. Agora temos de nos separar, o pardal desapareceu e Monsieur Bouteillan, que acabou de entrar na sala ao lado, pode nos ver perfeitamente no espelho que fica em cima do sofá escondido atrás do biombo de seda.”

“Me desculpe”, murmurou Van, profundamente desconcertado com o tom estranho e trágico de sua voz, que o fizera sentir-se como se estivesse

participando de uma peça teatral em que era o ator principal mas da qual só recordava aquela cena.

A mão do mordomo, refletida no espelho, fez aparecer do nada uma garrafa de cristal para licores, fazendo-a desaparecer em seguida. Van, dando novo laço no cinto do roupão, atravessou a porta-janela para penetrar na verde realidade do jardim.

Naquela mesma manhã, ou alguns dias depois, no terraço:

“*Mais va donc jouer avec lui*”, disse *Mlle. Larivière*, empurrando Ada, cujas jovens ancas sacolejaram, desconjuntadas, com o choque. “Não deixe seu primo *se morfondre* quando o dia está tão bonito. Pegue-o pela mão. Vá mostrar a dama branca na sua aleia favorita, e a montanha, e o grande carvalho.”

Ada voltou-se para ele com um encolher de ombros. O toque frio dos dedos dela, sua palma úmida, o modo meio sem jeito de jogar os cabelos para trás quando começaram a caminhar pela alameda central do parque, tudo isso também o deixou algo encabulado e, sob o pretexto de pegar um cone de pinheiro, Van libertou a mão. Atirou a pinha numa mulher de mármore que se curvava sobre um *stamnos*, mas só conseguiu assustar um passarinho que pousara na beirada de sua jarra partida.

“Não há nada mais banal no mundo”, disse Ada, “do que jogar pedras num bico-grossudo.”

“Desculpe”, disse Van, “não queria espantar o passarinho. Mas também não fui criado no campo, por isso não sei a diferença entre uma pinha e uma pedra. *Au fond*, ela espera que a gente vá brincar de quê?”

“*Je l’ignore*”, respondeu Ada. “Na verdade, não me interessa muito saber como funciona a cabeça dela. *Cache-cache*, acho eu, ou subir nas árvores.”

“Ah, sou bom nisso”, disse Van, “sei até pular de galho em galho me agarrando pelas mãos.”

“Não, vamos brincar das *minhas* brincadeiras. Brincadeiras que eu mesma inventei. E que espero que a pobrezinha da Lucette possa brincar comigo no ano que vem. Vem, vamos começar. A primeira série é do tipo sombra e luz, vou te ensinar duas.”

“Estou vendo”, disse Van.

“Vai ver daqui a pouquinho”, retrucou a professorinha. “Primeiro temos que achar um bom pedaço de pau.”

“Olhe”, disse Van, ainda algo amuado, “lá vai outro bico-grande ou coisa que o valha.”

A essa altura tinham chegado ao *rond-point* — uma pequena arena cercada de canteiros e de arbustos de jasmim em plena floração. No alto, os braços de uma tília se esticavam na direção dos braços de um carvalho, tal qual uma beldade num traje de lantejoulas verdes voando para ser apanhada por seu robusto pai, pendurado no trapézio pelos pés. Mesmo naquela época nós dois compreendíamos esse tipo de coisa divina, mesmo então...

“Há alguma coisa de muito acrobático nesses galhos lá em cima, não é mesmo?”, ele perguntou, apontando.

“É”, ela respondeu. “Descobri isso há um tempão. A tília é a italiana voadora e o carvalho é o sofredor, o velho amante que sofre, mas ainda assim a agarra todas as vezes” (impossível reproduzir a entonação correta e o sentido geral de suas palavras — depois de oito décadas! —, mas, enquanto olhávamos para cima e depois de volta para o chão, ela de fato disse algo extraordinário, algo inteiramente inesperado para alguém com sua tenra idade).

Mantendo os olhos baixos e gesticulando com uma vareta verde e pontiaguda que tomara emprestada de um canteiro de peônias, Ada explicou o primeiro jogo.

As sombras das folhas na areia eram interrompidas aqui e ali por rodela de luz. O jogador escolhia uma rodela — a melhor, a mais brilhante que pudesse achar — e marcava com firmeza seu contorno

usando a ponta da vara. Feito isso, a mancha luminosa parecia se tornar convexa, como se fosse um buraco cheio até a borda de algum corante dourado. Então, com os dedos ou com a vareta, o jogador ia retirando com toda a delicadeza punhados de terra de dentro da rodela. O nível daquela reluzente *infusion de tilleul* magicamente baixava na taça de terra, até não sobrar mais do que uma gota preciosa. Ganhava o jogo aquele que criasse o maior número de taças em, digamos, vinte minutos.

Van, desconfiado, perguntou se isso era tudo.

Não, não era. Demarcando com afinco um pequeno círculo em torno de uma gota de ouro particularmente notável, Ada se movia agachada, os cabelos negros caindo sobre os joelhos de marfim, os quadris e as mãos trabalhando sem parar — enquanto uma das mãos segurava a vareta, a outra afastava do rosto os fios de cabelo inoportunos. Uma brisa ligeira de repente eclipsou sua rodela de sol. Quando isso acontecia, o jogador perdia um ponto, mesmo se a folha ou a nuvem se apressasse em sair da frente.

Está bem. Qual era o outro jogo?

O outro jogo (numa voz monocórdia) talvez parecesse um pouco mais complicado. Para jogá-lo de forma adequada, era necessário esperar até uma determinada hora da tarde a fim de poder contar com sombras mais compridas. O jogador...

“Pare de falar ‘o jogador’. É você ou eu.”

“Então, você. Você faz o contorno da minha sombra na areia. Eu ando para a frente. Você marca o contorno outra vez. E assim por diante (passando-lhe a vareta). Se então eu andar para trás...”

“Quer saber de uma coisa?”, disse Van, jogando a vareta para longe. “Acho que esses são os jogos mais chatos e idiotas que alguém já inventou, em qualquer lugar, em qualquer tempo, não importa se de manhã ou de tarde.”

Ela não disse nada, porém suas narinas se estreitaram. Foi buscar a vareta e a enfiou de volta furiosamente no solo argiloso, no exato lugar

de onde tinha sido tirada, junto a uma flor agradecida que ela prendeu à estaca com um aceno de cabeça silencioso. Saiu caminhando de volta para casa. Ele se perguntou se seu modo de andar ficaria mais gracioso quando ela crescesse.

“Fui muito estúpido, por favor me perdoe”, ele disse.

Ada inclinou a cabeça sem olhar para trás. Para sinalizar um início de reconciliação, mostrou-lhe dois maciços ganchos presos aos aros de ferro que circundavam os troncos de dois tulipeiros: antes que ela nascesse, outro garoto, também chamado Ivan, o irmão de sua mãe, costumava armar ali uma rede na qual dormia quando o calor das noites de verão se tornava insuportável — afinal, estavam na mesma latitude da Sicília.

“Uma esplêndida ideia”, disse Van. “Aliás, se um vaga-lume bater na gente, queima? Só queria saber. Pergunta bobá de quem vive na cidade.”

Ela lhe mostrou depois onde era guardada a rede — na verdade, muitas delas, um saco de lona cheio de redes fortes e macias: no canto de um depósito de ferramentas, no porão e atrás dos lilases; a chave ficava num buraco que, no ano anterior, fora ocupado pelo ninho de um pássaro cujo nome não vinha ao caso no momento. Um feixe estreito de luz do sol retocou com um verde mais intenso a comprida caixa de madeira onde eram guardados os petrechos necessários para jogar croqué, embora as bolas tivessem sido empurradas colina abaixo por algumas crianças travessas, os pequenos Erminin, que tinham agora a idade de Van e haviam se tornado muito bem-comportados.

“Como todos nós ao chegar a essa idade”, disse Van, inclinando-se para pegar do chão um pente curvo de tartaruga, do tipo que as moças usam para manter os cabelos altos sobre a nuca. Ele vira um igual àquele bem recentemente, mas quando, na cabeça de quem?

“De uma das criadas”, disse Ada. “Aquele livresco todo rasgado também deve pertencer a ela, *Les Amours du Docteur Mertvago*, um romance místico escrito por um pastor.”

“Para jogar croqué com você”, disse Van, “a gente precisa usar flamingos e ouriços.”

“Nossas listas de leituras são muito diferentes”, continuou Ada. “Aquele *Palácio no país das maravilhas*, por exemplo, foi o tipo de livro que todo mundo me promete que eu vou adorar mas que acabo odiando. Você já leu algum dos contos escritos por *Mlle. Larivière*? Bem, vai ler. Ela acredita que, numa espécie de encarnação anterior, uma coisa meio hinduísta, era uma parisiense que frequentava os cafés na moda, e escreve como se isso fosse verdade. Daqui podemos nos arrastar pelo chão até chegar no saguão principal por uma passagem secreta, mas acho que temos que ir ver *le grand chêne*, que por sinal é um olmo.” Ele gostava de olmos? Conhecia o poema de Joyce sobre as duas lavadeiras? Conhecia, sim. E gostava do poema? Gostava. Na verdade, ele estava começando a gostar muito dos arvoredos, dos ardores e das Adas, que rimavam em inglês. Deveria comentar isso?

“E agora...”, ela disse. Parou e olhou fixo para ele.

“Sim, e agora o quê?”

“Bem, talvez eu não devesse tentar divertir você... depois que pisoteou minhas rodela de luz. Mas vou ser boazinha e mostrar a verdadeira maravilha da Mansão de Ardis: meu larvário, que fica no quarto ao lado do meu” (o quarto que ele nunca viu, nunca — coisa estranha, pensando bem!).

Ela fechou com cuidado uma porta de comunicação quando entraram no que parecia uma coelheira embelezada, depois de atravessarem um aposento com chão de mármore — como veio a saber, apenas um antigo banheiro. Embora o lugar fosse bem arejado (as janelas com vitrais heráldicos estavam abertas de par em par, deixando entrar os guinchos e assobios de protesto da população aviária, claramente subalimentada e superfrustrada), o cheiro dos viveiros — uma mistura de terra úmida, tubérculos suculentos, miasmas de velhas estufas e talvez um toque de bode — era sem dúvida pavoroso. Antes de deixar que ele se

aproximasse, Ada ficou mexendo nuns pequenos trincos e divisórias de arame, e uma sensação de grande vazio e depressão apagou as doces labaredas que vinham consumindo Van desde o início de seus jogos inocentes.

“*Je raffole de tout ce qui rampe* (Sou maluca por tudo que rasteja)”, ela disse.

“Prefiro os que se transformam numa bola quando você toca neles, os que se enrolam para dormir como os velhos cachorros”, disse Van.

“Ah, eles não vão *dormir, quelle idée, eles desmaiam*, é uma pequena síncope”, explicou Ada, a testa franzida. “E imagino que deve ser um tremendo choque para os mais novinhos.”

“É, deve ser mesmo. Mas acredito que, com o tempo, eles se habituem, sei lá.”

No entanto, suas hesitações, típicas de quem não tinha familiaridade com o assunto, logo cederam espaço à empatia estética. Muitas décadas mais tarde, Van lembrava-se de como havia admirado as lindas lagartas da mariposa-tubarão, nuas, reluzentes, com manchas e listras ricamente coloridas, tão venenosas quanto as flores de verbasco amontoadas em volta delas. Ou a larva achatada de uma catocala local, cujos calombos cinzentos e placas cor de lilás mimetizavam de modo perfeito as protuberâncias e os líquens do graveto ao qual ela se agarrava, a ponto de praticamente se fundirem numa só imagem. Ou o pequeno Vaporer, com seu casaco preto enfeitado nas costas por tufo pintados de vermelho, azul e amarelo, de comprimentos diferentes, como uma escova de dentes fantástica cujas cores tinham garantia de fábrica. E esse tipo de símile, com seus ornamentos especiais, hoje me faz lembrar as anotações entomológicas no diário de Ada... que deve estar guardado em algum lugar, não está, minha querida, naquela gaveta, não? Você acha que não? Sim! Viva! Aí vão alguns exemplos (sua caligrafia arredondada, meu amor, era um pouco maior, mas, fora isso, nada, nada, nada mudou):

A cabeça retrátil e os diabólicos tentáculos anais do monstro espalhafatoso que produz a modesta mariposa Dicranura pertencem a uma lagarta muito diferente de todas as outras lagartas, pelos segmentos frontais que têm o formato de foles e a face que se parece com a lente de uma máquina fotográfica do tipo sanfona. Para quem toca de leve seu corpo liso e inchado, a sensação é sedosa e agradável — até que a criatura, irritada, comete a ingratidão de borrifá-lo com um líquido pungente que ela lança de uma fenda na garganta.

O dr. Krolík recebeu da Andaluzia, e gentilmente me cedeu, cinco jovens larvas de uma espécie local e só recentemente descrita, a Carmem Carapaça de Tartaruga. São criaturas encantadoras, de um belo tom de jade com espinhos prateados, que só se reproduzem numa espécie semiextinta de salgueiro das altas montanhas (que o querido Croliquinho também conseguiu para mim).

(Aos dez anos, ou antes, a menina havia lido — como também Van — *Les Malheurs de Swann*, o que fica claro no exemplo seguinte):

Acho que Marina iria parar de reclamar de meu passatempo (“Há alguma coisa de indecente numa menina ficar cuidando desses bichos repelentes...”, “Meninas normais deveriam odiar cobras e vermes” etc.) se eu pudesse persuadi-la a superar sua repugnância antiquada e colocar, ao mesmo tempo na palma da mão e no pulso (só na mão não ia caber!), a nobre larva de uma mariposa-falcão de catleia (matizes cor de malva de Monsieur Proust), um colosso de mais de quinze centímetros, cor de carne com arabescos azul-turquesa, cabeça arroxeadada erguida na pose típica de uma esfinge.

(Belas descrições!, disse Van, mas *nem eu* as apreciei o bastante quando era jovem. Por isso, não toleremos o tolo que passa os olhos pelo livro e pensa: “Que farsante, esse velho V. V.!”.)

Ao final daquele verão de 1884, tão remoto e tão presente, Van fez uma visita de despedida ao larvário de Ada antes de partir de Ardis.

A lagarta da mariposa-tubarão, com a mancha parecendo um olho e o corpo branco como se feito de porcelana, uma gema preciosíssima, havia completado com êxito sua metamorfose seguinte, mas o exemplar único de catocala Lorelei havia morrido, paralisado por algum icneumonídeo que não se deixara enganar por aquelas astuciosas protuberâncias e manchas fungoides. A escova de dentes multicolorida, com todo o conforto, havia se transformado em pupa dentro de um casulo felpudo, gerando a promessa de um Vaporer Persa lá pelo final do outono. As duas larvas da mariposa Dicranura tinham assumido um aspecto ainda mais horroroso, mas ao menos mais vermicular e em certo sentido mais venerável: de seus posteriores pendiam os tridentes agora flácidos, e um rubor purpúreo havia embotado a disposição cubista de suas cores extravagantes; porém, num acesso de locomoção que prenunciava a passagem para o estado de pupa, elas rastejavam de um lado para outro do chão do viveiro. Um ano antes, Aqua tinha atravessado um bosque e entrado numa ravina para fazer a mesma coisa. Uma *Nymphalis carmen*, que acabara de sair da crisálida, estava abanando suas asas cor de limão e âmbar-escuro num pedacinho de grade iluminado pelo sol, até que Ada, tão encantada quanto impiedosa, a sufocou com um pinçamento de seus dedos ágeis. A Esfinge odetiana se havia transformado numa múmia elefantina, com uma tromba comicamente encoberta do tipo guermantoide. E, em outro hemisfério, o dr. Krolik, malgrado suas pernas curtas, estava correndo a toda a velocidade atrás de uma borboleta muito especial, cujas pontas das asas eram cor de laranja, a *Antocharis ada* Krolik (1884) — nome pelo qual foi conhecida até que a inexorável lei da prioridade taxonômica o alterasse para *A. prittwitzi* Stümper (1883).

“Mas, depois, quando esses bichos aparecem”, perguntou Van, “o que é que você faz com eles?”

“Ah”, ela disse, “eu levo todos para a assistente do doutor Krolik, que os prepara, escreve as etiquetas e prende com alfinetes nas gavetas cobertas de vidro de um armário de carvalho muito limpo que vai ser meu quando eu me casar. Nessa altura já vou ter uma grande coleção, e continuarei a criar todos os tipos de lepis — meu sonho é ter um instituto para as larvas de fritilárias e para todas as violetas especiais de que elas se alimentam. Eu receberia aqui, vindos de avião, os ovos ou as larvas de toda a América do Norte com as respectivas plantas — as violetas das sequoias da costa oeste, as violetas pálidas de Montana, as violetas dos campos, as violetas de Egglestone no Kentucky, e umas violetas brancas e muito raras que nascem num pântano secreto perto de um lago sem nome numa montanha do Ártico onde são encontradas as fritilárias menores de Krolik. Obviamente, quando as borboletas saem da crisálida, é muito fácil fazê-las se acasalar na mão. Você pega as duas... às vezes leva um tempão... assim, de perfil, as asas dobradas” (demonstrando o método e se esquecendo de esconder suas pobres unhas)... “Macho na mão esquerda, fêmea na direita, ou vice-versa, com a ponta de seus abdomens se tocando, mas os espécimes têm de ser muito novinhos e estarem *impregnados* do cheiro da violeta que preferem.”

9

Era ela realmente bonita aos doze anos? E ele, queria mesmo — quereria jamais — acariciá-la, realmente acariciá-la? Os cabelos pretos que cascadeavam sobre um dos ombros, o jeito com que balançava a cabeça jogando-os para trás, a covinha na face pálida, essas revelações continham um elemento de identificação imediata. Sua palidez reluzia, o negror de seus cabelos resplandecia. As saias plissadas de que ela tanto gostava eram convenientemente curtas. Até mesmo os membros descobertos eram tão imunes ao sol que seu olhar, ao aflorar os antebraços e as pernas dela, podia seguir os traços oblíquos e regulares dos cabelos finos e negros, as sedas de sua adolescência. As íris castanho-escuras de seus olhos sérios tinham a opacidade enigmática do olhar de um hipnotista oriental (tal como visto no anúncio publicado na contracapa de certa revista), parecendo situar-se mais ao alto que o normal, de tal modo que, entre sua borda inferior e a úmida pálpebra, permanecia um crescente branco quando ela o encarava diretamente. Os longos cílios pareciam pintados de preto, e na verdade eram. Os lábios cheios, embora sempre ressequidos, impediam que ela tivesse a formosura açucarada de um elfo. O nariz tipicamente irlandês era uma miniatura do de Van. Os dentes eram bastante brancos, mas não muito regulares.

As pobres e bonitas mãos... impossível não se apiedar delas! Rosadas, em comparação com a pele translúcida do braço, mais rosadas mesmo que os cotovelos, que pareciam corar de vergonha pelo estado de suas unhas: ela as roía tão completamente que, no lugar da margem livre, só restava uma ranhura cavada na carne, como se ali houvesse um arame

encravado, o que adicionava uma espátula extra às pontas nuas de seus dedos. Mais tarde, quando ele procurava beijar suas mãos frias, ela cerrava os punhos, oferecendo a seus lábios nada mais do que os nós dos dedos; mas ele a forçava ferozmente a abrir as mãos, até poder alcançar aquelas pequenas e cegas almofadas. (E, no entanto, ah, os ônix longos, lânguidos, rosa e prata, as delicadas garras, pintadas e pontiagudas, de sua adolescência e vida adulta!)

O que Van sentiu naqueles primeiros e estranhos dias em que ela lhe mostrou a casa — assim como os cantos e recantos onde em breve fariam amor — foi uma mescla de arrebatamento e exasperação. Arrebatamento, por causa de sua pele pálida, voluptuosa e inatingível, seus cabelos, pernas, movimentos angulosos, seu cheiro de gazela e grama, o repentino olhar negro de seus olhos bem afastados, a nudez rústica sob o vestido. Exasperação, porque, entre ele, um estudante inábil porém muito inteligente, e aquela criança precoce, afetada e impenetrável, se estendia um vazio de luz e um véu de sombra que nenhuma força era capaz de superar ou romper. Na desesperança de sua cama, ele se maldizia dolorosamente enquanto concentrava seus sentidos intumescidos na imagem fugidia que o havia capturado quando, na segunda excursão ao sótão, ela havia trepado num baú de marinheiro para abrir uma espécie de claraboia pela qual se chegava ao telhado (até o cachorro tinha ido lá uma vez): um gancho ou coisa parecida levantou seu vestido e ele viu — como alguém pode ver um milagre repugnante num episódio bíblico ou a chocante metamorfose de uma mariposa — que a criança tinha uma negra pelugem pubiana. Deu-se conta de que Ada parecia ter notado que ele havia visto ou poderia ter visto aquilo (que não apenas vira, mas guardara com terno horror até se livrar da visão, bem mais tarde e de uma forma estranha). Uma expressão curiosa, sombria, arrogante perpassou o rosto de Ada: os lábios pálidos e carnudos se moveram como se ela estivesse mastigando algo, e deu uma risadinha sem alegria quando ele, o grande Van, escorregou numa telha

após ter transpassado com dificuldade a claraboia. E nesse momento, na luz repentina do sol, lhe veio a compreensão de que ele, o pequeno Van, até então não passara de um menino virgem e cego, pois a pressa, a poeira e a obscuridade haviam ocultado os encantos cerdosos de sua primeira meretriz, embora tantas vezes possuída.

A partir de então, sua educação sentimental evoluiu rapidamente. Na manhã seguinte, entreviu-a enquanto lavava o rosto e os braços numa bacia antiquada que ficava sobre uma mesinha rococó, o cabelo preso no alto da cabeça, a camisola enrolada em volta da cintura como uma corola desajeitada da qual despontavam suas costas delgadas, sombreadas pelas costelas no lado visível. Uma gorda serpente de porcelana circundava a bacia e, quando o réptil e ele pararam para contemplar a Eva e o balançar macio dos seios ainda em floração, um grande sabonete cor de amora escapou da mão dela e um pé envolto numa soquete preta físgou a porta e a fechou com estrondo — muito mais o eco do sabão batendo no chão de mármore do que um sinal de pudicícia ofendida.

“É, tem razão”, começou Marina, “quando eu estava fazendo o papel de Ofélia, o fato de eu já ter colhido flores...”

“Ajudou, sem dúvida”, disse Ada. “Mas a palavra russa para o malmequer-dos-brejos é *Kurosliep* (que os mujiques da Tartária, pobres escravos, aplicam erradamente ao botão-de-ouro), ou também *Kalújnitsa*, tal como é usada corretamente em Kaluga, nos Estados Unidos da América.”

“Ah”, disse Van.

“Como acontece com muitas flores”, Ada continuou com o sorriso calmo do cientista louco, “o nome infeliz de nossa planta em francês, *souci d'eau*, tem sido traduzido, ou deveríamos dizer transfigurado...”

“Deflorado”, tentou Van Veen.

“*Je vous en prie, mes enfants!*”, cortou Marina, que mal vinha acompanhando a conversa e ficou na dúvida sobre o sentido da última troca de palavras entre os dois.

“Por acaso, esta manhã mesmo”, disse Ada, não se dignando a dar explicações a sua mãe, “nossa muito ilustrada preceptora, que também foi sua, Van, e que...”

(Primeira vez que ela pronunciava seu nome — e numa aula de botânica!)

“... é muito severa com esses tradutores incompetentes para o inglês, embora eu suspeite de que seus motivos são mais chauvinistas do que artísticos e morais, chamou minha atenção — com certa dificuldade, cumpre confessar — para algumas inacreditáveis deflorações, como você as chama, Van, na versão *soi-disant* literal feita por um tal de sr. Fowlie, qualificada como ‘sensível’ — sensível! — numa resenha elogiosa recente da Elsie, do poema *Mémoire*, de Rimbaud, o qual ela, por sorte — e quem sabe prevendo o futuro —, me fez aprender de cor, embora eu suspeite que prefira Musset e Coppée...”

“...*les robes vertes et déteintes des fillettes...*”, declamou Van em triunfo.

“Não, muito obrigado”, disse Van. “Tenho minhas próprias loterias”, provocando no tio outro olhar de espanto, só que agora meio de esguelha.

O chá foi servido na sala de estar, todos bastante silenciosos e tranquilos até que tio Dan se retirasse para seu escritório e puxasse de um bolso interno do casaco o jornal bem dobrado. Todavia, bastou que saísse do aposento para que uma janela se abrisse violentamente de moto próprio e uma chuvarada torrencial começasse a batucar nas folhas dos tulipeiros e dos imperialis, com o que todos passaram a conversar em voz alta.

A chuva não durou muito, ou melhor, não ficou muito tempo por ali: presumivelmente, seguiu caminho rumo a Laduga ou Ladoga ou Kaluga ou Luga, deixando para trás um arco-íris incompleto em cima da Mansão de Ardis.

Tio Dan, sentado numa poltrona superestofada, tentava ler (com a ajuda de um daqueles dicionários anões para turistas pouco exigentes que ele usava a fim de decifrar os catálogos de arte estrangeiros) um artigo aparentemente dedicado à cultura de ostras num jornal ilustrado holandês que alguém havia abandonado no banco do trem à sua frente. Nesse momento, contudo, um tumulto insuportável começou a se espalhar de quarto em quarto por toda a casa.

O jovial dachshund — uma orelha balançando e a outra voltada para cima mostrando a parte interna rosada com manchas cinza, movendo a todo o vapor as pernas cômicas e escorregando no parquê ao executar volteios abruptos — havia sido surpreendido no ato de transportar para um esconderijo seguro, onde cuidaria dele sem pressa, um chumaço substancial de algodão embebido em sangue que descobrira num dos andares superiores. Ada, Marina e duas criadas perseguiam o alegre animal, mas, como era impossível cercá-lo em meio a todos aqueles móveis barrocos, ele continuava a chegar à frente delas em inumeráveis

de silfos dourados ou fadinhas passeando entre os canteiros. Agora, voando docemente em aparente linha reta, cruzando e recruzando a escuridão a seu redor, a pálida luz amarela de cada um cintilava de cinco em cinco segundos e sinalizava um ritmo próprio (bem diverso daquele de outra espécie similar que, segundo Ada, voava junto com o *Photinus ladorensis* em Lugano e Luga) à fêmea que, embora oculta em meio à grama, pulsava em resposta fótica após dedicar alguns momentos a verificar o tipo exato de código luminoso utilizado pelo macho. A presença desses magníficos bichinhos, que ao passarem iluminavam delicadamente a noite olorosa, impregnava Van de uma alegria sutil que a entomologia de Ada só de raro em raro suscitava nele — quem sabe devido à inveja que o saber concreto do naturalista provoca nas pessoas mais voltadas à especulação abstrata. A rede, um ninho oblongo e confortável, imprimia em seu corpo nu um padrão reticulado, seja debaixo do cedro chorão que se espalhava sobre um canto do gramado oferecendo abrigo parcial em caso de chuva, seja, em noites de tempo mais firme, entre dois tulipeiros (onde um antigo hóspede de verão, com uma capa de ópera por sobre o camisolão frio e úmido, acordara de súbito porque uma bomba havia explodido no poço da orquestra de seu pulmão e, acendendo um fósforo, tio Van vira o sangue fresco maculando o travesseiro).

As janelas do negro castelo se apagavam em filas, colunas ou movimentos do cavalo no tabuleiro de xadrez. Quem por mais tempo ocupava o banheiro do quarto das crianças era a *Mlle. Larivière*, que ia para lá com uma lâmpada de essência de rosas e seu *buvard*. Uma brisa encrespava o dossel da cama de Van no seu quarto agora infinito. Vênus subia no céu. Vênus se cravava em sua carne.

Tudo isso aconteceu antes da invasão sazonal de um certo mosquito, interessante por seu primitivismo (cuja virulência o contingente russo de nossa região, gente em geral pouco simpática, atribuía à dieta dos franceses de Ladore, produtores de vinho e comedores de frutinhas da

ossos e tudo, *sempre* deixa a língua do homem assim no deserto” (fazendo um gesto negligente).

“Duvido.”

“É um mistério bastante conhecido.”

Seus cabelos haviam sido bem escovados naquele dia e exibiam uma luminosidade negra que contrastava com a palidez sem brilho do pescoço e dos braços. Vestia a camiseta listrada que, em seus devaneios solitários, Van mais gostava de levantar aos poucos do torso coleante de Ada. O tecido oleado da toalha de mesa estava dividido em quadrados azuis e brancos. Um traço de mel manchava o que havia sobrado de manteiga no potinho.

“Está bem. E a terceira ‘coisa real’?”

Ela o encarou longamente. Uma gotinha de fogo no canto de seus lábios o encarou longamente. Uma aveludada violeta tricolor, que na véspera Ada usara como modelo para fazer uma aquarela, também o encarou de sua jarra de cristal. Ela não disse nada. Lambeu os dedos bem abertos, ainda olhando para ele.

Não obtendo nenhuma resposta, Van foi-se embora da varanda. A torre de Ada desmoronou mansamente no doce silêncio da manhã ensolarada.

potes de caviar pérola-cinzenta, violetas cristalizadas, tortinhas de framboesa, dois litros de vinho do Porto branco Goodson, outros dois litros de Porto tinto, vinho clarete aguado em garrafas térmicas para as meninas e o chá frio e doce das infâncias felizes — tudo isso mais facilmente imaginado do que descrito. Aquilo era instrutivo [assim consta no manuscrito. Nota do editor].

Era instrutivo pôr lado a lado Ada Veen e Grace Erminin: a brancura de leite de Ada e a tez saudavelmente afogueada da menina que tinha a mesma idade dela; uma com cabelos de bruxa, negros e longos, a outra com cabelos castanhos bem curtos; os olhos sérios e embaçados de minha querida, o cintilar azul dos olhos de Grace por trás dos óculos de aro de tartaruga; a coxa nua da primeira, as meias compridas e vermelhas da outra; a saia de cigana, a roupinha de marinheiro. Talvez ainda mais instrutivo era notar que, embora as feições simples de Greg tivessem sido transpostas sem tirar nem pôr para sua irmã, sob a aura de Grace haviam adquirido um certo quê de beleza feminina, sem em nada afetar a grande semelhança entre os dois grumetes.

As ruínas do peru, o vinho do Porto que só fora tocado pelas preceptoras e uma travessa de Sèvres quebrada foram prontamente retirados pelos empregados. Um gato apareceu debaixo de um arbusto, olhou bem para a cena que se abria diante dele demonstrando intensa surpresa e, apesar do coro de “miau, miau, vem cá, vem cá”, desapareceu como num passe de mágica.

Pouco depois *Mlle.* Larivière pediu que Ada a acompanhasse a um lugar isolado. Lá, vestida dos pés à cabeça, com a volumosa saia mantendo ainda suas dobras porém parecendo agora três centímetros mais comprida porque escondia os sapatos de lonita, ela se manteve imóvel por algum tempo acima de uma torrente invisível e, um momento depois, retomou sua altura normal. Na volta, a bem-intencionada pedagoga explicou que o aniversário de doze anos de uma menina era uma ocasião apropriada para se discutir e prever uma coisa

que haviam substituído a joia perdida ao devolver a *Mme. F.* o estojo em que era guardada. Ah, como o coração de Mathilde palpitava! Será que sua amiga Jeanne abriria o estojo? Não abriu. Quando, decrépitos porém vitoriosos (ele, semiparalisado após meio século copiando documentos na miserável *mansarde* onde moravam; ela, inteiramente acabada de tanto lavar assoalhos *à grand eau*), confessam tudo a *Mme. F.* — que mantinha uma aparência jovem apesar dos cabelos brancos —, ela lhes diz, na última frase do conto: “Mas, minha pobre Mathilde, o colar era falso: só custou quinhentos francos!”.

A contribuição de Marina foi mais modesta, embora também tivesse seu encanto. Ela mostrou a Van e Lucette (os outros já sabiam tudo) o pinheiro exato e o ponto exato em seu tronco rugoso e vermelho onde, num passado muito distante, tinha sido instalado um telefone magnético que se comunicava com a Mansão de Ardis. Depois que foram proibidas as “correntes e circuitos” (ela pronunciou essas palavras algo indecorosas de forma rápida, mas sem parecer envergonhada e com a *désinvolture* de uma atriz, enquanto a perplexa Lucette puxava a manga de Van, do Vânitckha, que sabia explicar tudo), a avó de seu marido, uma engenheira muito talentosa, “encanou” o riachinho de Redmont (que passava pouco abaixo da clareira, vindo de uma colina acima de Ardis) e o fez conduzir *V.I.A.V.A.L.V.s* vibracionais (pulsações prismáticas) utilizando um sistema de segmentos de platina. Como é óbvio, esse sistema transmitia mensagens num único sentido e, tendo em vista que a instalação e a manutenção dos “tambores” (cilindros) custavam os olhos da cara, a ideia foi abandonada, embora fosse muito tentadora a possibilidade de informar um Veen em pleno piquenique de que sua casa estava em chamas.

Como se para confirmar o descontentamento de muitos no tocante à política nacional e internacional (o velho Gamaliel a essa altura estava bastante gagá), o carrinho vermelho voltou resfolegante da Mansão de Ardis e o mordomo saltou para fora trazendo uma mensagem. *Monsieur*

Com todo o seu ser fervente prestes a transbordar, Van deliciava-se com a pressão que o corpo dela exercia enquanto, reagindo aos solavancos da estrada, se abria em duas partes macias, amassando sob seu peso o âmago do desejo que ele precisava controlar a fim de impedir que um eventual vazamento causasse espanto à inocência de Ada. Ele teria cedido e se derretido numa lassidão animal não houvesse a preceptora da menina salvado a situação ao lhe dirigir a palavra. O pobre Van deslocou o traseiro de Ada para o joelho direito, abrandando o que se costumava chamar, no jargão da câmara de torturas, de “ângulo da agonia”. No embotamento pesaroso do desejo frustrado, ficou olhando as isbás enfileiradas às margens da estrada enquanto a caleche atravessava o vilarejo de Gamlet.

“Não consigo nunca me acostumar (*m’y faire*)”, disse *Mlle. Laparure*, “ao contraste entre a opulência da natureza e a miséria da vida humana. Veja aquele velho mujique *décharné* com a camisa rasgada, veja a pobreza da cabana dele. E veja aquela andorinha tão ágil! Como é feliz a natureza e infeliz o homem! Nenhum de vocês me disse se gostou do meu novo conto. E então, Van?”

“É um bom conto de fadas”, disse Van.

“É um conto de fadas”, disse Ada, cautelosa.

“*Allons donc!*”, exclamou *Mlle. Larivière*. “Muito pelo contrário, todos os detalhes são realistas. Temos ali o drama do pequeno burguês, com todas as suas dificuldades de classe, seus sonhos de classe, seu orgulho de classe.”

(Verdade. Talvez fosse essa a intenção... excetuada a *pointe assassine*; mas a história carecia de “realismo” *em seus próprios termos*, pois um escriturário meticoloso e obrigado a contar os tostões teria descoberto, antes de tudo, fosse lá como fosse, *quitte à tout dire à la veuve*, exatamente quanto tinha custado o colar perdido. *Ali* residia o defeito fatal do trabalho sentimentalóide de *Larivière*. Naquela época, o jovem

“Que interessa...”, começou Van.

“E a Belle” (nome que Lucette dava a sua preceptora), “ela também é uma cristã... como é mesmo que se diz... sem dente?”

“Que diferença isso faz”, gritou Van, “quem se importa com todos esses velhos mitos, que interessa — Júpiter ou Jeová, domos ou gnomos, mesquitas em Moscou, bronzes ou bonzos, ímãs ou imãs, esqueletos de camelos ressecados nos desertos? Não passam de poeira e miragens da mente coletiva.”

“E como é que essa conversa idiota começou?”, queria saber Ada, inclinando a cabeça para apreciar melhor o adorno parcial que tinha colocado no *dachshund* ou *taksik*.

“*Mea culpa*”, ofereceu Mlle. Larivière em tom de quem teve sua dignidade ofendida. “Tudo que eu disse, no piquenique, foi que o Greg talvez não quisesse os sanduíches de presunto porque os judeus e os tártaros não comem carne de porco.”

“Os romanos”, disse Greg, “os colonos romanos que crucificaram judeus cristãos, barrabitas e outros infelizes também não comiam carne de porco, mas eu como sem nenhum problema, e meus avós comiam normalmente.”

Lucette mostrou-se surpresa com um verbo usado por Greg. Para ilustrar seu significado, Van juntou os tornozelos, abriu os braços na horizontal e levantou os olhos para o céu.

“Quando eu era criança”, disse Marina, zangada, “nos ensinavam a história da Mesopotâmia praticamente no jardim de infância.”

“Nem todas as crianças entendem o que é ensinado para elas”, comentou Ada.

“Nós somos mesopotâmios?”, indagou Lucette.

“Somos hipopotâmios”, respondeu Van. “Vamos, ainda não brincamos de arado hoje.”

Um ou dois dias antes, Lucette tinha pedido que ele a ensinasse a andar sobre as mãos. Van segurou-a pelos tornozelos enquanto ela

“E você começou a me estrangular com aqueles joelhos danados...”

“Estava buscando algum apoio.”)

Isso talvez tivesse sido verdade, porém, de acordo com uma versão posterior (bem posterior!), eles ainda estavam em cima da árvore, e ainda em brasa, quando Van removeu do lábio um fio de seda do casulo de algum inseto e comentou que aquela negligência no vestir era uma forma de histeria.

“Bem”, respondeu Ada, montando sobre seu galho predileto, “como todos sabemos agora, *Mlle. La Rivière de Diamants* não se opõe a que uma menina histérica deixe de usar calcinhas durante *l’ardeur de la canicule*.”

“Me recuso a compartilhar o ardor da tua caniculazinha com uma macieira.”

“Na realidade é a Árvore do Conhecimento — este exemplar foi importado no último verão, envolto em brocado, diretamente do Parque Nacional do Éden, onde o filho do doutor Krolik trabalha como guarda-florestal e criador.”

“Ele pode guardar e criar à vontade”, disse Van (a história natural de Ada já vinha lhe dando nos nervos havia algum tempo), “mas juro que não há nenhuma macieira no Iraque.”

“Tem razão, só que não é uma macieira de verdade.”

(“Certo e errado”, comentou Ada, novamente bem mais tarde. “Discutimos o assunto, mas você não se teria permitido essas respostas vulgares naquela época. Num momento em que o mais casto dos acidentes permitiu que você, como se costuma dizer, roubasse um primeiro beijo muito tímido! Que vergonha! E, além disso, não havia nenhum Parque Nacional no Iraque oitenta anos atrás.” “Verdade”, disse Van. “E nunca vi nenhum casulo naquela árvore de nosso pomar.” “Certo, minha querida descasulada.” Nessa altura, a história natural já tinha se transformado em história antiga.)

horriavelmente em voga oitenta anos atrás, as banalidades insuportáveis dos namoros pudicos que permeavam os velhos romances cheios de malícia, aqueles modos e aquelas modas sem dúvida se escondiam sob o silêncio das emboscadas que ele armava e ela tolerava. Não ficou registro do dia exato daquele verão em que seus afagos cautelosos e intrincados começaram; mas, embora sentindo que muitas vezes Van se postava atrás dela numa proximidade indecorosa, com a respiração incandescente e os lábios sedentos, Ada tinha a consciência de que essas aproximações exóticas e silenciosas deviam ter começado num passado indefinido e infinito — e que ela não mais poderia impedi-las sem reconhecer que aceitara tacitamente sua repetição rotineira naquele tempo pretérito.

Nas tardes implacavelmente quentes de julho, Ada gostava de ir para a ensolarada sala de música e ali se sentar num fresco banco de piano feito de madeira amarelada, diante da mesa coberta de oleado branco, a fim de copiar num papel cremoso alguma flor especial representada em seu atlas botânico predileto. Podia escolher, por exemplo, uma daquelas orquídeas que imitam a forma de um inseto, tratando de ampliá-la com notável habilidade. Ou combinava duas espécies (criando uma terceira não registrada mas possível), introduzindo pequenas e estranhas alterações e distorções que tinham algo de mórbido numa menina tão jovem e na verdade quase nua. O longo feixe de luz que penetrava pela porta-janela reluzia na jarra facetada, na água tingida pelas cores da aquarela e no metal da caixa de tintas. Enquanto ela pintava delicadamente um ocelo ou um labro, a concentração extasiada fazia com que a ponta de sua língua se enroscasse no canto da boca e, sob o olhar do sol, a fantástica criança de cabelos pretos-azuis-castanhos parecia, por sua vez, imitar a flor do espelho-de-vênus. O vestido largo e de tecido fino tinha uma cava tão profunda nas costas que, quando ela se curvava para a frente, movendo as escápulas salientes e deixando a cabeça pender para o lado (enquanto, com o pincel suspenso a meio caminho, examinava sua úmida produção, ou com a parte externa do pulso esquerdo afastava os

entre a ternura decorosa do idílio ostensivo e a congestão animalesca da carne oculta.

Houve outros beijos. “Quero provar”, disse ele, “a parte de dentro da tua boca. Meu Deus, como eu queria me transformar num ser liliputiano para explorar essa caverna!”

“Posso te emprestar minha língua”, ela disse — e a emprestou.

Um grande morango cozido, ainda bem quente. Ele o chupou até onde pôde. Puxando-a mais para perto, lambeu-lhe o céu da boca. Os queixos dos dois ficaram inteiramente molhados. “Lenço”, ela disse, e num gesto natural enfiou a mão no bolso da calça de Van, retirando-a de imediato e deixando que ele mesmo o desse. Sem comentários.

(“Eu apreciei teu tato”, ele lhe disse quando recordaram, rindo porém com certa inquietação, aquele misto de arrebatamento e desconforto. “Mas perdemos muito tempo — opalas irrecuperáveis.”)

Ele aprendeu o rosto de Ada. Nariz, bochechas, queixo — todos possuíam um contorno tão doce (associado retrospectivamente a certos mementos, a chapéus de abas largas e a pequenas cortesãs assustadoramente caras de Wicklow) que um admirador sentimentaloides bem poderia imaginar que o perfil de Ada houvesse sido desenhado com a pálida pluma de um junco (aquele homem que não pensa — *pascaltrezza*), enquanto um dedo mais infantil e sensual gostaria, como gostou, de apalpar aquele nariz, aquelas bochechas, aquele queixo. A rememoração, assim como as telas de Rembrandt, é sombria sem deixar de ser festiva. Os rememorados vestem suas melhores roupas para a ocasião e ficam sentados sem se mexer. A memória é um estúdio fotográfico de luxo numa infinita Quinta Avenida do Poder. A fita de veludo preto que prendia os cabelos dela naquele dia (o da fotografia mental) ganhou um brilho único por conta da têmpera sedosa e da brancura de giz do repartido. Como a fita tombava frouxamente até esbarrar no ombro, a palidez translúcida de seu pescoço aparecia sob a

Songe à l'épaisseur Pense na largura
Du grand chêne à Tagne; Do grande carvalho em Tagne,
Songe à la montagne, Pense na montanha,
Songe à la douceur... Pense na doçura...]

... de esfregar as garras ou as unhas nos lugares visitados por esse inseto de patas peluginosas, caracterizado por um apetite insaciável e temerário pelo sangue de Ada e Ardélia, de Lucette e Lucília (multiplicado pela coceira).

O bandido sumia tão subitamente quanto havia aparecido. Aterrissava em belos braços e pernas sem produzir o menor zumbido, numa espécie de silêncio *recueilli*. Em compensação, a repentina introdução da probóscide absolutamente demoníaca merecia ser anunciada com as fanfarras de uma banda militar. Cinco minutos após o ataque, no crepúsculo, entre os degraus da varanda e o jardim ensandecido pelo canto dos grilos, instalava-se uma irritação flamejante que os fortes de corpo e de espírito ignoravam (confiando que duraria apenas uma hora), mas que os fracos, os adoráveis, os voluptuosos dela se aproveitavam para coçar e coçar e coçar compulsivamente. “*Sládko!* ” (“Gostoso!”), exclamava Púchkin com relação a uma espécie diferente no Yukon. Durante toda a semana que se seguiu a seu aniversário, as infelizes unhas de Ada ficaram manchadas de grená e, após sessões de fricção particularmente arrebatadoras, quando ela se esquecia do mundo, o sangue literalmente corria por suas pernas — dava pena de ver, pensava seu admirador preocupado, mas também era vergonhosamente fascinante, pois somos visitantes e pesquisadores de um universo muito, muito estranho.

A pele branca da menina, tão sensualmente delicada aos olhos de Van, tão vulnerável ao agulhão do facínora, tinha, contudo, a solidez do cetim de Samarcândia e resistia com bravura às tentativas de autoimolação sempre que Ada — os olhos negros cobertos por um véu

“gravuras erot. Jap. e Ind.”, como dizia a etiqueta perfeitamente visível através da porta de vidro, até então ela tinha uma noção muito nebulosa de como os seres humanos se reproduziam. (A chave foi achada por Van num piscar de olhos, presa à parte de trás do frontão do armário.) Sem dúvida, era muito observadora e tinha examinado com atenção diversos insetos *in copula*, porém, naquela época, em raríssimas ocasiões se deparara com certas características dos mamíferos machos e nunca imaginara que pudessem ter uma função sexual (em 1883, por exemplo, na primeira escola que havia frequentado, vira o bico bege e de aspecto macio do filho do servente negro, o qual às vezes urinava no banheiro das meninas).

Dois outros fenômenos, observados ainda antes, induziram-na a erros ridículos. Ada devia ter uns nove anos quando um senhor idoso, pintor eminente que ela não podia nem queria identificar, foi jantar várias vezes na Mansão de Ardis. Sua professora de desenho, *Miss Wintergreen*, o admirava muito, embora, na verdade, as *natures mortes* que ela pintava eram consideradas (em 1888 e até mesmo em 1958) incomparavelmente superiores às obras do patife famoso, cujos nus diminutos eram sempre vistos pelas costas — ninfetas com nádegas de pêssego se esticando para colher figos, ou escoteiras alpinistas vestindo shorts apertadíssimos...

“Sei exatamente”, interrompeu Van com raiva, “de quem você está falando. E gostaria de deixar registrado que, se seu delicioso talento não está mais em moda, Paul J. Gignent tinha todo o direito de pintar meninas de maiô ou em uniformes escolares de qualquer ângulo que lhe apetecesse. Pode continuar.”

Sempre (continuou Ada tranquilamente) que o Porquinho Pigmento fazia uma visita, ela se encolhia toda ao ouvi-lo subir a escadaria com passos pesados, soprando e bufando, cada vez mais perto como um espectro imemorial, procurando por ela, chamando por ela com uma vozinha lamurienta.

“Pobre coitado”, murmurou Van.

Uma espécie de charada antiga (*Les Sophismes de Sophie*, de Mlle. Stoptchin, na série da *Bibliothèque Vieux Rose*): o Celeiro em Chamas e o Sótão, qual foi o primeiro? Ah, o Celeiro em Chamas! Já éramos priminhos que se beijavam havia muito tempo quando o incêndio começou. Na verdade, eu já vinha encomendando de Ladore o creme Château Baignet para aplicar nos meus pobres lábios ressequidos. Mas quando é que fomos acordados em nossos quartos pelos gritos dados por ela de *Au feu!*? 28 de julho? 4 de agosto?

Quem gritou? Stoptchin? Larivière? Foi Larivière quem gritou? Responda! Quem gritou que o celeiro *flambait*?

Não, Larivière dormia a fogo solto — quer dizer, a sono solto. Eu sei, disse Van, foi aquela empregada que vivia toda pintada, que usava tuas aquarelas para retocar os olhos, se é que se pode acreditar na Larivière, que dizia as últimas dela e da Blanche.

Ah, claro! Mas não foi a pobre French, criada de Marina. Quem gritou foi nossa gansa Blanche. Ela saiu correndo pelo corredor e perdeu o chinelo com borda de pele de esquilo na escadaria, como a Cinderela.

“E você se lembra, Van, como fazia calor naquela noite?”

“*Ieschiô bi!* (Como se não lembrasse!) Naquela noite, por causa dos relâmpagos...”

Naquela noite, por causa do irritante relampejar longínquo que transpassava os corações negros do dossel de sua cama, Van abandonara os dois tulipeiros e fora dormir no quarto. O tumulto na casa e o grito da empregada interromperam um sonho raro, brilhante e dramático, de

Primavera passada. Visita à cidade. Matiné no teatro francês. Mademoiselle havia perdido os bilhetes. Vai ver o pobre coitado pensou que “Tartuffe” era o nome de uma dessas marafonas ou mulheres que fazem striptease.

Ce qui n'est pas si bête, au fond. O que, afinal de contas, não é tão idiota. Está bem. Naquela cena do Celeiro em Chamas...

Como?

Nada. Continue.

Ah, Van, naquela noite, enquanto estávamos ajoelhados lado a lado à luz das velas como “Crianças rezando” num quadro de muito mau gosto, mostrando dois pares de solas dos pés de animais originalmente arbóreos — não para a Vovó que recebe os cartões de Natal, mas para a Serpente surpresa e encantada —, lembro que estava morrendo de vontade de te pedir uma pequena informação científica, porque os olhares que eu lançava na direção...

Agora não, não está bonito de se ver agora e vai ficar pior daqui a pouco (ou outras palavras com o mesmo sentido).

Van não conseguia decidir se ela era verdadeiramente ignorante de todo e tão pura quanto o céu estrelado (já desprovido do clarão rosado), ou se, muito experiente, preferia se fazer de boba. Mas não tinha a menor importância.

Esperre, agora não, ele respondeu num murmúrio abafado.

Ela insistiu: quero saber, quero saber...

Ele acariciou e repartiu com seus lábios carnudos, realmente *très charnues* no caso de nossos apaixonados irmãozinhos, a cabeleira negra, lisa e sedosa (que chegava à altura dos rins quando ela, como agora, jogava a cabeça para trás), tentando alcançar o esplênio ainda quente pelo contato com a cama. (Não é necessário, aqui ou em qualquer outra passagem — já houve outra semelhante —, macular um estilo relativamente puro com o emprego de termos vagamente anatômicos que

imitando um coelho. Ele tateou com a mão e empalmou por trás a pequena fenda quente e úmida. Num salto frenético, Van tomou a posição de quem constrói um castelo de areia, mas ela se virou de frente para ele, ingenuamente pronta a abraçá-lo da maneira pela qual Julieta foi instruída a receber seu Romeu. Fez bem. Pela primeira vez desde que começaram a se amar, a dádiva divina e o gênio do lirismo iluminaram o rude moço, ele murmurou e gemeu, beijando-lhe a face com uma ternura volúvel, pronunciando em três línguas — as três maiores do mundo — palavras de afago que mais tarde foram compiladas num dicionário de diminutivos secretos várias vezes revisado até sua edição definitiva em 1967. Quando falava muito alto, ela o fazia calar colando a boca na dele, e logo os quatro membros de Ada o dominaram sem pejo, como se ela de há muito fizesse amor em todos os nossos sonhos. Porém a impaciência da paixão juvenil (quase transbordando como a banheira de Van, um velho e maníaco artesão de palavras que revê essas anotações sentado na beira de uma cama de hotel) não sobreviveu às primeiras arremetidas feitas às cegas: rompeu-se na borda da orquídea, e um azulão emitiu um trinado de advertência, e as luzes estavam voltando agora no áspero alvorecer, qual vaga-lumes as lanternas longínquas marcaram o contorno do reservatório, os faróis das carruagens se transformaram em estrelas, o cascalho rangeu sob as rodas, todos os cães regressaram felizes com as aventuras noturnas. Blanche, a sobrinha do cozinheiro, saltou de um carro de polícia cor de abóbora calçando apenas as meias (infelizmente, bem, bem depois da meia-noite) — e as duas crianças nuas, agarrando roupão, camisola e castiçais, deram um tapinha de adeus no sofá e subiram descalças para seus quartos inocentes.

“E você se lembra”, disse o Van de bigode grisalho apanhando um cigarro Cannabina na mesinha de cabeceira e sacudindo uma caixa de fósforos azul e amarela, “como fomos imprudentes, e como Larivière parou de roncar, mas um instante depois voltou a sacudir a casa, e como estavam frios os degraus de ferro da escada em caracol, e como eu fiquei

seu bigodinho vermelho em plena rotação, mas não me sentia obrigado (assim refletiu Van em 1922 ao rever aquelas flores amarelas) a aturar seu perfil sem queixo e de costeletas ruivas encaracoladas. Por isso, Van se dedicou a examinar, não sem apetite, as jarras azuis contendo chocolate quente e as tiras de pão preparadas para as crianças famintas. Marina fazia seu desjejum na cama, o mordomo e Price comiam num nicho da despensa (coisa bem agradável, sabe-se lá por quê) e *Mlle. Larivière* não tocava em nenhum alimento antes do meio-dia, fazendo disso uma verdadeira religião para a qual atraía até mesmo seu confessor.

“Meu tio, o senhor bem que poderia ter nos levado para ver o incêndio”, disse Van servindo-se de uma xícara de chocolate.

“Ada vai lhe contar tudo que aconteceu”, respondeu tio Dan, besuntando com todo o carinho outra torrada com manteiga e geleia. “Ela adorou a excursão.”

“Ah, ela foi com vocês?”

“Foi, no charabã preto, com todos os mordomos. Muito divertido.”

“Mas deve ter sido uma das empregadas da cozinha, não a Ada”, disse Van. “Aliás, não sabia que tínhamos muitos aqui... quer dizer, muitos mordomos.”

“Ah, acho que sim”, respondeu tio Dan sem muita convicção. Repetiu o processo de higiene bucal e, com uma leve tosse, pôs os óculos; porém, como o jornal da manhã ainda não havia chegado, tirou-os de novo.

De repente, Van ouviu a voz grave e adorável de Ada na escadaria, falando para cima: “*Je l’ai vu dans une des corbeilles de la bibliothèque*” — presumivelmente se referindo a algum gerânio, alguma violeta ou orquídea-sapatinho. Houve uma “pausa de corrimão”, como a chamam os fotógrafos, e, depois que da biblioteca veio o grito distante de alegria da empregada, a voz de Ada acrescentou: “*Je me demande qui l’a mis là*”. *Aussitôt après*, entrou na sala de jantar.

Estava usando — embora não houvesse combinado nada com ele — shorts pretos, camiseta branca e alpargatas. O cabelo havia sido puxado

provinciano que chega uma hora antes para a ópera, após haver sacolejado o dia inteiro ao longo das estradas de terra em plena colheita enquanto as rodas de sua charrete vão se cobrindo de reluzentes papoulas e florzinhas azuis” (*Ursula*, de Floeberg).

Borboletas-azuis, quase do tamanho de borboletas-da-couve e também de origem europeia, vojavam rápidas em torno dos arbustos antes de aterrissar nos cachos pendentes de flores amarelas. Quarenta anos depois, em circunstâncias menos complexas, nossos amantes voltariam a ver, maravilhados de prazer, o mesmo inseto e o mesmo falso-sene num caminho de floresta perto de Susten, no Valais. Naquele momento, ele cuidava de colecionar as imagens de que se lembraria no futuro. Esparramado sobre a grama, Van seguia com os olhos as grandes e ousadas borboletas-azuis, incendiando-se com a visão imaginada das pálidas pernas de Ada sob a luz multicolor do caramanchão, para depois se dizer friamente que a realidade jamais chegaria perto de suas fantasias. Ao voltar de um mergulho no ribeirão largo e fundo que corria atrás do pequeno bosque, o cabelo ainda molhado e a pele formigando, foi-lhe dada a rara graça de ver reproduzida com perfeição a imagem prefigurada em mármore vivo, embora Ada tivesse soltado o cabelo e usasse agora o vestidinho curto de algodão amarelo do qual ele tanto gostava e que tão ardentemente desejara conspurcar pouco tempo atrás.

Van resolvera se dedicar de início às pernas dela, que, a seu juízo, não haviam sido suficientemente homenageadas na noite anterior. Queria cobri-las de beijos do A do arco dos pés ao V do veludo, o que foi feito tão logo eles penetraram suficientemente no bosque de lariços que fechava o parque na encosta escarpada do morro rochoso situado entre Ardis e Ladore.

Nenhum dos dois era capaz de afirmar, olhando para trás — nem se esforçavam por fazê-lo —, como, quando e onde ele de fato a “deflorou”, um vulgarismo que a Ada no País das Maravilhas descobrira por acaso na *Enciclopédia Phrody*, onde deflorar era definido como “romper a

resultado audível e até mesmo sem que os fiapos de papel dourado nas duas extremidades parissem algum bombom, berloque ou outro favor do destino). Mas, ao fazê-lo, notou que ambos compartilhavam uma espetacular doença de pele recentemente retratada por um famoso escritor norte-americano no livro *Chiron*, a qual também havia sido descrita em estilo histriônico por alguém que igualmente sofria da enfermidade e escrevia ensaios para um semanário londrino. Com grande tato, utilizando-se das fichas de biblioteca enviadas a Van, *Miss Vertograd* passou a oferecer ao colega francês (por sinal pouco receptivo) uma série de sugestões bem lacônicas: “Mercúrio!” ou “*Höhensonne* faz milagres”. *Mlle. Larivière*, igualmente a par da situação, consultou o verbete “Psoríase” numa enciclopédia médica de um único volume herdada de sua mãe, a qual não apenas havia ajudado a ela e a seus alunos a lidar com alguns probleminhas de saúde, mas que sugerira doenças apropriadas para os personagens de seus contos publicados pela revista *Québec Quarterly*. No caso atual, aconselhava-se o paciente, com grande otimismo, a “tomar um banho quente pelo menos duas vezes por mês e evitar comidas muito temperadas”, coisa que ela datilografou e remeteu ao primo dentro de um daqueles envelopes que trazem a inscrição “*Estimo suas melhoras*”. Por fim, Ada mostrou a Van uma carta do dr. Krolik sobre o mesmo assunto, que dizia (em tradução): “Com manchas escarlates, escamas prateadas e crostas amarelas, os pobres e inofensivos sofredores de psoríase (que não podem contaminar ninguém e que, excetuada sua enfermidade dermatológica, costumam ter excelente saúde pois aquelas chagas os protegem de outros achaques) eram confundidos na Idade Média com leprosos — isso mesmo, leprosos —, razão pela qual milhares, senão milhões, de Vergers e Vertograds crepitaram aos urros, amarrados por entusiastas às estacas erguidas nas praças da Espanha e de outros países amantes das fogueiras”. Mas os dois decidiram não plantar essa nota no fichário do humilde mártir, sob PS,

perigos e do ridículo inerentes à posição papai e mamãe adotada para fins copulativos por nossa *intelligentsia* puritana, e tão justamente escarnecidos pelos nativos das ilhas Begouri — um povo ‘primitivo’ mas dotado de grande sanidade mental —, são apontados por um eminente orientalista francês [maciça nota de pé de página omitida aqui] que descreve os hábitos de acasalamento da mosca *Serromyia amorata* Poupart. Durante a cópula, as superfícies ventrais entram em contato e as bocas se tocam. Após o último movimento fremente (*frisson*), a fêmea suga o conteúdo do corpo do macho pela boca de seu apaixonado parceiro. É de se supor (ver Pesson *et alii*) [outra nota copiosa] que os petiscos — tais como a perna succulenta de outro inseto envolvida numa substância filamentosa ou mesmo o presentinho (frívolo beco sem saída ou sutil início de um processo evolucionário, *qui le sait!*) de uma pétala cuidadosamente embrulhada e amarrada com uma fronde de samambaia vermelha — que certos machos (mas aparentemente não os bobalhões das espécies *femorata* e *amorata*) levam para as fêmeas antes de copular representam uma garantia prudente contra a voracidade inoportuna das jovens senhoritas”.

Ainda mais hilariante foi a “mensagem” de uma assistente social canadense, *Mme.* de Réan-Fichini, que publicou seu tratado *Dos métodos contraceptivos* no dialeto capuscanês (a fim de evitar os rubores pudicos dos estócios e estadunidenses ao transmitir seus ensinamentos a colegas menos melindrosos). “*Sole sura metoda*”, escreveu ela, “*por decevor natura, est por un strong-guy de contino-contino-contino jusque le plesir brimz; et lors, a lultima instanta, svitchera a l'altra gropa* [fenda]; *ma perquoi una femme ardora andor ponderosa ne se retorna kvik enof, la transita e facilitata per positio torovago.*” Um glossário em anexo explicava este último termo em linguajar simples como “a postura em geral adotada nas comunidades rurais por todas as classes, começando pelos proprietários de terra e terminando com as espécies mais baixas de animais, e isso em todas as Américas Unidas, da Patagônia à Terra dos

beberam as famosas águas locais e visitaram o dentista da família. Folheando uma revista, Van ouviu Ada berrar “*tchort*” (diabo) no aposento vizinho, coisa que nunca a ouvira dizer antes. Tomaram chá na casa de uma vizinha, a condessa de Prey, que tentou lhes vender, sem êxito, um cavalo manco. Passaram pela feira de Ardisville, onde apreciaram em especial os acrobatas chineses, um palhaço alemão e uma robusta princesa circassiana engolidora de espadas, que começou com uma faca de sobremesa, continuou com uma adaga enfeitada de pedras preciosas e terminou por traçar um tremendo salame com barbante e tudo.

Fizeram amor — quase sempre nos vales e valões.

Para um fisiologista comum, a energia desses dois adolescentes poderia parecer anormal. O desejo que sentiam um pelo outro se tornava insuportável se, no espaço de algumas horas, não fosse satisfeito várias vezes, sob o sol ou na sombra, no telhado ou no porão, em qualquer lugar. Apesar de contar com invulgares reservas de ardor, o jovem Van mal podia acompanhar sua pálida *amorette* (gíria francesa da região). A forma imoderada pela qual se entregavam ao prazer físico atingia as raias da loucura e teria encurtado a vida deles caso o verão, que de início parecera uma torrente sem limites de verde glória e liberdade, não tivesse começado indolentemente a dar sinais sutis de desvanecimento, a fadiga da fuga — último recurso da natureza, aliteraões bem-sucedidas (quando as flores e os insetos imitam uns aos outros), o advento da primeira pausa em fins de agosto, um silêncio preambular em princípios de setembro. Naquele ano os pomares e as vinhas estavam especialmente pitorescos; e Ben Wright foi posto na rua por ter liberado certos gases quando trazia para casa Marina e *Mlle. Larivière* do Festival da Vindima, realizado em Brantôme, nas margens do Ladore.

O que nos faz recordar outra coisa. Catalogado na biblioteca de Ardis sob a rubrica “*Exot Lubr*”, havia um tomo suntuoso (de que Van tomara conhecimento mediante os bons ofícios de *Miss Vertograd*) intitulado

e fazer boiar uma boneca de borracha do tamanho de um feto. De vez em quando, a apertava para fazer sair um fascinante esguicho de água pelo furinho que Ada, para gáudio da irmã, havia tido o mau gosto de abrir no escorregadio brinquedo de cor alaranjada. Com a inesperada impaciência das coisas inanimadas, a boneca conseguiu se deixar arrastar pela correnteza. Van despiu as calças sob um salgueiro e trouxe de volta a fugitiva. Ada, após refletir um segundo sobre a situação, fechou o livro e disse para Lucette, em geral fácil de ser engabelada, que ela, Ada, sentia que estava se transformando rapidamente num dragão, que as escamas começavam a ficar verdes, que agora ela *era* um dragão e Lucette tinha de ser amarrada a uma árvore com a corda de pular a fim de que Van pudesse salvá-la no último momento. Sabe-se lá por quê, Lucette rejeitou a proposta, mas prevaleceu a força bruta. Van e Ada deixaram a furiosa prisioneira firmemente atada a um salgueiro e, saltitando para fingir que estavam envolvidos numa intensa fuga e perseguição, desapareceram por alguns minutos preciosos no escuro bosque de coníferas. À custa de tanto se debater, Lucette deu um jeito de soltar um dos punhos vermelhos da corda e parecia prestes a se desvencilhar de todo quando o dragão e o cavaleiro errante regressaram, saltitando ainda.

Ela reclamou com a preceptora, que, interpretando de forma absolutamente errônea todo o incidente (o que se poderia dizer também de sua nova composição), convocou Van e, por trás do cortinado da cama, em meio a um forte odor de embrocação e de suor, lhe disse para não continuar a pôr minhocas na cabeça de Lucette, fazendo com que ela imaginasse ser a donzela em perigo de um conto de fadas.

No dia seguinte, Ada informou sua mãe de que Lucette estava muito necessitada de um banho e que trataria de dá-lo, o que quer que pensasse a preceptora. “*Khorochó*”, disse Marina (enquanto, no melhor estilo de grande dama do teatro, se preparava para receber um jovem vizinho que era também ator e seu *protégé*), “mas a temperatura tem de ser mantida a

*O campo, disse o guia, era aqui,
Lá, continuou, ficava o bosque.
Foi ali que Peter se ajoelhou,
E a Princesa ficou de pé acolá.*

*Não é verdade, disse o visitante,
Você, velho guia, é o fantasma.
As aveias e os carvalhos podem já ter morrido,
Mas ela continua ao meu lado.*

de Ada. Certa vez — deve ter sido em 1878 — ele lá passou tanto o inverno quanto o verão.

Claro, claro, porque essa era a primeira vez que Ada se lembrava de tê-lo visto — com sua roupinha branca de marinheiro e boné azul. (“*Un régulier anguelotchek*”, comentou Van no dialeto de Ráduga). Ele tinha oito anos, ela seis. Tio Dan manifestara inesperadamente o desejo de rever a velha mansão. No último instante, Marina disse que iria também, apesar dos protestos de Dan, e num movimento ágil pôs a pequena Ada dentro da caleche, com seu arco de brinquedo e tudo. Aparentemente haviam tomado o trem de Ladoga para Ráduga, pois ela se recordava do modo como o chefe da estação, um apito pendurado ao pescoço, percorreu toda a plataforma, mais além do comboio local também ali parado, fechando com estrondo as seis portas de cada vagão, os quais consistiam em carruagens feitas de abóbora e fundidas numa só peça. Van sugeriu se tratar de “uma torre em meio ao nevoeiro” (tal como Ada chamava qualquer boa recordação), e depois um cobrador caminhou ao longo do estribo de cada carro, com o trem em movimento, e foi abrindo porta por porta a fim de entregar, perfurar e recolher bilhetes, umedecendo o polegar na boca, trocando dinheiro — um trabalho infernal, mas outra “torre lilás”. Será que alugaram um landolé motorizado para chegar a Radugalé? Dez milhas, calculou Ada. Dez verstas, disse Van. Ela admitiu o erro. Naquele dia ele devia estar *na progúlke* (passeando) no sombrio bosque de pinheiros com Aksákov, seu preceptor, e o neto de Bagrov, um menino da vizinhança, que Van infernizava, beliscava e ridicularizava, um garotinho simpático e bem-comportado que massacrava com toda a calma as toupeiras e quaisquer outros seres com pelos, muito provavelmente um comportamento de fundo patológico. No entanto, quando os viajantes chegaram, ficou claro de imediato que Demon não estava esperando receber visitas do sexo feminino. Encontrava-se no terraço, bebendo vinho dourado (uísque com água e açúcar), na companhia de uma órfã que disse ter adotado,

o ângulo do sabonete!” Ah, que diferença fazia, quem se importava com isso? Ada só queria que a pobre menina fosse tão feliz ao chegar à sua idade quanto ela era agora, meu amor, meu amor, meu amor, meu amor. Van desejava que o metal reluzente das bicicletas não revelasse onde elas haviam sido deixadas, em meio aos arbustos, para quem passasse pela trilha na floresta.

Depois disso, tentaram ver se seus caminhos haviam se cruzado em algum ponto ou se tinham percorrido rotas paralelas durante aquele ano passado na Europa. Na primavera de 1881, Van, com onze anos, ficara por alguns meses com o preceptor russo e o *valet de chambre* inglês na *villa* de sua avó perto de Nice, enquanto Demon se divertia muito mais em Cuba do que Dan em Mocuba. Em junho, Van foi levado a Florença, Roma e Capri, onde seu pai apareceu por alguns dias. Separaram-se de novo, Van e seu preceptor indo primeiro para Gardone, no lago Garda, onde Aksákov indicou com reverência as pegadas no mármore de Goethe e d’Annunzio, hospedando-se depois, durante boa parte do outono, num hotel situado na encosta montanhosa acima do lago Lemano (por onde Karamzín e o conde Tolstói tinham perambulado). Teria Marina suspeitado que Van estivera tão perto delas ao longo de todo aquele ano de 1881? Provavelmente não. As meninas pegaram escarlatina em Cannes, enquanto Marina estava na Espanha com seu grão-senhor. Após cotejarem com cuidado suas lembranças, Van e Ada concluíram não ser impossível que, em alguma sinuosa estradinha da Riviera, se tivessem cruzado em carruagens alugadas, as quais, segundo ambos se recordavam, eram verdes, como verdes eram também os arreios dos cavalos. Ou então teriam estado em dois trens, talvez seguindo na mesma direção, a menina à janela de um vagão-dormitório olhando o carro-leito marrom de um trem paralelo que aos poucos se apartava rumo ao mar faiscante que o menino entrevia do outro lado dos trilhos. A eventualidade era demasiado rarefeita para ser romântica, e nem mesmo a possibilidade de se terem cruzado andando ou correndo

pelo cais de alguma cidade suíça provocava qualquer emoção concreta. Entretanto, ao focalizar ao acaso o farol da retrospectiva naquele labirinto do passado — onde os estreitos corredores revestidos de espelhos não apenas tomavam rumos diversos mas ocupavam níveis diferentes (como a carroça puxada a burro passa debaixo do viaduto sobre o qual desliza um carro veloz) —, ele se viu enfrentando, de forma ainda vaga e sem compromisso, a ciência que se tornaria uma obsessão na sua idade madura — problemas de espaço e tempo, o espaço contra o tempo, o espaço distorcido pelo tempo, o espaço como tempo, o tempo como espaço. E o espaço se separando do tempo no trágico e derradeiro triunfo da cogitação humana: morro, logo existo.

“Mas *isto*”, exclamou Ada, “é certo, isto é a realidade, este é um fato puro — esta floresta, este musgo, tua mão, a joaninha na minha perna, isto não pode ser roubado de nós, pode? (Poderá, foi.) Isto *tudo* se juntou aqui, não importa como os caminhos deram voltas, enganaram-se uns aos outros, erraram de direção, porque era inevitável que se encontrariam aqui!”

“Agora temos de encontrar nossas bicicletas”, disse Van, “estamos perdidos ‘em outra parte da floresta’.”

“Ah, não vamos voltar agora, não”, ela reclamou. “Ah, espere um pouco.”

“Mas quero ter certeza de onde estamos e de quando estamos”, respondeu Van. “É uma necessidade filosófica.”

O dia escurecia; vestígios retardatários da luz solar faziam resplandecer, no poente, uma estreita faixa no céu nublado. Todos nós já vimos alguém que, após cumprimentar um amigo, atravessa a rua com aquele sorriso ainda lhe iluminando o rosto — para ser eclipsado pelo olhar fixo do estranho que, desconhecendo a causa da alegria, confunde seu efeito com o esgar rutilante da loucura. Tendo formulado essa metáfora, Van e Ada decidiram que realmente era hora de voltar para casa. Ao passarem por Gamlet, a visão de um *traktir* russo aguçou de tal

modo a fome dos dois que, desmontando das bicicletas, entraram na pequena e mal iluminada taverna. Um cocheiro bebendo chá no pires, que sua manzorra levava aos lábios ruidosos, parecia saído de um daqueles velhos romances sobre a vida no campo. Não havia mais ninguém no aposento esfumaçado, exceto uma mulher de lenço na cabeça que suplicava (*ugovariváiuschaia*) a um garotinho de camisa vermelha e pernas balançantes que terminasse a sopa de peixe. Como era ela quem tomava conta do *traktir*, levantou-se “enxugando as mãos no avental” a fim de trazer para Ada (a quem reconheceu de pronto) e para Van (que supôs, não sem razão, ser o namorado da jovem castelã) uns pequenos hambúrgueres russos chamados *bitótchki*. Cada qual devorou meia dúzia deles, indo depois recolher as bicicletas sob os jasmims. Tiveram de acender os faróis de carbureto. Fizeram uma última pausa antes de penetrar na escuridão do parque de Ardis.

Graças a uma espécie de lírica coincidência, encontraram Marina e *Mlle. Larivière* tomando o chá da noite na varanda envidraçada em estilo russo, a qual só de raro em raro era usada. A escritora, já de todo recuperada apesar de ainda vestir um *négligé* florido, terminara havia pouco de ler seu último conto na primeira cópia limpa (que seria datilografada no dia seguinte) para Marina, que vinha bebericando um vinho Tokay e fora tomada de grande melancolia, agravada pelo suicídio do senhor “*au cou rouge et puissant de veuf encore plein de sève*”, que, por assim dizer aterrorizado pelo terror de sua vítima, havia apertado demais o pescoço da menininha que acabara de estuprar num momento de “*gloutonnerie impardonnable*”.

Van bebeu um copo de leite e de repente sentiu-se tomado por uma onda tão deliciosa de exaustão que resolveu ir direto para a cama. “*Tant pis*”, disse Ada, avançando para o *keks* (bolo de frutas inglês). “Rede?”, ela perguntou; mas Van, já cambaleando, fez que não com a cabeça e, tendo beijado a mão melancólica de Marina, foi embora.

“*Tant pis*”, repetiu Ada, e com insopitável apetite começou a passar manteiga numa grossa fatia de bolo, cobrindo tanto a superfície amarelada pelas gemas quanto suas ricas incrustações — passas, angélicas, cerejas cristalizadas e cascas de limão.

Mlle. Larivière, que vinha seguindo os movimentos de Ada com pasmo e desprazer, comentou:

“*Je rêve. Il n'est pas possible qu'on mette du beurre par-dessus toute cette pâte britannique, masse indigeste et immonde.*”

“*Et ce n'est que la première tranche*”, disse Ada.

“Quer uma pitada de canela no seu *lait caillé*? ”, perguntou Marina. “Sabe, Belle” (voltando-se para *Mlle. Larivière*), “ela costumava chamar isso de ‘neve com areia’ quando era criança.”

“Ela nunca foi criança”, disse Belle com ênfase. “Era capaz de quebrar as costas de seu pônei antes mesmo de aprender a andar.”

“Gostaria de saber”, disse Marina, “quantos quilômetros vocês percorreram hoje para deixar nosso atleta tão esgotado assim.”

“Só sete”, retrucou Ada com um sorriso mastigado.

Numa ensolarada manhã de setembro, quando as árvores ainda estavam verdes mas os ásteres e as pulicárias já tomavam conta dos regos e das valas, Van partiu para Ladoga, N. A., onde devia passar duas semanas com seu pai e três preceptores antes de retornar à escola na fria Luga, Mayne.

Van beijou Lucette em cada covinha e depois no pescoço, dando uma piscadela para a pudica Larivière, que olhou na direção de Marina.

Hora de partir. Despediram-se dele: Marina, vestindo seu *chlafrok*; Lucette, afagando Dack (em substituição a alguém...); *Mlle.* Larivière, ainda sem saber que Van deixara para trás um livro autografado que ela lhe dera no dia anterior; e uns vinte empregados que haviam recebido copiosas gorjetas (entre os quais notamos Kim da cozinha, sempre acompanhado de sua máquina fotográfica) — praticamente todo mundo. Só faltavam Blanche, que estava com dor de cabeça, e a conscienciosa Ada, que pedira desculpas para ausentar-se porque prometera visitar uma pessoa enferma na aldeia (ela tinha realmente um coração de ouro, como Marina, com tanta sabedoria, estava sempre pronta a declarar).

O baú preto e a valise preta de Van, além dos enormes halteres pretos, foram postos com algum esforço na mala do carro da família; Bouteillan equipou-se com um boné de comandante de navio, grande demais para sua cabeça, e óculos de corrida azul-violeta; “*remouvez votre* traseiro, eu vou dirigir”, disse Van — e assim terminou o verão de 1884.

“Ele é macio como uma pluma, meu senhor”, observou Bouteillan com seu linguajar antigo. “*Tous les pneus sont neufs*, mas, infelizmente, há muitas pedras no caminho, e a juventude é muito veloz. *Monsieur* deve ser prudente. Os ventos dos campos são indiscretos. *Tel un lis sauvage confiant au désert...*”

“Você continua a fazer o papel de criado de comédia, não é?”, disse Van secamente.

“*Non, Monsieur*”, respondeu Bouteillan, segurando o boné. “*Non. Tout simplement j’aime bien Monsieur et sa demoiselle.*”

“Se você está pensando na Blanche, então é melhor citar Delille não para mim, mas para seu filho, que qualquer dia desses engravida ela. O velho francês olhou de esguelha para Van, *pojeval gubami* (mordeu os lábios) e nada mais disse.

“Vamos parar aqui por alguns minutos”, disse Van ao chegarem à Encruzilhada da Floresta, logo depois de Ardis. “Quero colher alguns boletos para o meu pai, a quem eu certamente (Bouteillan havia esboçado um gesto de deferência) transmitirei seus respeitos. Esse freio de mão — que diabo — já devia estar sendo usado quando Luís XVI emigrou para a Inglaterra.”

“Precisa ser lubrificado”, disse Bouteillan, consultando seu relógio. “É verdade, temos bastante tempo para pegar o trem das nove e quatro.”

Van mergulhou na densa vegetação. Vestia camisa de seda, paletó de veludo, culotes pretos e botas de montaria com esporas em forma de estrelas — indumentária muito pouco conveniente para *kDBkFoCCkB o rexs e o yginu a ilp fg nwlxwCAjA* Ada num caramanchão natural de choupos; *etsw ug jkAjljAnv*, ela disse:

“Van, só para não esquecer. Aqui está o código para nossa correspondência. Aprenda de cor e depois engula como um bom espiãozinho.”

“*Poste restante* nas duas direções. E quero receber pelo menos três cartas por semana, minha branca amada.”

Era a primeira vez que ele a via naquele vestido luminoso, quase tão fino quanto uma camisola. Como naquele dia Ada tinha feito uma trança, Van disse que ela se parecia com a jovem soprano Mária Kuznietsova na cena da carta da ópera *Onegin e Olga*, de Tschchaikow.

Tentando (na melhor tradição feminina) conter e disfarçar seus soluços transformando-os em exclamações emocionais, Ada apontou para um maldito inseto que havia aterrissado no tronco de um choupo.

(Maldito? *Maldito?* Tratava-se de uma borboleta recém-descrita e fantasticamente rara, *Nymphalis danaus* Nab., de um marrom alaranjado e com a parte da frente preta e branca, imitando (como se deu conta seu descobridor, o professor Nabonidus, da Universidade de Babylon, Nebraska) não diretamente a monarca, mas a monarca *por intermédio* da vice-rei, uma das imitadoras mais conhecidas da monarca. Na letra enraivecida de Ada.)

“Amanhã você vai voltar aqui com tua rede verde, minha borboleta”, disse Van com amargura.

Ela beijou todo o rosto dele, beijou as mãos, outra vez os lábios, suas pálpebras, os cabelos negros e macios. Ele beijou os tornozelos dela, seus joelhos, os cabelos negros e macios.

“Quando, meu amor, quando será a próxima vez? Em Luga? Kaluga? Ladoga? Onde, quando?”

“Não interessa”, exclamou Van. “O que interessa, o que interessa mesmo é saber... você vai ser fiel, fiel de verdade?”

“Querido, você está me cobrindo de perdigotos”, disse Ada com um riso sem brilho, enxugando os T e os F. “Não sei. Eu te adoro. Nunca vou amar ninguém em toda a minha vida como te adoro, nunca e em lugar nenhum, na eternidade ou na terrenidade, em Ladore ou na Terra, para onde dizem que vão nossas almas. Mas, meu amor, meu Van, eu sou carnal, horripelantemente carnal. Não sei, com franqueza, *qu’y puis-je?* Ah, querido, não me pergunte, há uma menina na escola que me ama, nem sei mais o que estou dizendo...”

“As meninas não têm importância”, disse Van, “são os rapazes que eu vou matar se chegarem perto de você. Ontem de noite tentei escrever um poema sobre isso para você, mas não sou capaz de fazer versos. Começava assim: ‘Ada, nossos ardores, nossos arvoredos’... mas o resto é só névoa, tente imaginar o resto.”

Abraçaram-se uma última vez, e ele saiu correndo sem olhar para trás.

Tropeçando em melões, decapitando cruelmente as ervas-doces altas e arrogantes, Van retornou à Encruzilhada da Floresta. O jovem Moore o esperava segurando as rédeas de Morio, seu cavalo negro predileto. Van agradeceu ao cavaliariço com um punhado de estelas e partiu a galope, suas luvas banhadas em lágrimas.

A fim de se corresponderem durante o primeiro período de separação, eles tinham inventado um código que foram aperfeiçoando nos quinze meses que se seguiram à partida de Van. A separação acabou durando quase quatro anos (“nosso arco-íris negro”, tal como Ada a definiu), de setembro de 1884 a junho de 1888, com dois breves interlúdios de intolerável felicidade (agosto de 1885 e junho de 1886) e alguns encontros fortuitos (“através de uma grade de chuva”). É uma chatice descrever códigos, porém cumpre, relutantemente, oferecer uns poucos pormenores básicos.

Palavras de uma única letra permaneciam sem disfarce. Em qualquer palavra mais longa, cada letra era substituída pela que a sucedia no alfabeto no ponto ordinal — segunda, terceira, quarta, e assim por diante — que correspondesse ao número de letras daquela palavra. Desse modo, “*amor*”, palavra de quatro letras, transformava-se em “*eqsv*” (já que “e” é a quarta letra após “a” na série alfabética, “q” a quarta após “m” etc.), enquanto palavras mais longas, como “*amável*”, que tornavam necessário reiniciar o alfabeto, transformavam-se em “*gsgBlr*”, onde as letras que invadiam uma nova série alfabética eram escritas em maiúsculas: o B, por exemplo, substituída o “v”, pois era a sexta letra na sequência *wxyzAB*. Nas obras populares de teorias cósmicas (as quais começam alegremente com parágrafos simples, de fácil compreensão) há um momento terrível em que, de repente, começam a pipocar fórmulas matemáticas que nos cegam por completo. Não iremos tão longe aqui. Caso se decida a acompanhar a descrição do código de nossos amantes

(este “nossos” pode constituir por si só uma fonte de irritação, mas não faz mal) com um pouquinho mais de atenção e um pouquinho menos de antipatia, é de se esperar que até mesmo o leitor de inteligência mediana possa compreender aquela “invasão” do ABC seguinte.

Infelizmente, ocorreram complicações. Ada sugeriu certas melhorias, tais como iniciar cada mensagem em francês cifrado, passando para o inglês depois da segunda palavra de duas letras, de volta ao francês após a primeira palavra de três letras, e assim por diante com variações adicionais. Graças a essas melhorias, as mensagens se tornaram ainda mais difíceis de ler do que de escrever, sobretudo porque ambos, premidos pela terna paixão, inseriam comentários posteriores, cortavam frases inteiras, reformulavam as inserções e voltavam a validar o que tinham cortado, com erros de grafia e de codificação causados tanto pela angústia inexprimível em que se achavam mergulhados quanto pela complexidade crescente dos criptogramas.

No segundo período de separação, iniciado em 1886, o código sofreu alteração radical. Van e Ada ainda sabiam de cor e salteado os setenta e dois versos do poema de Marvell “O jardim” e os quarenta do poema de Rimbaud “Memória”. Deles retiravam as letras das palavras de que necessitavam. Por exemplo, J 2.11, J 1.20 e J 2.8 significavam “*love*”, com o “J” e o número que o seguia indicando a linha do poema de Marvell, e o número seguinte indicando a posição da letra nesse verso, de tal modo que J 2.11 queria dizer “a décima primeira letra do segundo verso”. Considero isso bastante claro. E, quando o poema de Rimbaud era usado para fins de despistamento, a letra que indicava o verso era simplesmente escrita em maiúscula. Outra vez, é enfadonho explicar tudo isso, e a explicação só tem alguma graça por permitir (de forma doentia, creio eu) que se busque algum erro nos exemplos. Seja como for, esse sistema cedo provou ter defeitos ainda mais graves que os do primeiro código. A segurança exigia que nenhum dos dois possuísse os poemas impressos ou copiados à mão para consultá-los; porém, por mais

maravilhosa que fosse a memória deles, era inevitável que os erros se multiplicassem.

Corresponderam-se durante 1886 com tanta frequência quanto antes, nunca menos de uma carta por semana; curiosamente, contudo, no terceiro período de separação, de janeiro de 1887 a junho de 1888 (após uma longa chamada interurbana e brevíssimo encontro), as cartas foram rareando, caindo para apenas vinte no caso de Ada (e somente duas ou três na primavera de 1888) e mais ou menos o dobro da parte de Van. Não é possível reproduzir aqui nenhuma passagem da correspondência, pois todas as cartas foram destruídas em 1889.

(Sugiro que simplesmente se omita este capitulozinho. Anotação de Ada.)

“Marina fala maravilhas de você e diz *ujé tchúvstvuietsia ôssien*’. O que é muito russo! Sua avó repetia todo ano, na mesma data, ‘já sinto um ar de outono’, mesmo que fosse o dia mais quente do verão na *Villa Armina*: aliás, Marina nunca entendeu que se tratava de um anagrama do mar, e não do nome dela. Você está com uma aparência ótima, *sínok moi*, mas posso imaginar que não aguentava mais aquelas duas meninhas. Por isso tenho uma sugestão.”

“Ah, gostei imensamente delas”, ronronou Van. “Especialmente da Lucette.”

“Minha sugestão é... venha comigo a uma recepção hoje à noite. Nossa anfitriã é a excelente viúva de um obscuro major de Prey — obscuramente aparentado com nosso falecido vizinho, bom atirador, mas já estava ficando escuro no local do duelo e um coletor de lixo intrometido gritou na hora errada. Bem, essa senhora excepcional, que é muito influente e deseja ajudar uma amiga minha” (limpando a garganta), “tem, assim me dizem, uma filha de quinze primaveras chamada Córdula, que certamente vai te recompensar por você ter brincado de cabra-cega o verão inteiro com os bebezinhos da Floresta de Ardis.”

“Jogamos mais Scrabble e Monopólio”, disse Van. “Sua amiga que precisa de ajuda também é da minha idade?”

“É uma Duse em botão”, respondeu Demon com toda a seriedade, “e a festa tem o propósito muito claro de arranjar um pistolão para ela. Você cuida da Córdula de Prey e eu da Cordélia O’Leary.”

“*D'accord*”, disse Van.

A mãe de Córdula — uma atriz de comédia madura demais, empetecada demais e paparicada demais — apresentou Van a um acrobata turco com cabelos fulvos nas belas mãos de orangotango e os olhos flamejantes de um charlatão, coisa que ele não era, pois se tratava realmente de um grande artista dos picadeiros. Van ficou tão embevecido com sua conversa e com as generosas sugestões de treinamento que, tomado de um misto de inveja, ambição, respeito e outras emoções juvenis, pouco tempo dedicou a Córdula — baixinha, gordota, de cara redonda, enfiada num deselegante suéter de lã vermelho-escura com gola rulê — ou até mesmo à esplêndida criaturinha em cujas costas nuas a mão paterna pousava de leve quando Demon a guiava na direção deste ou daquele convidado capaz de ajudá-la. Mas, naquela mesma noite, Van encontrou-se por acaso com Córdula numa livraria e ela disse: “Aliás, Van... posso te chamar assim, não posso? Tua prima Ada é minha colega de escola. Isso mesmo. Agora, me explique, por favor, o que é que você fez com nossa Ada, em geral tão difícil? Na primeira carta que me mandou de Ardis ela se derramou — veja bem, nossa Ada se derramou! — em elogios a você, como era simpático, inteligente, diferente, irresistível...”.

“Bobinha. Quando foi isso?”

“Acho que em junho. Voltou a escrever algum tempo depois, mas a resposta dela — porque eu fiquei com muito ciúme de você, fiquei mesmo, e tinha disparado uma porção de perguntas —, bem, a resposta dela foi evasiva e praticamente nem mais te mencionou.”

Van a olhou com mais atenção do que antes. Havia lido em algum lugar (daria para recordar o título exato se fizéssemos algum esforço... Tilttil não, isso é no Barba Azul...) que um homem pode reconhecer uma lésbica jovem e desacompanhada (já que o casal de mulheres mais velhas vestindo *tailleurs* não engana ninguém) pela combinação de três características: mãos um pouco trêmulas, voz de quem está resfriada e os

olhos se desviando em pânico se você por acaso atenta com evidente aprovação para algum encanto que a ocasião a faça exhibir (ombros bonitos, por exemplo). Nada disso (ah, sim: *Mytilène, petite isle*, de Louis Pierre) parecia se aplicar a Córdula, que usava um *garbotoch* (capa de chuva com cinto) por cima do mal-ajambrado suéter de gola alta e mantinha as duas mãos enfiadas bem fundo nos bolsos enquanto o encarava sem reбуços. Os cabelos curtos tinham uma cor neutra, entre palha seca e molhada. Os olhos azul-claros eram idênticos aos encontrados em milhares de famílias fracamente pigmentadas da Estócia francesa. A boca era bonitinha como a de uma boneca quando deliberadamente fechada de modo a fazer um beicinho capaz de produzir aquilo que os retratistas chamam de “dobras de foice” (na melhor das hipóteses covinhas de forma oblonga e, na pior, as rugas que vemos nas bochechas transidas de frio das raparigas calçando botas de feltro que vendem maçãs nas ruas). Quando seus lábios se abriam, como o fizeram naquele momento, revelavam o aparelho de correção dos dentes, mas ela rapidamente se lembrou de fechar a boca.

“Minha prima Ada”, disse Van, “é uma menina de onze ou doze anos, e moça demais para se apaixonar por alguém, a não ser pelos personagens de romance. Também a achei muito meiga. Talvez um pouquinho metida a sabichona e, ao mesmo tempo, meio sem-vergonha e cheia de caprichos. Mas... isso mesmo, muito meiga.”

“Sei lá”, murmurou Córdula, com jeito pensativo e num tom tão sutil que Van foi incapaz de saber se ela queria encerrar o assunto, deixá-lo totalmente em aberto ou virar a página.

“Como posso entrar em contato com você?”, ele perguntou. “Você iria a Riverlane? Você é virgem?”

“Não saio com gente grosseira”, ela respondeu com toda a calma, “mas você pode sempre me ‘contatar’ através da Ada. Não pertencemos à mesma classe, em vários sentidos” (rindo). “Ela é um geniozinho, eu sou uma simples americana ambivertida, mas frequentamos a mesma turma

de francês avançado e as alunas do grupo dividem o mesmo dormitório. É por isso que uma dúzia de loiras, três morenas e uma ruiva, *la Rousse*, sussurram em francês durante o sono” (rindo sozinha).

“Muito divertido. Está bem, obrigado. Suponho que o número par significa camas-beliches. Bom, passar bem, como dizem as pessoas grosseiras.”

Na carta em código seguinte, Van perguntou se Córdula não seria a *liesbiânotchka* mencionada por Ada com um sentimento de culpa tão desnecessário. Eu teria mais ciúme de tua mãozinha. Ada respondeu: “Que bobagem, deixa essa fulana fora de nossos assuntos”; no entanto, embora ainda não soubesse com que galhardia Ada era capaz de mentir para proteger algum cúmplice, mesmo assim Van não ficou de todo convencido.

As regras da escola de Ada eram antiquadas e de um rigor que chegava às raias da loucura, mas faziam Marina se recordar com nostalgia do Instituto Russo para Meninas Nobres em Yukonsk (onde ela infringia as normas com muito mais facilidade e sucesso do que Ada, Córdula ou Grace em Brownhill). Três ou quatro vezes por período escolar, as moças eram autorizadas a conversar com alguns rapazes nos horríveis chás com bolos cor-de-rosa que eram servidos na Sala de Visitas da diretora. Aos domingos, mas somente de três em três semanas, as meninas de doze ou treze anos podiam encontrar-se com os filhos de famílias aristocratas numa leiteria aprovada pela escola, a alguns quarteirões de distância, desde que acompanhadas por moças mais velhas e de conduta moral impecável.

Van preparou-se intimamente para ver Ada dessa maneira, confiando em que usaria sua varinha de condão para transformar qualquer dama de companhia numa colher ou num nabo. Esses “encontros” tinham de ser aprovados pela mãe da vítima com pelo menos duas semanas de antecedência. A diretora de fala mansa, *Miss Cleft*, telefonou para Marina, que lhe disse que Ada jamais necessitaria de uma acompanhante

para sair com um primo que havia sido sua única companhia durante o verão em passeios que duravam o dia inteiro. “Este é exatamente o problema”, respondeu Cleft, “dois jovens passeando têm uma forte propensão a se entrelaçar, e há sempre um espinho perto de um botão.”

“Mas eles são praticamente como irmão e irmã”, exclamou Marina, pensando, como muita gente pouco inteligente, que “praticamente” funciona nas duas direções, reduzindo a veracidade de uma afirmação e fazendo com que um truísmo soe como uma verdade. “O que só faz aumentar o perigo”, disse a suave Cleft. “Seja como for, vou fazer uma concessão e direi a Córdula de Prey que os acompanhe: ela admira o Ivan e adora a Ada, o que só pode botar mais azeitona na empada (piadinha besta que já tinha um sabor ruim naquela época).”

“Deus meu, que *figli-migli*, que pudica”, disse Marina depois de desligar.

Num estado de espírito sombrio e sem saber o que esperar (o conhecimento prévio o teria ajudado a enfrentar a provação), Van aguardou Ada na aleia da escola, uma ruela tristonha com poças que refletiam o céu enraivecido e a cerca do campo de hóquei. De pé junto ao portão, um ginásiano local, vestido nos trinques, era o meu companheiro de espera.

Van estava a ponto de voltar para a estação de trem quando Ada apareceu — trazendo Córdula a tiracolo. *La bonne surprise!* Van as cumprimentou com uma demonstração de hedionda amabilidade (“E como vão as coisas com você, minha prima querida? Ah, Córdula! E quem é a *chaperone*, você ou a srta. Veen?”). A prima querida vestia uma reluzente capa de chuva preta e um chapéu de tecido impermeável e abas caídas — como se alguém precisasse ser salvo dos perigos da vida ou do mar. Uma minúscula rodela de esparadrapo não chegava a esconder a espinha no lado do queixo. Seu hálito cheirava a éter. O estado de espírito dela era ainda mais sorumbático que o dele. Van predisse com alacridade que iria chover. Começou a chover... a cântaros. Córdula

comentou que a capa de chuva dele, de corte militar, era muito chique. Não achava que valia a pena voltar para apanhar os guarda-chuvas, o delicioso destino dos três ficava a um pulinho de distância. Van disse que seria arriscado dar um pulinho com o chão tão molhado. Piadinha passável. Córdula riu. Ada não: pelo jeito, o desastre não deixara um único sobrevivente.

A leiteria estava tão cheia que os três decidiram caminhar sob as arcadas rumo ao café da estação. Ele sabia (mas nada podia fazer a respeito) que durante toda a noite lamentaria ter ignorado deliberadamente o fato — o fato principal, o fato angustiante — de que não havia visto sua Ada por quase três meses, e que o último bilhete dela tinha uma carga de paixão tão flamejante que a bolha do criptograma havia estourado no meio da desesperada mensagem de promessa e de esperança, deixando à mostra uma linha temerária e divina de amor não cifrado. Estavam se comportando agora como se nunca se houvessem visto antes, como se aquele fosse um encontro fortuito organizado pela *chaperone*. Pensamentos estranhos e malevolentes atormentavam a mente dele. O que exatamente — não que isso tivesse alguma importância, embora seu orgulho e curiosidade estivessem em jogo —, o que exatamente elas haviam feito, essas duas garotas malcuidadas, neste semestre, no semestre anterior, na noite passada, todas as noites, vestindo apenas a parte de cima dos pijamas, em meio aos murmúrios e gemidos daquele dormitório pervertido? Deveria perguntar? Saber escolher as palavras certas para não ferir Ada, ao mesmo tempo que fizesse a companheira de cama dela compreender como a desprezava por excitar uma criança tão morena e tão pálida, carvão e coral, as pernas longas e o corpo amolecido, soltando ganidos abafados ao se derreter no ponto culminante? Alguns minutos atrás, ao vê-las se aproximarem — Ada feiosa e nauseada mas cumprindo seu dever, Córdula roída por dentro mas corajosa, como duas prisioneiras agrilhoadas conduzidas à presença do conquistador —, Van prometera vingar-se da falsidade das duas

relatando em termos elevados, mas nos menores detalhes, o último escândalo homossexual ou pseudo-homossexual em seu colégio (um aluno mais velho, primo de Córdula, tinha sido apanhado com uma garota disfarçada de rapaz nos aposentos de um monitor eclético). Observaria o embaraço das duas, exigiria que elas lhe contassem alguma história comparável à dele. Esse impulso se havia desvanecido. Ainda tinha a esperança de livrar-se por um momento da acabrunhada Córdula e dizer algo à acabrunhada Ada que a fizesse desfazer-se em lágrimas brilhantes. Mas isso era consequência de seu *amour-propre*, e não do *sale amour* das duas. Ele morreria com um velho trocadilho nos lábios. E por que “sujo”? Será que sentia alguma angústia proustiana? Qual nada. Pelo contrário: a imagem delas se acariciando o aguilhoava seguidamente com perversa satisfação. Diante de seu olho interior, injetado de sangue, Ada surgia duplicada e enriquecida, realçada pelo entrelaçamento, dando o que ele havia dado, tomando o que ele havia tomado: Córada, Adula. Deu-se conta de que a condessa, baixote e gorducha, era parecida com sua primeira putinha, o que só fez aumentar a excitação.

Conversaram sobre seus estudos e professores. Van disse: “Gostaria de conhecer tua opinião, Ada, e a tua, Córdula, com respeito ao seguinte problema literário. Nosso professor de literatura francesa sustenta que há um grave defeito filosófico, e portanto artístico, em todo o tratamento que se dá ao romance de Marcel e Albertine. A história só faz sentido se o leitor *souber* que o narrador é bicha e que as belas e gordas bochechas de Albertine são as belas e gordas nádegas de Albert. Nesse caso, seria necessário supor, ou mesmo exigir, que o leitor soubesse tudo sobre os hábitos sexuais de cada autor para desfrutar uma obra de arte até a última gota. Meu professor afirma que, se o leitor não sabe nada acerca da perversão de Proust, a descrição detalhada de um homem heterossexual com ciúme de uma mulher homossexual se torna ridícula, porque um homem normal simplesmente se divertiria, ou até se estimularia, ao ver as brincadeiras de sua namorada com uma amiga. O professor conclui

que, se determinado romance só pode ser apreciado por *quelque petite blanchisseuse* que tenha examinado os lençóis sujos do autor, a obra é um fracasso do ponto de vista artístico”.

“Ada, de que diabo ele está falando? Algum filme italiano que andou vendo?”

“Van”, disse Ada numa voz cansada, “você não entendeu que o grupo de francês avançado da escola só avançou até Racan e Racine.”

“Esquece”, disse Van.

“Mas a verdade é que *vous* tomou uma dose violenta de Marcel”, resmungou Ada.

Sob os auspícios imbecis da escola e sob a supervisão da esposa do chefe da gare, a estação tinha uma sala de chá mais ou menos reservada para as alunas. Estava vazia, exceto por uma mulher alta e magra que usava um vestido de veludo preto e um bonito chapéu de aba larga, também de veludo preto; embora tenha permanecido sentada diante do bar onde não eram servidas bebidas alcoólicas, de costas para eles e sem voltar a cabeça para trás uma única vez, ocorreu a Van que se tratava de uma *cocotte* de Toulouse. Nosso trio encharcado encontrou uma simpática mesa de canto e, com suspiros de alívio, livrou-se das capas de chuva. Ele tinha esperança de que Ada se livrasse também do chapéu de alto-mar, mas ela não o fez porque havia cortado o cabelo devido a uma série de enxaquecas horríveis e não queria que Van a visse no papel de um Romeu moribundo.

(Temos agora uma demonstração do “*grand Joyce*” depois do “*petit Proust*”. Na linda caligrafia de Ada.)

(Continue a ler, é puro V. V. Preste atenção na mulher! Garatujado por Van na cama, apoiando-se sobre um buvar.)

Quando Ada esticou o braço para pegar o potinho de creme, Van agarrou e inspecionou sua mão, que se fez de morta. Recordações daquela linda borboleta-antíope que pousou por um instante na palma

da mão dele, as asas bem fechadas, e de repente alçou voo. Van notou, com satisfação, que as unhas dela estavam compridas e afiadas.

“Não estão afiadas demais, minha querida?”, perguntou, dirigindo-se em especial à tola Córdula, que deveria ter ido ao toailete — vã esperança.

“Não mesmo”, respondeu Ada.

“Será que você não arranha as criancinhas quando faz carinho nelas?”, continuou Van, incapaz de parar. “Veja a mão da tua amiguinha” (tomando a mão de Córdula), “olhe para estas unhas tão curtas e elegantes” (patinha fria, dócil e inocente!). “Não correm o risco de ficar presas no cetim mais fino, não é mesmo, Ardula — quer dizer, Córdula?”

As duas deram uma risadinha, e Córdula beijou o rosto de Ada. Van não sabia que reação esperava, mas aquele beijo simples o desarmou e desapontou. O ruído da chuva foi suplantado pelo trovejar crescente das rodas do trem. Van consultou o relógio de pulso e conferiu a hora no relógio de parede. Disse que sentia muito, era o seu trem que chegava.

“Não há de quê”, escreveu Ada (parafraseada aqui) em resposta aos abjetos pedidos de desculpa de Van, “só imaginamos que você estivesse bêbado. Mas nunca mais vou te convidar para me visitar em Brownhill, meu querido.”

O ano de 1880 (Aqua ainda viva, sabe-se lá como e onde) provou ser o mais memorável e talentoso de sua longa vida — longa demais, jamais suficientemente longa. Tinha dez anos. Seu pai se demorara no Oeste, onde as montanhas multicores agiam sobre Van como sempre o fizeram sobre jovens russos de grande inteligência. Era capaz de resolver um problema de cálculo digno de Euler ou aprender de cor o poema *O cavaleiro sem cabeça*, de Púchkin, em menos de vinte minutos. Junto a Andrei Andréievitch, com suas camisas brancas empapadas de suor, Van passava horas recostado na sombra violeta dos rochedos cor-de-rosa estudando os grandes e pequenos escritores russos — e decifrando, nos tetrâmetros de Liérmontov lapidados como diamantes, as alusões exageradas (embora no todo encomiásticas) às aventuras amorosas e revoadas de seu pai tal como refletidas numa outra vida. Van tentava conter as lágrimas, enquanto AAA assoava o narigão vermelho, ao lhe ser mostrada a pegada deixada no barro por Tolstói, descalço como um camponês, num motel de Utah onde ele escrevera a história de Murat, o chefe navajo e filho bastardo de um general francês assassinado em sua piscina por Cora Day. Que grande soprano Cora Day havia sido! Demon levou Van à mundialmente famosa Ópera de Telluride, no oeste do Colorado, onde apreciaram (e às vezes detestaram) os melhores espetáculos internacionais — peças inglesas em verso branco, tragédias francesas em dísticos rimados, tonitruantes dramas musicais alemães com gigantes, mágicos e um cavalo branco que defecou no palco. Teve várias pequenas paixões — mágicas de salão, xadrez, lutas de boxe na categoria

de peso penugem nas feiras locais, acrobacias equestres — e, obviamente, aquelas iniciações inesquecíveis, embora demasiado prematuras, quando sua jovem e bela professora de inglês o acariciava com grande perícia entre o milk-shake e a cama, vestindo só a anágua e já se preparando para ir a alguma festa na companhia de sua irmã, de Demon e do sr. Plunkett, um trapaceiro de cartas arrependido que agora servia como companheiro de cassino, guarda-costas, anjo da guarda, instrutor e conselheiro de Demon.

No apogeu de seus anos de aventura, o sr. Plunkett havia sido um dos maiores batoteiros (cortesmente chamados de “ilusionistas do baralho”) da Inglaterra e da América. Aos quarenta anos, no curso de uma sessão de pôquer aberto, havia sido traído por um desmaio de origem cardíaca (o qual permitiu infelizmente que as mãos sujas de um mau perdedor vasculhassem seus bolsos) e passara vários anos na prisão. Terminada a sentença e tendo se reconvertido ao catolicismo de seus ancestrais, tentou trabalhar como missionário, escreveu um livro sobre prestidigitação, assinou uma coluna sobre bridge publicada em vários jornais e ajudou a polícia em certas investigações (tinha dois filhos parrudos na corporação). A cruel devastação do tempo e alguns retoques cirúrgicos nos traços rudes não tinham tornado seu rosto cinzento mais atrativo, porém ao menos o fizeram irreconhecível para todos, com exceção de alguns velhos comparsas que agora, de qualquer modo, evitavam sua incômoda companhia. Para Van, ele era ainda mais fascinante que King Wing. Com seu jeito áspero mas bondoso, o sr. Plunkett não conseguiu deixar de explorar aquela fascinação (todos nós gostamos de ser amados), tendo ensinado ao menino os truques de uma arte tornada agora pura e abstrata, e por isso genuína. O sr. Plunkett sustentava que o uso de quaisquer recursos mecânicos, espelhos e vulgares “ancinhos de manga” terminava por ser descoberto, da mesma forma que gelatinas, musselina e mãos artificiais de borracha conspurcavam e encurtavam a carreira de um profissional do ramo. Ensinou a Van o que observar caso suspeitasse de

algum trapaceiro que se cercasse de objetos brilhantes (“árvores de Natal” ou “estrelinhas”, como esses amadores, muitos dos quais respeitabilíssimos cidadãos, eram chamados pelos profissionais). O sr. Plunkett só acreditava na habilidade manual; bolsos secretos eram úteis (embora pudessem virar ao avesso e... contra você). O essencial era “sentir” a carta, mostrar delicadeza ao empalmá-la, saber movimentar os dedos, fingir que embaralhava sem fazê-lo, identificar as cartas ao recolhê-las da mesa, substituir a primeira carta do baralho, arrumar previamente as jogadas num baralho extra e, sobretudo, desenvolver a agilidade na digitação que, graças a um treinamento intensivo, podia dar origem a verdadeiros sumiços de cartas, à materialização de um coringa ou à transformação de dois pares em quatro reis. Quando se usava secretamente um baralho adicional, o requisito básico consistia em memorizar os descartes se as mãos não tivessem sido adrede preparadas. Durante uns dois meses Van treinou truques com cartas, dedicando-se depois disso a outras recreações. Porém, tendo se revelado um bom aprendiz, tratou de manter suas poções mágicas em local fresco.

Em 1885, ao completar o preparatório, foi para a Inglaterra estudar, como haviam feito seus ancestrais, na Universidade Chose, viajando vez por outra para Londres ou Lute (nome dado pelos britânicos prósperos porém pouco refinados à encantadora e tristonha cidade cinza-pérola que ficava do outro lado do Canal).

Certo dia do inverno de 1886-87, na gélida e lúgubre Chose, em meio a um jogo de pôquer com dois franceses e um colega nos aposentos finamente decorados na Serenity Court de Dick (pois assim o chamaremos aqui), Van notou que os dois gêmeos gauleses vinham perdendo não apenas porque estavam felizes e totalmente embriagados, mas também porque *milord* era um daqueles “cretinos dos cristais” (no vocabulário de Plunkett), um homem de muitos espelhos — pequenas superfícies polidas com formatos variados e dispostas em ângulos variados, brilhando com discrição nos relógios ou anéis de sinete,

dissimulando-se como fêmeas de pirilampos na vegetação rasteira, nos pés das cadeiras, dentro dos punhos e das golas, nas bordas dos cinzeiros (cuja posição, nos suportes adjacentes, Dick não cessava de ajustar com ar distraído) —, tudo aquilo que, como qualquer bom trapaceiro pode lhe dizer, era tão idiota quanto redundante.

Já tendo perdido uma soma considerável, Van decidiu que era chegada a hora de pôr em prática certos ensinamentos. Houve uma pausa no jogo. Dick dirigiu-se ao tubo acústico no canto da sala para pedir mais vinho. Os desafortunados gêmeos passavam de um para o outro uma caneta-tinteiro, apertando seguidamente o reservatório de tinta num vaivém desastroso a fim de calcular suas perdas, superiores às de Van, que enfiou um baralho no bolso e se pôs de pé, relaxando a musculatura dos ombros fortes mas algo enferrujados.

“Dick, por acaso você já encontrou nos Estados Unidos um jogador chamado Plunkett? Quando o conheci era careca e tinha a pele cinzenta.”

“Plunkett? Plunkett? Deve ter sido antes do meu tempo. Foi ele que virou padre ou coisa que o valha? Por quê?”

“É um dos amigos do meu pai. Grande artista.”

“Artista?”

“Isso mesmo, artista. Eu sou um artista. Acho que você *pensa* que é um artista. É o que muita gente pensa.”

“Que negócio é esse de artista?”

“Um observatório subterrâneo”, retrucou Van prontamente.

“Você deve ter tirado isso de algum romance moderno”, disse Dick, pondo de lado o cigarro depois de poucas e ávidas tragadas.

“Tirei do Van Veen”, disse Van Veen.

Dick voltou para a mesa a passos lentos. O empregado chegou com o vinho. Van entrou no lavabo e, como dizia o velho Plunkett, começou a “cuidar” do baralho. Lembrou-se de que usara pela última vez suas habilidades de prestidigitador ao mostrar alguns truques para Demon —

que desaprovava seu emprego no jogo de pôquer. Ah, e também quando pacificou o ilusionista louco no hospital, obcecado com a ideia de que a gravidade tinha algo a ver com a circulação sanguínea de um Ser Supremo.

Van confiava em sua habilidade — e na estultice de *milord* —, mas duvidava de que seria capaz de mantê-la por muito tempo. Sentia pena de Dick, que, exceto por ser um vigarista amador, era um sujeito simpático, embora indolente, de rosto balofo e corpo adiposo — qualquer um podia derrubá-lo com uma pena. Ele próprio admitia com franqueza que, caso sua família continuasse se recusando a pagar a dívida imensa que acumulara com gastos banais, teria de mudar-se para a Austrália a fim de lá contrair novas dívidas e falsificar alguns cheques no caminho.

Dick agora *constatait avec plaisir*, como revelou a suas vítimas, que apenas algumas centenas de libras o separavam da soma mínima de que necessitava para tranquilizar seu mais impiedoso credor. Diante disso, continuou a depenar os pobres Jean e Jacques com uma pressa temerária, até que se viu com três ases honestos (carinhosamente dados a ele por Van) contra quatro noves agilmente convocados por Van. Seguiu-se um bom blefe contra outro ainda melhor; e, com um Van generoso servindo cartas boas mas não suficientemente boas ao jovem lorde, que continuava a usar em desespero os espelinhos, seu martírio de repente chegou ao fim (enquanto alfaiates de Londres retorciam as mãos em meio ao nevoeiro e o célebre agiota St. Priest de Chose pedia uma audiência ao pai de Dick). Depois das apostas mais violentas que Van jamais vira, Jacques mostrou sem muita esperança uma *couleur* (tal como a chamou num sussurro de moribundo) e Dick teve de aceitar a derrota com um *straight flush* contra a sequência real do mesmo naipe de seu carrasco. Van, que até o momento não encontrara a menor dificuldade em ocultar suas delicadas manobras das lentes simplórias de Dick, teve então o prazer de vê-lo observar de relance o segundo coringa que Van

palmeara enquanto recolhia e trazia para junto do peito o “arco-íris de marfim” — mais uma contribuição poética de Plunkett. Os gêmeos puseram as gravatas e vestiram os casacos, dizendo que precisavam ir embora.

“Eu também, Dick”, disse Van. “Pena que você teve de depender das tuas bolas de cristal. Muitas vezes me pergunto por que a palavra russa que caberia aqui — acho que temos um ancestral russo em comum — é igual à palavra alemã para ‘aluno de escola’ sem o *umlaut*”; e, enquanto continuava com aquela conversa mole, Van preencheu rapidamente um cheque que cobria as perdas dos franceses, deixando-os tão surpresos quanto extasiados. Pegou depois um punhado de cartas e fichas e as atirou no rosto de Dick. Os projéteis ainda estavam a caminho e ele já se lastimava do gesto cruel e vulgar, pois o infeliz não tinha a menor condição de reagir e lá ficou sentado, cobrindo um olho e examinando com o outro os óculos quebrados. Como também começou a sangrar um pouco, os gêmeos franceses trataram de oferecer-lhe dois lenços, que ele afastou com a mão num gesto desprovido de agressividade. A aurora cor-de-rosa tiritava na verde Serenity Court. Vida dura na velha Chose.

(Devia haver um símbolo para denotar aplauso. Anotação de Ada.)

Van teve acessos de raiva pelo resto da manhã e, após um longo banho quente de banheira (o melhor conselheiro, o melhor estimulante e a melhor fonte de inspiração, tirante, obviamente, o vaso sanitário), resolveu escrever um pedido de desculpas ao trapaceiro trapaceado. Enquanto se vestia, um mensageiro lhe trouxe uma mensagem de lorde C. (primo de um de seus colegas de Riverlane), na qual o dadivoso Dick propunha quitar sua dívida em troca de uma apresentação ao Clube da *Villa Vênus*, tradicionalmente frequentado por seu clã. Nenhum rapaz de dezoito anos podia ter sequer a pretensão de fazer jus a tamanha magnanimidade. Era um bilhete de ida para o paraíso. Van lutou contra sua consciência, ligeiramente acima do peso ideal (ambos exibindo um

sorrisinho irônico, como velhos companheiros numa academia de boxe) — e aceitou a oferta de Dick.

(Van, acho que você devia deixar mais claro por que razão, sendo um homem tão extraordinariamente orgulhoso e limpo — não estou me referindo aos desprezíveis imperativos físicos, somos todos feitos do mesmo barro —, por que você, meu Van tão puro, aceitou a oferta de um embusteiro que sem dúvida continuou a usar seus espelinhos depois daquele fiasco. Acho que você tem de explicar, *primo*, que estava brutalmente sobrecarregado de trabalhos escolares e, *secundo*, que não podia suportar o pensamento de que o trapaceiro, justamente por ser um escroque, sabia que você não podia desafiá-lo para um duelo e, por isso, estava a salvo ao maltratá-lo. Certo? Van, você está me ouvindo? Acho...)

Ele não continuou a brincar com seus espelinhos por muito tempo. Cinco ou seis anos mais tarde, em Monte Carlo, Van passava em frente ao terraço de um café quando alguém agarrou seu ombro, e um Dick C. comparativamente respeitável, irradiando alegria e saúde, debruçou-se sobre ele por cima das petúnias da treliça que servia como balaustrada:

“Van, deixei de lado toda aquela bosta de espelhos, trate de me dar os parabéns! Olhe, a única maneira segura é marcar as cartas! Espere, isso não é tudo, imagina que inventaram um ponto microscópico — microscópico mesmo — de um metal precioso chamado eufório, que você enfia embaixo da unha do dedo polegar. Não se pode ver o ponto a olho nu, mas uma parte minúscula do monóculo é preparada para aumentar a marca que você faz com ele, como se estivesse matando uma pulga, numa carta atrás da outra, à medida que elas vão sendo distribuídas durante o jogo. Essa é que é a beleza do troço, nenhuma preparação prévia, nenhum recurso de fora, nada! É só ir marcando as cartas! É só marcar!”, o bom Dick continuava a gritar enquanto Van já ia longe.

Em meados de julho de 1886, enquanto Van vencia o torneio de pingue-pongue a bordo de um transatlântico de luxo (que naquela época levava uma semana inteira para deslocar sua imponente estrutura branca de Dover até Manhattan!), Marina, suas filhas, a preceptora e duas criadas, ao voltar de trem de Los Angeles para Ladore, tremelicavam de febre em cada parada, atravessando os estágios mais ou menos simultâneos de uma *influenta* russa que atingira todo o grupo. Um hidrograma enviado de Chicago, que aguardava Van na casa de seu pai no dia 21 de julho (aniversário dela!), dizia: “PACIENTE DADAÍSTA IMPACIENTE CHEGA ENTRE VINTE E QUATRO E SETE CHAME DÓRIS ENCONTRO ATÉ MAIS VIZINHANÇA”.

“Isto me faz lembrar com tristeza dos *golubiânki* (*petit bleus*) que Aqua costumava me enviar”, observou Demon com um suspiro (tendo aberto automaticamente a mensagem). “Essa carinhosa Vizinhança é alguma moça que eu conheço? Pode ficar me olhando com essa cara feia, mas certamente isto *não é* a mensagem de um médico para outro.”

Van levantou os olhos para o teto da sala de café da manhã (pintado por Boucher) e, balançando a cabeça num sinal de admiração zombeteira, cumprimentou Demon por sua perspicácia. Sim, era isso mesmo: ele tinha de partir imediatamente para Asmétia (anagrama de “até mais”, entendido?) e lá encontrar uma artista louca, chamada Dóris ou Odris, que só produzia desenhos absurdos.

Van alugou um quarto sob o nome falso de Boucher na única hospedaria de Malahar, uma aldeia miserável às margens do rio Ladore, a

pouco mais de trinta quilômetros de Ardis. Passou a noite lutando contra o célebre mosquito (ou seu *primo*), que parecia gostar mais de Van do que seu desgraçado parente que circulava por Ardis. A privada no alto da escada era um buraco negro que ainda guardava os vestígios de uma explosão fecal entre as duas solas de algum gigante que ali se agachara. Às sete da manhã do dia 25 de julho, chamou a Mansão de Ardis da agência de correios de Malahar e conseguiu se conectar com Bout, que estava conectado de outra forma com Blanche e confundiu a voz de Van com a do mordomo.

“Que droga, papai”, disse ele no dorofone junto à cama, “eu agora estou ocupado!”

“Quero falar com a Blanche, seu idiota”, rosnou Van.

“*Oh, pardon*”, exclamou Bout, “*un moment, Monsieur.*”

Ouviu-se o som inconfundível de uma garrafa sendo aberta (bebendo vinho branco às sete da manhã!), e Blanche tomou o fone. Entretanto, mal Van começara a ditar a mensagem cuidadosamente formulada que devia ser transmitida a sua prima, quando Ada, que tinha passado a noite em claro, atendeu ela própria do quarto das crianças, onde o aparelho de som mais límpido da casa vibrava e borbulhava sob um barômetro falecido tempos atrás.

“Forquilha na floresta em quarenta e cinco minutos. Perdão pelos perdigotos.”

“Torre!”, respondeu sua voz doce e melodiosa, tal qual um piloto no azul do céu poderia dizer “Roger”.

Ele alugou uma motocicleta — máquina venerável, o selim forrado com feltro de mesa de bilhar e guidons pretensiosos com punhos de falsa madrepérola — e disparou por uma estreita estradinha de floresta, sacolejando ao passar por cima das raízes das árvores. A primeira coisa que viu foi a cintilação estelar da bicicleta abandonada: ela estava de pé, as mãos na cintura, anjo branco de cabelos negros, olhando para outro lado num torpor de timidez, vestindo um robe atoalhado e calçando

chinelos. Ao tomá-la nos braços e levá-la para dentro do bosque, Van sentiu como o corpo dela queimava de febre, mas só compreendeu quão doente Ada estava quando, após dois espasmos de paixão, ela se levantou cambaleante, coberta de formiguinhas marrons, e quase caiu, murmurando algo sobre o fato de que os ciganos tinham roubado os *jeeps* deles.

Foi um encontro tão animalesco quanto celestial. Ele não conseguia lembrar-se...

(É verdade, nem eu. Ada.)

... de uma única palavra que falaram, uma pergunta, uma resposta. Levou-a de volta às pressas para tão perto da casa quanto ousou fazê-lo (tendo empurrado com o pé a bicicleta para o fundo de uma moita de samambaias). E, naquela noite, quando telefonou para Blanche, ela lhe disse num sussurro dramático que *Mademoiselle avait une belle pneumonie, mon pauvre Monsieur*.

Ada já estava bem melhor três dias depois, porém Van tinha de retornar a Man a fim de embarcar no mesmo navio de volta à Inglaterra — para integrar uma trupe de circo com pessoas a quem ele não podia decepcionar.

Seu pai compareceu ao embarque. Demon pintara o cabelo de um preto ainda mais preto. Usava um anel de diamante que reluzia tanto quanto um pico do Cáucaso. Suas longas asas negras oceladas de azul tremulavam na brisa marinha. *Liúdi ogliádivalis* (as pessoas se viravam para trás a fim de vê-lo). Uma Tâmara temporária — os olhos realçados com lápis preto, os lábios pintados de um vermelho do Kazbek, enrolada numa estola rosa-flamingo — era incapaz de decidir o que mais agradaria a seu demoníaco amante: ficar só gemendo e ignorando o bonito filho dele, ou render tributo à virilidade do Barba Azul tal como refletida no emburrado Van, que não suportava o perfume caucasiano que ela usava (Graniel Maza, sete dólares o vidro).

(Sabe, Van, este é meu capítulo predileto até agora. Não sei por quê, mas o adoro. E você pode até deixar Blanche nos braços de seu amiguinho, nem isso importa. Na caligrafia mais afetuosa de Ada.)

Em 5 de fevereiro de 1887, um editorial não assinado no *Ranter* (o semanário de Chose habitualmente tão sarcástico e capcioso) descreveu o desempenho de Mascodagama como “o espetáculo mais inventivo e mais extraordinário jamais oferecido a uma plateia blasée de teatro de variedades”. Outras apresentações foram feitas no Clube Rantariver, mas nada no programa ou nos cartazes, além da referência a um “excêntrico estrangeiro”, fornecia alguma indicação sobre a natureza exata do espetáculo ou sobre a identidade do artista. Rumores cuidadosa e inteligentemente espalhados pelos amigos de Mascodagama alimentavam a especulação de que se tratava de um misterioso visitante vindo do outro lado da Cortina de Ouro, sobretudo porque pelo menos meia dúzia de membros de uma grande companhia circense então em viagem de boa vizinhança à Tartária (isto é, às vésperas da Guerra da Crimeia) — três dançarinas, um velho e doente palhaço com seu bode falante e um maquiador casado com uma das dançarinas, sem dúvida um agente múltiplo — já haviam desertado entre a França e a Inglaterra, em algum ponto do recém-construído “Chunnel”. O espetacular êxito de Mascodagama num circuito teatral que normalmente se limitava a apresentar peças elisabetanas, com rainhas e fadas interpretadas por belos rapazes, teve um grande impacto inicial sobre os cartunistas. Reitores de universidades, políticos locais, homens de Estado e, naturalmente, o então líder da Horda de Ouro foram retratados como mascodagamas pelos humoristas dos jornais. Um imitador grotesco (na verdade o próprio Mascodagama numa paródia supersofisticada de seu espetáculo!)

foi vaiado em Oxford (uma universidade só para mulheres próxima a Chose) por desordeiros das vizinhanças. Um repórter atilado, que o ouvira imprecar contra uma dobra no tapete do palco, comentou no jornal que o artista tinha “pronúncia ianque”. O prezado sr. “Vascodagama” foi convidado ao Castelo de Windsor por seu proprietário, um descendente bilateral dos antepassados de Van, mas declinou o convite por suspeitar (incorretamente, como depois se verificou) que, à luz do erro de grafia, sua verdadeira identidade tivesse sido descoberta por um dos agentes secretos que operavam em Chose — o mesmo, talvez, que pouco tempo antes salvara o psiquiatra P. O. Tiômkin do punhal do príncipe Potiômkin, um jovem desequilibrado natural de Sebastopol, Id.

Durante suas primeiras férias de verão, Van trabalhou sob a supervisão de Tiômkin na famosa clínica de Chose enquanto preparava uma tese ambiciosa, que nunca chegou a completar, intitulada *Terra: realidade eremítica ou sonho coletivo?*. Entrevistou numerosos neuróticos, entre os quais artistas de variedades e literatos, e pelo menos três cosmólogos intelectualmente lúcidos mas espiritualmente “perdidos”, que ou faziam parte de um conluio telepático (pois nunca se haviam encontrado nem sabiam da existência dos demais), ou tinham descoberto, sabe-se lá como e onde, talvez por meio de alguma espécie de “ôndula” proibida, um mundo verde que girava no espaço e espiralava no tempo; este mundo era semelhante ao nosso em termos de espírito-e-matéria e foi por eles descrito com idênticos pormenores, como três pessoas que assistissem de três janelas diferentes ao mesmo desfile carnavalesco na mesma rua.

Van passava as horas livres numa dissipação total.

Por volta de agosto, foi-lhe oferecido um contrato para fazer uma série de apresentações às tardes e às noites num famoso teatro de Londres durante as férias natalinas e nos fins de semana ao longo de todo o inverno. Aceitou com prazer, pois estava muito necessitado de ganhar certa distância de seus perigosos estudos: o tipo especial de obsessão que

acometia os pacientes de Tiômkin parecia capaz de também contaminar pesquisadores mais jovens.

Como era inevitável, a fama de Mascodagama chegou aos grotões da América: uma fotografia dele — mascarado, é verdade, porém incapaz de enganar um parente querido ou um criado fiel — foi reproduzida nos jornais de Ladore, Ladoga, Laguna, Lugano e Luga na primeira semana de 1888, mas não a reportagem que a acompanhava. Só o trabalho de um poeta (“especialmente do grupo do Campanário Negro”, como disse um gozador) poderia descrever de modo adequado as vibrações macabras que caracterizavam a extraordinária exibição de Van.

O palco estava sempre vazio ao subirem as cortinas. Após cinco batidas de coração de suspense teatral, algo preto e enorme despontava dos bastidores ao som dos tambores de dervixes. O choque causado por sua entrada súbita e poderosa afetava as crianças na plateia de forma tão profunda que, por muito tempo, na treva das insônias cortadas por soluços, no esplendor de violentos pesadelos, os meninos e meninas mais impressionáveis reviviam, com acréscimos particulares, algo semelhante à “ansiedade primordial”, uma maldade informe, o frêmito de asas inominadas, a insuportável dilatação febril soprando como um vento de caverna do palco misterioso. Na luz crua do espaço atapetado em cores berrantes, irrompia um gigante mascarado, com mais de dois metros e quarenta de altura, correndo veloz no tipo de botas macias usadas pelos dançarinos cossacos. Um enorme capote negro e felpudo, do gênero *burka*, envolvia sua *silhouette inquiétante* (segundo uma correspondente da Sorbonne — guardamos todos aqueles recortes) do pescoço ao joelho, ou o que pareciam ser essas partes do corpo. Uma máscara negra ocultava a parte superior do rosto, coberto de espessa barba e encimado por um gorro de astracã. O desagradável colosso andava com passos arrogantes de um lado para o outro do palco, adotando depois o caminhar incessante de um louco enjaulado; de repente, Mascodagama rodopiava e, acompanhado por um fragor de címbalos que subia da orquestra e

pelos gritos de terror (talvez fingidos) vindos do balcão, dava uma cambalhota e se plantava de cabeça para baixo

Nessa estranha posição, com o gorro fazendo as vezes de uma plataforma pseudopodal, pulava para cima e para baixo, como um daqueles brinquedos de mola, até que, subitamente, se desfazia em pedaços. O rosto de Van, brilhando de suor, aparecia sorrindo entre as pernas, cujas botas ainda calçavam os braços erguidos bem alto sobre a cabeça. Ao mesmo tempo, seus pés verdadeiros chutavam para longe a falsa cabeça com o gorro amassado e a máscara barbada. A inversão mágica “tirava o fôlego dos espectadores”. Retomada a respiração coletiva, seguiam-se aplausos frenéticos (“ensurdecedores”, “delirantes”, “uma verdadeira tempestade”). Ele saía de cena aos saltos, retornando um momento depois, agora enfiado numa malha colante negra, para executar uma dança endemoniada usando as mãos como único apoio.

Devotamos tanto espaço para descrever sua exibição não apenas porque os artistas de variedades do tipo “excêntrico” costumam ser esquecidos com grande rapidez, mas também porque cumpre analisar a excitação que isso lhe causava. Nenhuma bola apanhada milagrosamente num campo de críquete, nenhum gol glorioso marcado num jogo de futebol (ele fazia parte do time da universidade nesses dois esportes magníficos), nem outros sucessos físicos anteriores, tal como ter nocauteado o mais forte brigão do Colégio Riverlane no primeiro dia de aula, nada disso jamais dera a Van a satisfação que Mascodagama sentia. Essa satisfação não estava relacionada diretamente com o hálito quente da ambição alcançada, embora já bem velho, ao rememorar uma vida de esforços não reconhecidos, Van efetivamente saudasse com um prazer folgazão — mais prazer até do que sentira no passado — a aclamação banal e a inveja vulgar que o acompanharam durante aquele breve período de sua juventude. A essência da satisfação só se assemelhava às emoções que Van mais tarde extrairia das tarefas extravagantemente difíceis e aparentemente absurdas que V. V. se impunha ao buscar

expressar algo que, *até* ser de fato formulado, tinha apenas uma existência crepuscular (ou mesmo nenhuma existência — apenas a ilusão da sombra retrospectiva de sua expressão iminente). Era o castelo de cartas de Ada. O truque de colocar uma metáfora de cabeça para baixo, não pelo prazer da dificuldade, mas a fim de ver uma cascata em que as águas caem para cima ou um pôr do sol ao contrário: em certo sentido, um triunfo sobre a seta do tempo. Assim, o êxtase que o jovem Mascodagama sentia ao vencer a gravidade se assemelhava ao da revelação artística no sentido total e naturalmente desconhecido para críticos despreparados, comentaristas da cena social, moralistas, comerciantes de ideias, e assim por diante. Van, no palco, executava organicamente aquilo que suas figuras de retórica fariam mais tarde — maravilhas acrobáticas que elas não pareciam capazes de produzir e que causavam medo às crianças.

Mas o simples prazer físico de andar sobre as mãos também não era um fator insignificante, e as manchas multicores com que o tapete do palco marcava a palma de suas mãos durante a dança sem luvas pareciam os reflexos de um outro mundo ricamente colorido que ele fora o primeiro a descobrir. Para o número de tango, que encerrava o espetáculo em sua derradeira turnê, foi-lhe dada como companheira uma dançarina de cabaré da Crimeia que usava um vestido de lantejoulas curto com ousado decote nas costas. Ela cantava o tango em russo:

Pod znóinim niébom Arguentíni, [Sob o céu mormacento da Argentina,

Pod strástni góvor mandolíni Ao som caloroso da mandolina]

A frágil e ruiva “Rita” (nunca soube seu nome verdadeiro) — uma bonita caraíta de Chufut Kale, onde, segundo ela lembrava com nostalgia, as flores amarelas do corniso da Crimeia (*kizíl*) brotavam em meio às rochas áridas — guardava estranha semelhança com a Lucette de dez anos depois. Ao dançarem, tudo o que Van via dela eram as sapatilhas prateadas volteando ou marchando agilmente em compasso

com suas mãos. Ele se recuperava durante os ensaios, e certa noite convidou-a para saírem juntos. Ela recusou com indignação, dizendo que adorava seu marido (o tal especialista em maquiagem) e odiava a Inglaterra.

Chose era famosa tanto pela dignidade de seus regulamentos como pelo brilho de seus traquinas. A identidade de Mascodagama não podia escapar ao interesse, e mais tarde ao conhecimento das autoridades da universidade. Seu orientador de tese, um homossexual decrépito e sorumbático, sem uma gota de humor e com um respeito inato por todas as convenções da vida acadêmica, chamou a atenção de um Van irritadíssimo e quase descortês para o fato de que, em seu segundo ano de Chose, não era razoável que ele combinasse estudos universitários com atividades circenses, e que, caso insistisse em transformar-se num artista de variedades, seria simplesmente expulso. O velho ranzinza também escreveu uma carta a Demon pedindo-lhe que fizesse o filho trocar as proezas físicas pela filosofia e pela psiquiatria, sobretudo porque Van havia sido o primeiro americano a ganhar (aos dezessete anos!) o prêmio Dudley (por um ensaio sobre a Insanidade e a Vida Eterna). Ao partir para a América, nos primeiros dias de junho de 1888, Van ainda não sabia ao certo como equilibrar orgulho e prudência.

Van voltou à Mansão de Ardis em 1888. Chegou numa tarde nublada de junho, sem ser esperado, sem ser convidado, sem ser necessário, com um colar de diamantes enrolado no bolso. Ao se aproximar por um gramado lateral, viu uma cena extraída de alguma vida nova que estava sendo ensaiada para um filme desconhecido, sem ele nem para ele. Uma grande festa parecia estar chegando ao fim. Três moças em vestidos azul-amarelados da grife Vass, com elegantes faixas multicores, cercavam um jovem meio gorducho, algo careca e metido a janota que, segurando uma taça de champanhe, olhava do alto do terraço da sala de estar para uma quarta moça com um vestido preto sem mangas. Em frente ao alpendre, um chofer grisalho tentava fazer pegar o motor de um velho carrinho esporte que tremelicava a cada giro da manivela, enquanto aqueles braços nus, bem esticados, mantinham aberto o manto branco da baronesa von Skull, tia-avó da moça. Contra o alvor do manto, a nova silhueta de Ada, alta e magra, destacava-se num perfil feito de preto — o preto do alinhado vestido de seda sem mangas, sem ornamentos, sem memórias. Com gestos lentos a velha baronesa procurava alguma coisa sob uma axila, depois sob a outra — que seria, uma muleta, a ponta pendente de um brinco brincalhão? — e, ao se voltar para receber o manto (já então retirado das mãos de sua sobrinha-neta por um lacaio moroso, admitido recentemente), Ada também girou o corpo e revelou a lividez de seu pescoço, ainda não maculado por nenhuma joia, ao subir correndo os degraus do alpendre.

Van a seguiu para dentro da casa, desviando-se das colunas do vestíbulo, abrindo espaço em meio a um grupo de convidados, rumando para uma mesa distante com jarras de cristal cheias de *ambrozia* de cerejas. Contrariando a moda, ela não estava usando meias; as barrigas de suas pernas eram fortes e pálidas, e (tenho aqui uma anotação para um romance-fantasma) “o decote profundo do vestido preto criava um forte contraste entre a familiar brancura opaca de sua pele e o negrume brutal do rabo de cavalo de seu novo penteado”.

Apesar de excludentes, duas emoções o envolveram: de um lado, a certeza devastadora de que tão logo ele atingisse, no labirinto de um pesadelo, o pequeno quarto vividamente lembrado onde havia uma cama e um lavatório de criança, ela chegaria trazendo sua nova, esbelta e macia beleza; e, do lado em sombra, o pânico agudo de encontrá-la mudada, odiando o que ele desejava, condenando aquilo como algo errado, explicando-lhe novas e terríveis condições — que ambos estavam mortos ou só existiam como figurantes numa casa alugada por algum estúdio cinematográfico.

As muitas mãos que lhe ofereciam vinho, amêndoas ou elas próprias o impediam de alcançar o objetivo quimérico. Mas ele continuava a avançar malgrado as arremetidas de reconhecimento: tio Dan, soltando um grito de surpresa, apontou-o a um estranho que fingiu se mostrar pasmo com a singularidade daquele truque óptico. Segundos depois, uma Marina repintada, de peruca vermelha, muito bêbada e chorosa, grudou os lábios recedentes a vodca com cereja nas bochechas e outras partes não protegidas do rosto de Van, emitindo abafados sons maternos, entre gemidos e mugidos, na melhor tradição dos afagos russos.

Ele se desvencilhou e prosseguiu na perseguição. Ada passara agora à sala de estar, mas, pela expressão de suas costas, pela tensão das omoplatas, Van sentiu que o havia visto. Ele tratou de secar o ouvido molhado que ainda zumbia, respondendo com um aceno de cabeça ao

copo erguido por um sujeito louro e corpulento (Percy de Prey? Ou será que Percy tinha um irmão mais velho?). Uma quarta moçoila, usando também a “criação” de verão (milho e centáurea-azul) do famoso costureiro canadense, parou Van a fim de informá-lo, fazendo um beicinho simpático, de que se esquecera de quem ela era, o que não deixava de ser verdade. “Estou exausto. A pata de meu cavalo ficou presa no buraco de uma tábuia podre da ponte de Ladore e ele teve de ser sacrificado. Fui obrigado a andar treze quilômetros. Acho que estou sonhando. E acho que você se chamava Sonho de Verão, não é?” “Não, eu sou a Córdula!”, ela gritou, porém Van já tinha partido.

Ada havia desaparecido. Van jogou fora o sanduíche de caviar, que se deu conta de estar carregando como se fosse um bilhete de entrada para algum espetáculo. Entrou na copa e disse ao novo laçai, irmão de Bout, que o levasse a seu velho quarto e lhe trouxesse uma daquelas banheiras de borracha que usara quatro anos antes, quando não passava de um menino. Bem como um pijama qualquer. Seu trem tinha enguiçado em pleno campo, entre Ladoga e Ladore, e ele tivera de caminhar trinta e dois quilômetros, sabe-se lá quando é que mandariam suas malas.

“Acabaram de chegar”, disse o verdadeiro Bout, com um sorriso ao mesmo tempo confidencial e pesaroso (Blanche tinha dado o fora nele).

Antes de tomar banho, Van se esticou para fora da estreita janela a fim de ver os loureiros e lilases que margeavam o alpendre, de onde subia o bruaá das alegres despedidas. Avistou Ada. Viu-a correr atrás de Percy, que pusera a cartola cor de pérola e se afastava atravessando o gramado. Isso lhe trouxe à mente a lembrança quase apagada de um padoque onde certa feita Percy e ele haviam conversado sobre um cavalo manco e Riverlane. Ada alcançou o rapaz numa mancha repentina de sol; ele parou e ela ficou lhe falando e sacudindo os cabelos como fazia quando estava nervosa ou aborrecida. De Prey beijou-lhe a mão. Isso era coisa de francês, mas não fazia mal. Ficou segurando a mão que beijara enquanto

ela falava, e então voltou a beijá-la — e isso não era coisa que se fizesse, isso era pavoroso, isso não podia ser tolerado.

Abandonando seu posto de observação, Van, nu, procurou algo nas roupas que despira. Achou o colar. Numa fúria glacial, arrebentou-o em trinta, quarenta granizos reluzentes, alguns dos quais caíram aos pés dela quando irrompeu no quarto.

Ada varreu o chão com os olhos.

“Que pena...”, começou.

Van citou com toda a calma a resposta final do célebre conto de *Mlle. Larivière*: “*Mais, ma pauvre amie, elle était fausse*” — o que, nesse caso, era uma amarga mentira. No entanto, antes de recolher os diamantes espalhados por todos os lados, Ada trancou a porta e o abraçou, chorando. O toque de sua pele e do tecido de seda resumia o que é a mágica de viver... mas por que todo mundo me recebe com lágrimas? Queria saber também se aquele era Percy de Prey. Era. Que tinha sido expulso de Riverlane? Ela supunha que sim. Ele havia mudado, tinha ficado gordo como um porco. Tinha mesmo, não é? Era o novo queridinho dela?

“E agora”, disse Ada, “Van vai parar de ser vulgar... e parar para sempre! Porque eu tive, tenho e sempre terei um único amor, um único rancor, uma única tristeza, uma única alegria.”

“Podemos recolher tuas lágrimas depois”, ele disse, “não aguento esperar mais.”

Os lábios de Ada se abriram quentes e trêmulos, porém, quando Van tentou puxar o vestido por cima de sua cabeça, ela se esquivou com um murmúrio de negação relutante, pois a porta acabara de entrar em ação: podiam se ouvir dois pequenos punhos martelando no lado de fora, num ritmo que ambos conheciam muito bem.

“Oi, Lucette!”, Van gritou. “Estou trocando de roupa, vá embora.”

“Oi, Van! Estão chamando pela Ada, não por você. Eles querem que você desça, Ada!”

Um dos gestos de Ada — utilizado quando ela tinha de exprimir num lampejo mudo todas as facetas de sua agrura (“Olha, eu tinha razão, é sempre assim, *nitchegó nie podielaiech* — nada a fazer”) — consistia em traçar com as duas mãos o contorno de um vaso invisível, da borda até a base, acompanhado de uma reverência melancólica. Foi o que ela fez antes de sair do quarto.

A situação se repetiu algumas horas depois de um modo bem mais agradável. Para o jantar, Ada usou outro vestido, de algodão carmesim, e, quando se encontraram à noite (no velho depósito de ferramentas, à luz de uma lanterna de carbureto), ele abriu o zíper com tal impetuosidade que quase rompeu o vestido em dois para expor toda a beleza dela. Ainda estavam em plena ação (no mesmo banco coberto com o mesmo roupão axadrezado — trazido de propósito), quando a porta de fora se abriu sem fazer ruído e Blanche deslizou para dentro do depósito como um fantasma impudico. Ela tinha sua própria chave, voltava de um encontro amoroso com o velho Sore, o vigia noturno da Borgonha, e lá ficou como uma idiota contemplando o jovem casal. “Na próxima vez, bata antes de entrar”, disse Van com um sorriso malicioso e sem se preocupar em parar — na verdade, divertindo-se com a mágica aparição: ela vestia uma capa de esquilo siberiano que Ada perdera na floresta. Ah, Blanche tinha ficado maravilhosamente bonita e *elle le mangeait des yeux* — porém Ada fechou a lanterna com um safanão e, resmungando mil desculpas, a devassa saiu tateando em busca do corredor. Ada não conseguiu reprimir uma risadinha e Van retomou sua apaixonante tarefa.

Foram se demorando por ali, incapazes de se separar, sabendo que qualquer explicação serviria se alguém desejasse saber por que seus quartos tinham ficado vazios até de madrugada. O primeiro raio da aurora retocou com tinta verde uma caixa de ferramentas, quando então, movidos por fim pela fome, eles se levantaram e voltaram à copa no mais absoluto silêncio.

“*Tchto, víspsia, Vahn* (e então, Van, dormiu até não poder mais)?”, disse Ada, imitando com perfeição a voz de sua mãe e continuando no inglês de Marina: “Posso avaliar por seu apetite. E creio que é só o primeiro *brekfest*”.

“Puxa”, rosnou Van, “meus joelhos! Aquele banco foi cruel. E estou morto de fome.”

Ficaram sentados à mesa de café da manhã, um de frente para o outro, mastigando pão preto com manteiga fresca, presunto da Virgínia e nacos do genuíno queijo *emmenthal* — (“olha aqui esse mel transparente”): dois alegres primos “atacando a geladeira”, como faziam as crianças nos velhos contos de fada, e os tordos assoviando melodiosos no jardim verde-esmeralda enquanto as sombras verde-musgo escondiam suas garras.

“Meu professor de teatro”, disse Ada, “acha que eu sou melhor nas farsas do que nas tragédias. Se ele soubesse!”

“Não há nada para saber”, retrucou Van. “Nada, nada mudou! Mas essa é uma impressão geral, estava muito escuro naquele lugar para julgar os detalhes. Vamos examiná-los amanhã em nossa pequena ilha: ‘Minha irmã, você se lembra ainda...’.”

“Ah, cale a boca!”, disse Ada. “Deixei para lá todas essas coisas — *petit vers, vers de soie...*”

“Ora, ora”, interrompeu Van, “algumas das rimas eram belas acrobacias para a mente de uma criança: ‘*Oh! Qui me rendra ma Lucille, et le grand chêne and zee big hill*’. A pequena Lucille”, ele acrescentou, tentando dissipar com uma piada os cenhos franzidos de Ada, “a pequena Lucille ficou tão aveludada que vou te trocar por ela se você continuar de mau humor assim à toa. Lembro que a primeira vez que você ficou aborrecida comigo foi quando joguei uma pedra numa estátua e assustei um tentilhão. Isso é que é memória!”

Ela estava de mal com a memória. Achava que os criados acordariam logo e então eles poderiam comer algo quente. A geladeira só tinha coisas

doces.

“Por que triste de repente?”

Sim, ela estava triste, respondeu, estava numa tremenda encrenca, e o dilema em que se encontrava podia levá-la à loucura se não tivesse a certeza de que seu coração era puro. Podia explicar tudo melhor com uma parábola. Era como a garota no filme que ele iria ver em breve, a qual se defronta com três facetas de uma tragédia que precisa ocultar sob pena de perder seu único e verdadeiro amor, a ponta da flecha, a ponta da dor. Em segredo, está lutando simultaneamente contra três tormentos: tentando escapar de uma relação tediosa que vem se arrastando há muito tempo com um homem casado, de quem ela tem pena; tentando cortar pela raiz uma aventura louca com um jovem e atraente boboca, de quem ela tem ainda mais pena; e tentando manter intacto o amor do único homem que é tudo em sua vida e está acima da pena, acima da pobreza de sua comiseração de mulher, porque, como consta do enredo, o ego dele é mais rico e mais orgulhoso do que aqueles dois pobres vermes poderiam imaginar.

O que ela tinha feito com os pobres vermes depois da morte inesperada de Krolik?

“Ah, soltei todos” (um largo e vago gesto), “espalhei pelo mato, botei em cima das plantas apropriadas. Enterrei os que estavam em estado de crisálida, disse a eles para saírem correndo enquanto os passarinhos não os viam — ou, infelizmente, fingiam que não os viam. Bom, para encerrar aquela parábola, porque você tem o dom de interromper e desviar meus pensamentos, em certo sentido também estou sofrendo três formas de tortura. A principal, óbvio, é a ambição. Sei que nunca serei uma bióloga, minha paixão pelas criaturas que rastejam é grande, mas não devoradora. Sei que vou sempre adorar as orquídeas, os cogumelos e as violetas, e você ainda vai me ver sair sozinha para vagar sozinha pela floresta, voltando sozinha com um único lírio. Mas as flores, por mais irresistíveis que sejam, também terão de ser abandonadas, tão logo eu

tenha forças para isso. Restam a grande ambição e o maior terror: o sonho da escalada mais arriscada e mais íngreme nos píncaros azuis da arte cênica — provavelmente para acabar como uma dessas centenas de velhinhas solteironas que dão aulas de teatro, sabendo, como você repete com sinistra insistência, que não podemos nos casar, além de ter sempre diante de mim o terrível exemplo da patética, medíocre e corajosa Marina.”

“Bem, esse negócio da solteirona é bobagem”, disse Van, “vamos resolver isso de alguma maneira, vamos nos tornar parentes cada vez mais distantes por conta de uns documentos artisticamente falsificados e por fim seremos apenas pessoas que têm sobrenomes iguais. Ou, na pior das hipóteses, vamos viver num cantinho bem quieto, você como minha empregada doméstica, eu como um pobre epilético que precisa de cuidados especiais, e então, como dizia teu Tchékhev, ‘veremos todo o céu cravejado de brilhantes’.”

“Você encontrou todos eles, tio Van?”, Ada perguntou, suspirando e encostando a cabeça dolente no ombro dele. Ela havia lhe contado tudo.

“Mais ou menos”, respondeu Van, sem se dar conta de que ela havia confessado tudo. “Seja como for, fiz um estudo cuidadoso do chão mais poeirento jamais visto por qualquer personagem romântico. Uma danada de uma pedrinha rolou para baixo da cama, onde cresce uma floresta virgem de felpas e fungos. Vou mandar refazer o colar em Ladore na primeira vez que for lá. Tenho uma porção de coisas para comprar — um belo roupão em homenagem à nova piscina de vocês, um creme chamado *Chrysanthemum*, um par de pistolas de duelo, um colchão de praia dobrável, de preferência preto — para realçar teu corpo não na praia, mas naquele banco em nossa *isle de Ladore*.”

“Embora”, disse ela, “eu não aprove que você faça o papel ridículo de procurar pistolas em lojas de antiguidade, sobretudo quando a Mansão de Ardis está cheia de velhos rifles, espingardas e revólveres, arcos e